

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE

JOEDSA WANESSA OLIVEIRA

**HELIÔNIA CERES E O DEBATE SOBRE MULHER E GÊNERO NA SUA PRODUÇÃO
JORNALÍSTICA, FICCIONAL E MILITÂNCIA**

Maceió
2020

JOEDSA WANEISSA OLIVEIRA

**HELIÔNIA CERES E O DEBATE SOBRE MULHER E GÊNERO NA SUA PRODUÇÃO
JORNALÍSTICA, FICCIONAL E MILITÂNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Alagoas como requisito
parcial para obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel

Maceió

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- O48h Oliveira, Joedsa Wanessa.
 Heliônia Ceres e o debate sobre mulher e gênero na sua produção jornalística, ficcional e militância / Joedsa Wanessa Oliveira. – 2021.
 119 f. : il. color.
- Orientador: Osvaldo Batista Acioly Maciel.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2020.
- Bibliografia: f. 87-103.
Anexos: f. 104-119.
1. Ceres, Helionia, 1927-1999. 2. Marxismo. 3. Relações de gênero. 4. Literatura. I. Título.

CDU: 94:82-92

Catálogo

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Ao meu falecido padrasto, José Arnaldo Alexandre Brandão, que se orgulharia de mim nesse momento, mais que um pai.

AGRADECIMENTOS

Gratidão...

Ao Universo, que atende e conspira a favor da nossa vibração verdadeira. Entendamos isso para que sejamos seres evoluídos neste projeto terra, e assim possamos dar um progresso à humanidade.

Ao meu filho Ryan, minha dádiva, ele que é minha motivação para tudo nesse sistema, e para promover sua supressão, ele que me abarca com amor e compreensão sempre, por ser uma criança maravilhosa e também atrapalhada, mas cheia de LUZ, que me escolheu como mãe para amá-lo e acolhê-lo incondicionalmente.

À minha família, mãe Josefa Oliveira e irmã Susana Suele, por todos os dias de sacrifício educacional com meu filho para que eu fizesse a coisa que mais amo na vida: ESTUDAR!

Aos amigos queridos da faculdade, dentre eles Tarssia Clires e Thais Noan, e aos dos outros cursos como a Deise Kornazeswiske, pela admiração que elas me têm, de uma maneira que eu nem as entendo. Andreza e César pelo apoio moral e intelectual experiência que eles possuem, por terem se formado na mesma instituição de ensino e conhecerem suas “mazelas” e virtudes.

Aos professores Célia Nonata, Osvaldo Maciel e Robertinho - O melhor historiador das Alagoas - pela competência e pelos ensinamentos em toda a trajetória acadêmica, que me proporcionaram o entendimento necessário para concluir essa jornada.

Às professoras Ana Paula Palarmathuck e Ana Clara Magalhães, pelo comprometimento com a minha qualificação e defesa, além da grande contribuição com os assuntos literários.

Ao ex-namorado Santiago Camargo, pela paciência.

E à querida Cleuza Dias.

“Eu nasci com o signo errado
Na casa errada
Com o ascendente errado
Eu segui o caminho errado
Que me levou a tendências erradas
Eu estava no lugar errado, na hora errada
Pelo motivo errado e a rima errada
No dia errado da semana errada
Usei o método errado com a técnica errada
Há algo de errado comigo quimicamente
Algo de errado comigo inerentemente
A mistura errada nos genes errados
Eu alcancei os fins errados pelos meios errados
Era o plano errado nas mãos erradas
A teoria errada para o homem errado
Os olhos errados no prêmio errado
As perguntas erradas com as respostas erradas
Eu estava seguindo os princípios errados
Com a escória errada
Extravasando a energia errada
Usando todas as linhas erradas
E os sinais errados
Com a intensidade errada
Eu estava na página errada do livro errado
Com a versão errada do olhar errado
Com a lua errada, toda noite errada
Com a música errada tocando até que soasse certa.

Muito tempo” (Errado, Depeche mode, 2009)

RESUMO

Esta dissertação é uma análise historiográfica de um recorte da produção jornalística e artística da intelectual alagoana Heliônia Ceres. O estudo tem como finalidade refletir sobre a questão de gênero posta nessa produção. O estudo parte da exploração das fontes encontradas em seu fundo pessoal, cobrindo um período de três décadas. Para a perquirição deste objeto foi necessária uma consideração metodológica sobre esse recorte das fontes. Num primeiro momento, o objetivo principal foi examinar dentro de um tempo histórico as publicações dos cadernos da página Gazeta Feminina, que são fontes de natureza jornalísticas. No que toca à dimensão literária, as fontes são seus livros de contos, que aqui serão analisados distanciando-os da análise que imputa um discurso fantástico à obra. As edições da Gazeta Feminina disponíveis para a pesquisa datam de maio de 1953 a setembro de 1955 enquanto que os contos escolhidos para a análise foram “Santinho”, “A tragédia” e “Meu amor estrangeiro”, analisados com o foco de perceber como foram tratados os debates sobre gênero nessa obra e seu impacto no debate ocorrido em Alagoas. O intento foi transformar as fontes em mediadoras para entendermos alguns aspectos da realidade social que possam ser apreendidas através de uma realidade figurada de seus textos/contos e que podem ser analisados dentro do momento histórico. A realização da análise dessas fontes parte das considerações de Antônio Gramsci sobre os intelectuais e suas funções sociais, e percorre os caminhos da crítica literária marxista, que traz os elementos para uma análise dentro do âmbito da formação cultural da autora. Nos contos percebi uma aproximação com o realismo que desmonta todo o seu aspecto místico e revela uma preocupação maior com posição social das mulheres, como fica saliente em “Rosália das visões” de 1984, duas vezes publicado e dando nome a uma das obras. Essa perspectiva, incitou uma imersão social na história das mulheres, que pode ser observada através de um exame temporal de sua experiência histórica articulada com a produção literária de Ceres, que culminou na ficção “descomprometida”, mas que também reflete como eram postos os outros gêneros, ainda dentro de uma temporalidade que precisa ser levada em conta. A hipótese principal, aqui, é a de mostrar que há um processo de aprofundamento do debate de gênero na vida e na obra da autora alagoana, que fica expresso no reflexo estético contido em sua obra, uma consciência que se adensa temporalmente, dentro de seu projeto autoral, sobre as situações e realidades desumanas e corriqueiras de uma sociedade construída dentro de um patriarcalismo capitalista tardio, onde as relações humanas e sociais estão dentro do escopo de manutenção do capital e de opressão de gênero.

Palavras-chave: Marxismo. Gênero. Literatura. Heliônia Ceres.

ABSTRACT

This dissertation is a historical analysis of a section of the journalistic and artistic production of the intellectual from Alagoas Heliônia Ceres. The study aims to reflect on the gender issue posed in this production. The study starts from the exploration of the sources found in his personal fund, covering a period of three decades. In order to investigate this object, a methodological consideration of this cut of the sources was necessary. At first, the main objective was to examine, within a historical period, publications of the notebooks on the *Gazeta Feminina* page, which are sources of a journalistic nature. With regard to the literary dimension, the sources are his short story books, which here will be possible distancing them from the analysis that imputes a fantastic discourse to the work. The editions of the *Gazeta Feminina* available for research date from May 1953 to September 1955, while the stories chosen for analysis were “Santinho”, “A tragédia” and “Meu amor foreign”, a course with the focus of understanding how they were Treatment of gender debates in this work and its impact on the debate in Alagoas. The intention was to transform the sources into mediators in order to understand some aspects of social reality that can be apprehended through a figurative reality of their texts / stories and that can be analyzed within the historical moment. The analysis of these sources starts from Antônio Gramsci's considerations about intellectuals and their social functions, and goes through the paths of Marxist literary criticism, which brings the elements for an analysis within the scope of the author's cultural background. In the stories, I noticed an approximation with realism that dismantles all its mystical aspect and reveals a greater concern with the social position of women, as is highlighted in “Rosália das visões” of 1984, twice published and giving name to one of the works. This perspective, incited a social immersion in the history of women, which can be observed through a temporal examination of their historical experience articulated with Ceres's literary production, which culminated in “uncompromised” fiction, but which also reflects how others were placed genders, still within a temporality that needs to be taken into account. The main hypothesis here is to show that there is a process of deepening the gender debate in the life and work of the author from Alagoas, which is expressed in the aesthetic reflection contained in her work, a conscience that grows temporally, within her authorial project, about the inhuman and common situations and realities of a society built within a late capitalist patriarchalism, where human and social relations are within the scope of capital maintenance and gender oppression.

Keywords: Marxism. Gender. Literature. Heliônia Ceres.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAL	Academia Alagoana de Letras
APA	Arquivo Público de Alagoas
APM	Associação Pró-mulher
CEDIM	Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher
FAFIRE	Faculdade Frassinetti do Recife
FAPF	Federação Pelo Progresso Feminino
FFR	Faculdade de Filosofia do Recife
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAPÍTULO 1: NOÇÕES GRAMSCIANAS SOBRE OS INTELECTUAIS E SUAS IMERSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS	17
2.1	O ERRO METODOLÓGICO	18
2.2	HELIÔNIA CERES E SUA TRAJETÓRIA PÚBLICA: UMA EXPOSIÇÃO	24
2.3	30 ANOS DE VIDA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DE HELIÔNIA CERES	30
3	CAPÍTULO 2: A GAZETA FEMININA, OS REFLEXOS DA MULHER DAS CLASSES MÉDIA E ALTA EM ALAGOAS	41
3.1	OS CADERNOS DA GAZETA FEMININA (1953 A 1955): UMA LEITURA CRÍTICA	41
3.2	MAIO DE 1953: A MULHER EM OUTROS ÂMBITOS SOCIAIS	42
3.3	1954: AS MULHERES DO POSTO DE GASOLINA	44
3.4	1955: A DUQUESA DE CALÇAS E A APARIÇÃO DE LINDA MASCARENHAS	47
4	CAPÍTULO 3: GÊNERO E A NEUTRALIDADE HISTÓRICA NA OBRA LITERÁRIA DE HELIÔNIA CERES	54
4.1	O ESBOÇO AUTURAL DE HELIÔNIA CERES DE 1967 A 1998 — A MULHER EM FOCO	54
4.2	LUKÁCS E EAGLETON ESCLARECENDO SOBRE A FORMA E A TOTALIDADE NA LITERATURA	60
4.3	“SANTINHO”, “MEU AMOR ESTRANGEIRO” E “A TRAGÉDIA”: OS ENCONTADOS E SANTINHO	65
4.4	A REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO DOS LGBTQI EM “MEU AMOR ESTRANGEIRO”	70
4.5	O MÉTODO DE MARX: UMA REFLEXÃO SOBRE O QUE NÃO SE VÊ EM “ROSÁLIA DAS VISÕES”	73
4.5.1	Rosália das Visões: a mulher do patriarcado	78

4.5.2	Quem é Rosália?	81
4.5.3	Rosália e sua existência através do conto	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	89
	ANEXOS	106

1 INTRODUÇÃO

Esta narrativa sai da pesquisa para a escrita com o objetivo de demonstrar que Heliônia Ceres foi uma intelectual que contribuiu com o debate de gênero em Alagoas. Antes de acentuar qualquer conquista da autora em relação a sua vida profissional, seus méritos enquanto contista e jornalista, procurei analisar, em sua biblioteca pessoal, aspectos que poderiam ser somados à sua produção literária e que ajudassem a confluir em uma dissertação que colaborasse com a perspectiva do debate realizado nos dias de hoje para a pauta LGBTQI+¹ e FEMINISTA, que está sendo posto na historiografia graças à luta e também à conquista do próprio lugar de fala dessas bandeiras.

Por mais que viessem inquietações empíricas, a metodologia adotada aparou a escrita, que partira de um ponto positivo em relação às conquistas de Heliônia Ceres² enquanto mulher na sociedade patriarcal de Alagoas., Conseguimos perceber que vários personagens que aparecem em seus contos podem ser caracterizados como personagens do universo LGBTQI+.

Falecida em 1999, Helônia Ceres já aparecia como uma personalidade feminista e humana na mídia à qual tinha ligação, porém ainda estaria em progresso para acentuar essa crítica em sua obra de maneira efetiva, como veremos na apresentação dos contos no capítulo 3. Mesmo tendo tratado dos gêneros e tendo exposto em sua obra a existência de pessoas cujos sentimentos eram de liberdade ideológica sobre suas orientações sexuais, é preciso reconhecer que da parte da autora faltou uma crítica social mais profunda sobre a opressão histórica em relação à mulher.

A pesquisa que levamos adiante, dentro do tempo do curso de mestrado, foi dificultada mediante algumas objeções da tutoria do arquivo. O conjunto de fontes do arquivo base da pesquisa é denso e não estava em estado apto à pesquisa, caracterizando-se como uma biblioteca e escritório de trabalho. Mesmo sendo Heliônia uma personalidade histórica do estado de Alagoas, o tanto de fontes que ali existem pode ser perdido, devido à má

¹ Termo utilizado para designar, nos dias atuais, as pessoas de gênero não hetero, ou CIS. Para não cometer anacronismos, precisamos enfatizar que o uso desse termo no texto é feito para que o raciocínio analítico faça sentido para o debate de gênero nos dias atuais.

² Como veremos, Ceres foi contista, Pesquisadora, Professora, Intelectual coletiva do movimento feminista (de 1955 em diante) e Fundadora do CEDIM, e também presidiu a Associação Alagoana Pró-Mulher e foi vice-presidente da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino. Cf. FEDERAÇÃO alagoana pelo progresso feminino.

conservação. Quando conseguimos acesso ao acervo, mesmo de forma precária, pudemos conciliar as orientações dos professores e aprendizados sobre arquivos, realizados no projeto *Painter*, no Museu Théo Brandão, organizando previamente as fontes que seriam úteis para detalhar este objeto de pesquisa. Por fim, foi preciso buscar fontes em outros arquivos, como no APA, para dar continuidade à pesquisa e fazer com que a narrativa coubesse dentro das condições da construção histórica.

Os debates de gênero e os debates sobre o mesmo tema estão na mídia social nos dias atuais. Hoje temos a possibilidade de conhecer pessoas de gêneros diferentes ao binário engessado de acordo com uma visão teocêntrica e conservadora como sendo o correto para a vida social. Durante longos anos o debate sobre estas questões foi recheado de um proposital obscurantismo histórico, com suas raízes nas relações capitalistas de um conservadorismo doentio e um patriarcado devasso.

Os debates se fazem e se provam fundamentais desde que houve a ascensão do conhecimento e aparecimento dessas pessoas em escala mundial, com o *boom* da World Wide Web, expondo fatos históricos, assassinatos de mulheres e de homossexuais e pessoas transgênero no mundo inteiro, que sempre foram fomentados apenas pelo preconceito, mas que se faz presente mediante os muitos outros aspectos, que a história das mulheres engloba. Desde o primeiro fato feminista da história e do início da luta pela emancipação da mulher, as minorias vêm, cada dia mais, se sobressaindo, e precisam ser acolhidas e entendidas dentro do processo civilizatório. Na concepção seguida aqui, só chegaremos a um outro patamar quando um LGBTQI+ não for mais visto como uma aberração na sociedade, por todos. Isso implica em uma revolução educacional e social que rompa com a força motriz que degenera a condição humana da vida: o capitalismo.

O estudo realizado foi fomentado pelas teorias da crítica marxista, que foi dada como resposta às várias questões sobre meus conceitos e compreensões iniciais acerca de textos literários e visa mostrar, dentro da trajetória intelectual da professora e contista Heliônia Ceres (1927-199), em análise das fontes históricas de seu fundo pessoal, uma evolução de seu pensamento social em relação ao debate de gênero, tendo como pressuposto as teorias de Gramsci sobre a sua experiência intelectual dentro da história. A pesquisa culmina na constatação de um avanço de seu pensamento, através da perquirição nas fontes datadas de três décadas.

A trajetória da pesquisa não se pôs linear, mas a observação feita inicialmente foi realizada nos livros e contos literários de Heliônia Ceres e em seguida avançamos na parte

que traz seu teor mais relevante no exame das publicações na Gazeta Feminina — caderno do jornal Gazeta de Alagoas —, nas quais observo o reflexo do gênero feminino dentro da sociedade alagoana tratado por Ceres, na época.

Foi perceptível, durante a análise, que tanto as publicações dos cadernos do jornal quanto nos contos houve uma progressão no teor crítico-social dos escritos da intelectual, de maneira a expor problemáticas advindas das discussões feministas no tocante à sexualidade e ao gênero, mas em um tempo percorrido dentro da sua trajetória na história das mulheres.

Entendemos que toda publicação intelectual, seja política ou cultural, foge um pouco do âmbito de sua origem, embora apareça nela uma intenção, mesmo que dentro de uma forma ideológica. Ela possui mais de uma própria história, não só em sua imanência, mas em sua realidade objetiva, o que, no caso da intelectual estudada aqui, essas publicações perpassam o sentido literário e jornalístico originários, e chegam como um “recado” aos leitores, que se postam a analisá-las de maneira interpretativa. O entendimento dessa totalidade teórica está diretamente associado ao isolamento de fatos ditos intrínsecos à obra, que pode vir a prejudicar não só as interpretações — como a que será feita aqui —, mas, também, ocultar uma possível explicação, que pode ocorrer quando estes fatos “escondidos” entram em conexão final com o meio social.

Dentro dessa perspectiva encontrei para a pesquisa duas abordagens: a primeira sobre o modo e até que ponto eu poderia encontrar nos contos de Ceres — analisados, por parte da crítica, como sendo fantásticos (NASCIMENTO, 2011), mais que uma criação imaginativa, ou seja, reflexos sociais intrínsecos sobre gênero —, e formular, sobre eles, uma interpretação histórica, que necessita e será discutida aqui. A segunda é de natureza não subjetiva e se resume em entender que ao ser escrito um texto, cabe nele também a noção de forma, na qual essas “determinações”, no sentido das forças internas ou externas a ele, vão influenciar em seu conteúdo, tanto a forma jornalística quanto a forma literária, e esse complexo de inquietações não impedem a construção histórica.

Isto posto, concebamos que um conto não é só um conto, e muito menos apenas uma criação imaginativa. Já as publicações de um jornal podem ser mais que meramente informativas, vindo a ser compreendidas dentro de uma época, e também serem consideradas parcialmente “retrógradas” ou “avançadas” para o período histórico vigente da mesma.

A Realidade, não é, de modo algum, algo de fácil reprodução, e está além das novelas e dos textos, dos produtos midiáticos, nos quais “a arte imita a vida”. Que arte e que vida? É

para isso que existe um aparato metodológico utilizado como mediação, e o usamos para elucidar o que se passa na lacuna que liga a vida à arte. Isto nos serve para que não enxerguemos a produção artística como um reflexo direto da realidade, mesmo que esse reflexo exista, não no sentido literal de refletir. E desde já deixamos claro que se trata de algo a aparecer em análises, por não ser estático e pré-determinado, mas, sim, algo a ser descoberto.

No Capítulo 1 entenderemos as fundamentações teóricas para a produção dessa narrativa, que se originam com as questões levantadas por Antônio Gramsci (2001) sobre os intelectuais e que foram debatidas aqui para caracterizar e embasar uma relação entre a obra recortada da autora, com sua caminhada social.

A teoria vem tratando aspectos sociais da funcionalidade dos intelectuais, que é remetida a todo ser humano, independente da sua formação educacional e formação acadêmica. Esses aspectos condicionam a intelectualidade a algo que está além de uma formação substancialmente técnica, e que não denota que esta também não precisa ser vinculada aos outros tipos de atividades humanas.

Para uma caracterização da categoria intelectual de Heliônia Ceres é necessário a observação de sua trajetória pública. Para isso foi preciso observar a associação direta ou indireta da sua inserção e prática junto à vivência em um determinado tipo de movimentação sobre as questões de gênero feminino no estado, que caracterizamos como sendo um feminismo da primeira onda. Esta perdurou do final do século XIX até meados do século XX, com protestos levantados principalmente pelas chamadas “feministas liberais”, conhecidas como Sufragistas, inspiradas pelas novas acepções de estado e democracia.

Eles pautavam as atividades empregatícias e civis das mulheres de classe média e alta, questionavam os direitos que eram atribuídos aos homens e aos quais as mulheres estavam excluídas, tendo como fato mais conhecido a luta pela conquista do voto direto. Esses protestos começaram a acontecer, primeiramente, no Reino Unido e nos Estados Unidos.

Em Alagoas, Heliônia Ceres foi de uma classe que recebeu esses reflexos dentro de um condicionamento educacional e financeiro e de suas relações sociais, dando-lhe uma característica intelectual que se moldou durante seu processo histórico, no sentido terminológico e prático.

Para a análise dos jornais, que ocorre no Capítulo 2, foi preciso uma metodologia de inquirição, esse método auxiliou para fundamentar as inquietações que se sobressaem às leituras superficiais dos jornais. Essas leituras nos dão o parecer, em uma visão analítica

dialética e crítica de que suas publicações dão um salto temporal evolutivo, porém já em atraso histórico, cuja parte observada foi uma ausência de publicações que mantivessem o teor feminino ou feminista e altamente relevante que era a presença da mulher nas cadeias da mídia oficial e nos lugares típicos do mundo masculino, visto que já existiam, no mundo e no Brasil, jornais de cunho feminino, que tomavam uma postura mais crítica em relação ao gênero.

A mudança da centralidade dos assuntos é feita em desdobramento, de um caderno para outro. Os textos envolvem várias questões que surgem no presente, mediante as observações feitas, e cobrem um período que vai de 1953 até 1955, ainda dentro da questão do gênero feminino e vida social.

As observações do Capítulo 3 sobre as questões de gênero puderam ser realizadas através da sua produção literária — particularmente os contos —, que é evidenciada dentro do âmbito dos estudos literários da crítica marxista, e inicialmente é percebida pelos estudos formais e linguísticos de literatura como sendo uma literatura fantástica. Os contos escolhidos para a análise crítica foram: “Santinho” (1975), “A tragédia” (1994), “Meu amor estrangeiro” (1998), e “Rosália das Visões” (1984). E essa análise foi apoiada nas teorias sobre o Método de Marx, de José Paulo Netto (2011), sobre forma e conteúdo do teórico Terry Eagleton (2006), e na concepção da totalidade no marxismo, de George Lukács (1945). No capítulo discorreremos a análise dos contos sobre os “encontrados” — termo que será explicado mais à frente, no Capítulo 3 — na narrativa fantástica de Heliônia Ceres.

Indicados os capítulos, as reflexões a seguir serviram como ponto de partida para a pesquisa sobre a trajetória intelectual e pública da autora, na qual a construção para a contribuição para os debates de gênero, a ser realizada aqui neste trabalho, é pensada a partir da existência objetiva de sua obra, jornalística e literária, que são publicações da própria autora. Além disso, também pelo fato de sua obra literária estar exteriorizada, impressa, o que implica sua existência dentro da totalidade material, por isso o uso do materialismo dialético. O intuito da pesquisa é analisar esse material a partir da crítica marxista, praticar a dialética nas fontes, para dar devido entendimento e uma nova articulação de leitura a essas fontes, e que estas tragam consequências de avanço de pensamento sobre o debate de gênero em Alagoas, partindo do feminino.

A crítica que for feita aqui, em alguns momentos, deve servir para entender a luta dos dias atuais em relação às concepções e discussões de gênero. E também buscar uma explicação que dignifique esse legado literário, enquanto literatura portadora de historicidade,

e que seja vista além de sua importância literária, como provocativa, a que seja feita uma intervenção analítica sobre os intelectuais, que aludem em sua caracterização superficial, uma substancial junção de suas atividades a seu posicionamento político, o que muitas vezes não é observado.

2 CAPÍTULO 1: NOÇÕES GRAMSCIANAS SOBRE OS INTELECTUAIS E SUAS IMERSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS

A definição da palavra Intelectual, pela etimologia, vem do latim *intellectuāli*³, que propõe uma referência às questões remetidas a inteligência. De acordo com essa definição, ser um intelectual é ser inteligente, talentoso, brilhante, esclarecido, habilidoso, perito, matraqueado, enfim, ser um intelectual remete à ideia de possuir a capacidade mental que esses adjetivos descrevem e que se sobressaem de forma mais individual. Não obstante esse sentido mais geral, aqui se busca um entendimento mais científico sobre o que consta ser um intelectual, por isso adentramos ao meio da História Social.

Na História e na Tradição Ocidental a disseminação de ideias se dá em larga escala quando se pretende significar funcionalmente um intelectual., Inclusive, predeterminar seus meios de atuação e assim inseri-lo em um determinado meio, em detrimento do crivo social, que é o meio material, em que se praticam as ações humanas, sobre as quais definições e terminologias se perdem. Elucidar, por vias teóricas, sobre qual é a função de um intelectual numa sociedade exige não considerar somente a questão inata das faculdades mentais, mas agregar a essa definição outros valores. Assim um intelectual pode estar tanto envolvido com o trabalho intelectual propriamente dito, ocupando uma cadeira na Academia de Letras, por exemplo, como também no trabalho braçal da construção de um edifício, e mesmo na disseminação das descobertas e organização de atividades e formas inovadas de funcionamento de alguns aspectos da sociedade.

Com base nessas considerações iniciais, exploraremos, neste capítulo, o debate produzido por Antônio Gramsci⁴ para elucidar os questionamentos sobre a atuação e imersão política dos intelectuais na sociedade. Assim será possível caracterizar, de forma mais ampla, a função intelectual exercida pela autora Heliônia Ceres na sociedade Alagoana, objetivo do

³ INTELECTUAL. **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intelectual/>. Acesso em: 28 fev. 2020.

⁴ Nasceu em 1891 e morreu em 1937, italiano, fundador do Partido Comunista da Itália. Preso no cárcere fascista, “submeteram-no a um regime severo, embora permitindo-lhe escrever cartas e notas, permissão da qual nasceu a imponente obra desse espírito encarcerado. Mas em 1933 os sintomas da tuberculose dos ossos tornaram-se evidentes. A doença fez progressos rápidos. Enfim, as autoridades fascistas não quiseram que o preso morresse como mártir dentro dos muros do cárcere. Gramsci foi solto três dias antes do desenlace”. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?id=125&page=visualizar>. Acesso em: 28 fev. 2020.

capítulo. Os apontamentos teóricos a serem discutidos são utilizados na construção de uma historiografia dentro do campo denominado História Intelectual, que acompanhe o desenvolvimento histórico. As conclusões confeccionadas aqui, através das concepções Gramscianas — formuladas em cárcere — sobre os intelectuais e suas imersões políticas nas sociedades, sejam consideradas uma nova forma de caracterizá-los e desmitificá-los tanto no patamar social que ocupam, quanto na sua funcionalidade prática, que deve ser desenvolvimentista.

2.1 O ERRO METODOLÓGICO

Nas notas e apontamentos sobre a história intelectual, escritas por Gramsci no volume II de seus cadernos do cárcere (2001), busca-se entender como seria complexa a tentativa de definição de um intelectual e de sua atuação na sua esfera social. Uma complexibilidade devida ao fato de que os processos históricos, por mais análogos que sejam, são diferentes.

Assim posto, os processos, em sua percepção histórica, podem ser similares ou trazer reflexos de uma história próxima, porém, em sua captação ontológica não possuem igualdade um com o outro, o que seria necessário para que se possa ousar sobre uma analogia e caracterizar um intelectual alagoano a medir por um intelectual europeu. Portanto, é preciso enfatizar que os intelectuais se desenvolveram em diferentes processos históricos de diferentes formas, e essa é uma observação que deve ser tomada de maneira consciente nesse processo de caracterização.

Os intelectuais, segundo as informações gerais, são uma categoria histórica consolidada, que começou a ser estudada pela historiografia no século XX, precisamente na década de 60, dentro da perspectiva dos estudos culturais, postura que surgiu em torno de uma crítica a uma historiografia política e tradicional. Porém, as questões imperiais de dominação capitalista e expansão cultural foram causadoras de problemas nessa produção.

As problematizações das correntes do pensamento historiográfico, as formas de se estudar, definir e caracterizar os intelectuais e seu desenvolvimento na história, enquanto categoria, e suas ações sociais dentro dos estudos culturais foram impulsionadas pelo caso Dreyfus (BEGLEY, 2010). Ocorrido na França, esse debate fez surgir o interesse pelos estudos sobre uma história intelectual, que acabou por ser concebida através de um tradicionalismo histórico. Com o enfoque marxista passa-se a reescrever, de maneira mais objetiva, retirando esses intelectuais de uma visão social de grandiosidade e genialidade, que

veio sendo engessada na história, e rebocando os buracos⁵.

Para entender essa perspectiva, saímos com um ponto de partida que surge em 1932, quando, em seu cárcere, Antônio Gramsci atentou em suas notas a um “erro metodológico” ocorrido ao analisar e definir o que seria um intelectual e sua função dentro de uma respectiva sociedade, fazendo isso em observação ao comportamento dos intelectuais italianos. As concepções históricas na Itália desse período advinham de uma série de conflitos que envolviam o país e também dos resquícios da guerra de unificação e de independência, em 1866, e essa conjectura inflamada afetou a formação e observação de Gramsci, que fez uma produção teórica coerente aos fatos.

Gramsci explica um erro na metodologia de análise sobre a definição dos intelectuais, no qual a teoria de definição tinha sua comprobatoriedade incitada pela empiria, e a comprovação empírica, dentro da ciência histórica, abarca sempre uma conjectura parcial dos fatos, devido à verdade de que na ciência da história não se pode reproduzir um fato histórico em toda a sua real dimensão.

A teoria da empiria é a superficial comprovação de um fato pela observação da sua funcionalidade prática, e assim se fez ao longo do processo. Definir um intelectual pela situação do mesmo dentro de categorias de intelectualidade já estabelecidas, em processos análogos, criados por um tradicionalismo que compõe a história de países explorados, como o Brasil, por exemplo. Assim, a partir desse erro suscitado à luz dessa observação metodológica fora da tradição e da empiria, irei partir para a caracterização intelectual onde caiba toda funcionalidade cognitiva e ativista de Heliônia Ceres, que já sabemos ser, até aqui, uma intelectual alagoana.

Em se tratando do estado de Alagoas podemos ter a percepção que compará-la com uma intelectual francesa por algum tipo de analogia já faria meu trabalho perder o fundo científico. O primeiro entendimento é o do termo intelectual, que aqui comporta mostrar as contribuições da alagoana Heliônia Ceres em sua atuação na sociedade alagoana do século XX. Esta atuação é posta dentro das condições temporais e determinações sociais impostas às mulheres nessa época. Aquela sociedade impunha, nos marcos de atuação individual, um posicionamento não tão combativo no início de sua trajetória intelectual. Exigir uma postura mais radical de Ceres seria anacrônico, então impõe-se analisar, de maneira bem situada, temporal e socialmente, as conjunturas envolvidas, deixando claro que Ceres nasce dentro de

⁵ Intelectual que não tem práxis não pensa coerentemente ao meio.

um conservadorismo patriarcal, estrutura que se mantém até os dias atuais.

Dentro das trincheiras das relações capitais, cujo propósito é, cada dia mais, resumir e simplificar as formas de “conhecimento” e de produção do conhecimento, o que se torna o primeiro embate previsto para que se entenda sobre o que é ser um intelectual e, ainda em Alagoas, necessita de um exame de deliberação mais ampla, que lhe atribua um peso de cunho social à sua funcionalidade para além das suas produções artísticas ou funções técnicas. A sociedade Alagoana advinda de uma economia açucareira, e por sua vez sofreu com todo o processo de absorção cultural, conjuntamente o educacional, a partir dessa situação histórica. Diante desse quadro, são inevitáveis as sugestões de recharacterização de um intelectual local e como ele deve ser envolvido com a sua sociedade e as questões civis, políticas e econômicas da mesma.

Os grupos de intelectuais de toda história, precipuamente dos países explorados economicamente pelo “processo civilizador”, estiveram ao longo do processo histórico sujeitos às definições formais e conjecturais de cada época e de seus respectivos países exploradores, em processo análogo. Seguindo esse processo de definição se estabeleceu, historicamente, a primeira noção do que seria um intelectual da cultura, da sociedade e da política, que consta em ter uma graduação e ser um conhecedor técnico da área escolhida.

De acordo com essas problemáticas de comparação, sobrepostas às tentativas de caracterização de um determinado intelectual e sobre como defini-lo dentro de questionamentos sobre a intelectualidade, Gramsci, faz uma observação pertinente quando nos atenta que o processo de caracterização de um intelectual na sociedade sempre se remeteu ao seu processo de formação educacional, e sempre se fez necessário perceber as questões dos níveis/graus de formação. Entendendo essa informação, os intelectuais das sociedades vêm reintegrando o âmbito de protagonismo histórico, fomentando as personagens da história, que não adentram aos terrenos sociais de pensamento coletivo. Dessa observação surgem as inquições feitas a partir da atuação desse intelectual já caracterizado dentro do processo histórico de longa matriz.

Portanto, o referencial inicial feito pelo pensador é inicialmente relativo aos intelectuais forjados na idade média, partindo historicamente do sistema social feudal, que teve sua origem no século V, caracterizado pelas relações econômicas e sociais de subserviência nos feudos, que nos dá caminhos para entender o quão são antigas e análogas as categorias dos intelectuais, e que se tratando do referencial medieval que nos deu Gramsci, é fatídico que não acompanham a história em sua evolução temporal.

Gramsci coloca que os intelectuais feudais, por exemplo, não estão vinculados a nenhuma categoria, e esta colocação é referida à noção de tempo histórico. Essa atitude requer problematização e um exame mais profundo, não só das categorias que ele denomina “pré-existentes”, tanto como das novas categorias, que surgem quando usamos o processo análogo de um intelectual com outro, cumprindo o erro de caracterização que se põe em distinguir os Intelectuais tradicionais, categoria já engessada. Nessa categoria está imersa a categoria dos intelectuais Eclesiásticos, religiosos, entre outros, que dentro do processo histórico-religioso das sociedades — especificamente dentro do imperialismo atemporal instituído pela Igreja Católica desde seu início, em Roma —, ainda manipula não só os conceitos religiosos, mas também conceitos sociais de como devemos nos comportar. Há também forte atuação dentro da educação, de maneira a ditar o que se ensinar e como lecionar nas escolas, no interior de um longo e sombrio período da história.

A outra categoria pré-existente é a dos Intelectuais orgânicos, que segundo o autor “deve possuir certa capacidade técnica, não somente na esfera restrita da sua atividade e da sua iniciativa, mas ainda de outras esferas, pelo menos nas mais próximas da produção econômica” (GRAMSCI, 1932, p.4). Para elaborar suas concepções, Gramsci entendeu as duas categorias situadas em um pano de fundo histórico, no qual os intelectuais já preexistiam, e que se perpetuaram de maneira que as categorias não foram analisadas dentro das condições de desenvolvimento de cada diferente sociedade em seu determinado tempo histórico, para que essas se inovassem a partir dessa premissa. Não obstante, não é questão de desconsiderar, dentro do processo de recacterização, as categorias mais antigas, preexistentes, mas sim de utilizá-las em uma compreensão analítica junto a outras categorias, surgidas com o desenvolvimento histórico.

Partindo dessa perspectiva histórica e do movimento social de continuidade, entram agora no protagonismo os grupos sociais. Com eles nascem seus intelectuais específicos, que não são mais equiparados aos preexistentes. Esses grupos precisam de seus intelectuais, que serão engajados em função dos interesses e do conhecimento requerido por cada grupo, e que em suas funções atendem, em primazia, à produção do conhecimento de seu determinado meio de formação. Esses também objetam atender os seus interesses em uma determinada sociedade⁶, condicionando, expondo e solucionando as necessidades dos mesmos. E nestes

⁶ Gostaria de enfatizar, sobre as sociedades, uma coisa: cada meio que se frequenta é um meio social. Cada um deles demanda um tipo de comportamento, que atende a um padrão de normas de convivência das sociedades.

termos temos a primeira categoria de intelectual produzida em um meio, que é o intelectual orgânico, agindo dentro da estrutura em prol de um determinado grupo social.

A respeito dos intelectuais, dentro das duas categorias, Gramsci também aponta uma dúvida sobre a formação e atuação, que nesse caso postara questionando se esses seriam intelectuais autônomos ou independentes. A leitura sobre o processo caracterizador aponta que cada grupo social tem os intelectuais que atendem à função da produção de conhecimento técnico desse meio e que manifestam os interesses do mesmo, sejam eles políticos, sociais ou econômicos, então:

O ponto central da questão continua a ser a distinção entre os intelectuais como categoria orgânica de cada grupo social fundamental e intelectual como categoria tradicional, distinção da qual ocorre toda uma série de problemas e de possíveis pesquisas históricas (GRAMSCI, 1982, p.13-14).

Há, então, a necessidade de diferenciar as categorias, mas assim todas as outras categorias, existentes nas mais diversas sociedades, das mais diversas ideologias, são caracteristicamente prejudicadas por essa distinção. Dentro dessa perspectiva ele utiliza algo que contribui diretamente para a mostra de que essa distinção não tem uma base produtiva, no sentido que não existem ideias engessadas e homogêneas que caibam em todos os grupos, e nos dá a chance de observar os grupos dentro do partidarismo político. Com essa particularidade, as demandas adentram outras propostas que discorrem do meio social e saem da tradição de prolongar categorias que jamais serão iguais em lugar algum do mundo. As demandas podem ser, agora, as filosóficas e da vida humana, pois o partido político, a escolha ideológica, a posição política ocorrem dentro do âmbito social, o que representa os cidadãos civis, e não o dinheiro, o status.

Pensando diante das balizas da autonomia e da independência, o mecânico, tanto quanto o professor, e também os operários, serão intelectuais, cada um com sua função técnica autônoma, mas também independente, e extra técnica, ou especializada, e as posições políticas de cada um não serão iguais e devem fazer parte do modo de caracterização de sua atuação intelectual.

Adentrando de escopo do debate proposto, é possível uma caracterização da categoria intelectual na qual se insira a atuação prática e teórica de Heliônia Ceres? Esboçamos definir

Explico: sua casa é uma, sua escola é outra, seus amigos e o bar, outras duas, assim por diante, até chegar à sociedade brasileira, que é um complexo de milhares outras interações sociais.

uma categoria para ela, para isso entendamos que: um intelectual deve ser então observado dentro e fora dos critérios categóricos expostos. De um lado, devido ao fato de não podermos desconsiderar as categorias antigas em sua totalidade e, de outro, por saber que existem outros critérios que podem definir, de maneira eficaz, uma nova categoria que vem da perspectiva de uma caracterização que alcance suas imersões políticas e atividades sociais, fora da atuação restrita de sua intelectualidade técnica. Afinal

O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais. Na verdade, o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais (sem falar no fato de que não existe trabalho puramente físico, e de que mesmo a expressão de Taylor, do “gorila amestrado”, é uma metáfora para indicar um limite numa certa direção: em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora) (GRAMSCI, 2001, p.18).

Esse erro de análise citado inicialmente, explicita as problemáticas iniciais a respeito das atividades autônomas dos intelectuais fora dos grupos, e persegue o complexo de caracterização dos mesmos na evolução histórica, desde o que é entendido por intelectual autônomo e independente como aquele que possui suas próprias bases intelectuais, ou seja, bases que não concernem à sua formação técnica ou acadêmica. É complexo discernir até que ponto as questões ideológicas alcançam o processo de formação de um intelectual ou de uma classe intelectual, desde que o processo histórico ao qual foi submetido à sua formação, ou de tal classe, tenha uma relevância que revolucione ou não essa formação, o que não quer dizer que ele se classifique apenas pela formação.

Como iremos ver, mediante as análises das fontes deste trabalho, Heliônia Ceres se molda intelectualmente durante a sua experiência histórica. Sua formação educacional foi submetida, em primazia, às determinações típicas de sua posição social, na qual podemos considerar, primeiramente, seu sobrenome, que nos diz respeito à sua filiação. Em seguida, seu casamento, com o qual ganha o forte sobrenome do berço do esposo, de uma das famílias que faz parte da aristocracia alagoana. E em terceiro plano consideramos a base educacional, institucionalizada pelas ideologias dominantes, articuladas com as aparelhagens religiosas e de poder econômico. Por fim, pode ser observada sua condição de professora de línguas

estrangeiras, formada fora de Alagoas. Essas circunstâncias iniciais inserem-na em uma caracterização análoga, na categoria advinda da classe aristocrática exponencial ao desenvolvimento histórico, afirmada como uma intelectual tradicional, que se insere na categoria dos intelectuais preexistentes. No entanto, o contraponto gramsciano está em que mesmo em sua base educacional tradicional, ela vinculou suas atividades intelectuais ao meio cultural, quando é secundamente, aqui, observada como jornalista e autora de contos, peças e romances. E em seus contos nos passa, através do reflexo estético, o comportamento figurado da sociedade alagoana do século XX, que abrange as especulações sobre gênero e sexualidade.

Atribuindo-me dessa pré-caracterização, tenho a oportunidade de mostrar outra face da obra jornalística e literária da nossa autora, de maneira que esse novo olhar exige antever alguns de seus preceitos e conceitos sobre o gênero, e sua imersão política nas causas femininas, cujo caminhar ela tomou. Quando essa nova atitude começa a alcançar um viés social interventivo explícito, incorporando novas características à sua função de intelectual, entendemos que é possível postar Ceres numa recharacterização que se define com o auxílio das fontes, que nos trazem como ela foi vista e retratada pela sociedade local.

2.2 HELIÔNIA CERES E SUA TRAJETÓRIA PÚBLICA: UMA EXPOSIÇÃO

No exame de todo o acervo documental do fundo pessoal de Ceres encontramos algumas informações que nos parecem um pouco controversas, mas nada tão grave ao aparato histórico, apesar de precisarem ser expostas. Na averiguação dos inúmeros livros que possui sua biblioteca particular, não em sua totalidade, porém em sua maioria, percebemos que são de aspecto religioso, principalmente livros espíritas e panfletos católicos, e sequer uma bíblia em seu nome, a maioria no nome de seu esposo. A controvérsia sobre essa observação foi achar, em uma matéria de um jornal, a afirmação de que Helionia Ceres era muito religiosa, mas nada na documentação a identifica como praticante assídua de nenhuma religião. A nós pareceu que caminhava entre o Catolicismo e o Kardecismo, o que nos faz constatar que nesse aspecto ela não era de uma religião, mas suas leituras remetiam a uma religião do bem estar humano.

No breve exame de suas cartas passivas e ativas, documentação que não será abordada nesta pesquisa, pode-se constatar que Ceres colocava sentimento profundo de empatia em tudo o que escrevia, e o que interessa nesse pequeno relato sobre a vida pública da mesma é

que sua trajetória pública não deixa de estar em conexão com sua dimensão pessoal, assim como com seu contato com a literatura, que nunca desaparece nas fontes. Porém, para melhor entender sua trajetória intelectual, em seu aspecto mais raso, como intelectual tradicional, no estado de Alagoas, é necessária uma exposição do material que a imprensa local e nacional publicou sobre seu processo educacional, suas produções culturais e sua atuação social.

Em uma cronologia feita em cima das matérias de jornais recortadas, apesar de limitadas, conseguimos produzir uma conjectura temporal sobre a sua trajetória pública e sobre como eram vistas suas produções. Seus trabalhos acadêmicos foram dois: o “Estudo da preposição DE e sua evolução para as línguas neolatina” e um outro, que seria um ensaio sobre a educação feminina no teatro de Moliere (“Moliere L’Educateur Conteporain”). Tais estudos⁷ tratam de analisar um feminismo muito avançado para a época e sua localização histórica.

Em suas anotações, Heliônia Ceres fala que sempre escreveu, e data o início de seus escritos com 15 anos, com poesias, incentivada por seu pai, partindo, assim, para o reconhecimento público. Quando retornou do Recife, graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia do Recife, começou a escrever para jornais de Maceió, em 1953. Tinha uma espécie de “relacionamento literário” com pessoas da alta classe econômica de Alagoas. O grupo literário a unia a pessoas como Arnon de Mello, jornalista e proprietário da Gazeta de Alagoas, o que de fato possibilitou a sua entrada na estrutura midiática do estado, por onde “arrumou sua brecha”. É preciso analisar suas publicações sem tirar os devidos méritos intelectuais, mesmo dentro dessa estrutura, dentro do tradicionalismo aristocrático, publicou coisas do interesse das mulheres., E assim foi tomando seu espaço e mesmo inclusa na nata tradicional e oligárquica da sociedade alagoana, publicou na sua coluna principal do jornal local, matérias que revelavam uma antítese sobre Alagoas em relação ao pensamento conservador.

Seguindo a romantização europeia dos “grandes nomes da história”, escreveu biografias em forma de crônicas sobre os protagonistas da história de Alagoas e também sobre as mulheres célebres — coluna que não demorou muito para mudar a caricatura —, que tiveram seus méritos históricos no “progresso do mundo”. Quando retornou de seu

⁷ Após identificar esse material, fui impedida de acessar e realizar uma leitura atenta do mesmo por um dos herdeiros de seu arquivo.

intercâmbio acadêmico, de Recife para Maceió, assumiu a diretoria da Gazeta Feminina, através de suas possíveis relações familiares, trabalhando como escritora e editora. No suplemento do qual fez parte no jornal Gazeta de Alagoas, que é o mais antigo jornal impresso em circulação do estado, editou e publicou sua coluna, intitulada “Retrato”, que saía aos domingos, no período de 1953 a 1955.

Segundo as fontes, sua saída vai ocorrer pela escolha do Magistrado, iniciado na Faculdade de Filosofia da UFAL (Universidade Federal de Alagoas), no cargo de vice-diretora do departamento de Letras, produzindo, dentro da literatura e também academicamente. Anteriormente já havia sido professora dos colégios Sacramento e Moreira e Silva, respectivamente da rede privada e pública de educação do estado.

Na documentação foi encontrado um convite da Casa da Palavra para uma homenagem à contista pelo lançamento dos livros “Olho de besouro” e “Octávio Brandão”, que ocorreria no dia 23 de abril de 1998, em comemoração aos seus 30 anos na literatura. E é com esse recorte, de 30 anos, que sai a análise de como seus contos foram evoluindo e trabalhando as questões de gênero, além de demonstrar também uma evolução de pensamento social, que lhe atribui uma nova característica, a de participante orgânica de um coletivo feminino.

Uma análise cronológica de suas publicações, que batem com as fontes digitais e também com as matérias de jornais que saíam a cada publicação dela, indica a seguinte cronologia: em 1967 aparece “Contos nº1”; em 1975, “Contos nº2”. Entre os anos de 1978 e 1982 saíram escritos sobre personalidades da história alagoana: Guimarães Passos e Tavares Bastos, Carlos Paurillio, Aloysio Branco, Breno Acioly, Hekel Tavares, além de Rosalvo Ribeiro e Sabino Romaris, que foram nomes de sua escolha em prol de um levantamento direcionando a disseminação da produção cultural de grandes artistas e intelectuais no estado.

Em 1981 ela também lança “Contos – Coletânea”. Três anos depois, em 1984, lança o livro de perfil filosófico “Reflexões”. A partir dessa publicação, que repercutiu na imprensa local, uma matéria sobre a publicação expõe a controvérsia ligada à questão religiosa. Mara, assim identificada a jornalista da matéria, afirma:

Profundamente humana, visceralmente religiosa, Heliônia não receia mostrar as dúvidas que nos anseiam, os seus momentos de incerteza e depressão, com perguntas que são feitas as escondidas por muitos católicos praticantes: será que realmente creio na misericórdia de Deus?... Se creio, porque a terrível inconformação com a nossa condição de homem insuficiente?... (1978).

Não poderia então ser visceralmente religiosa diante da falta de uma documentação física que a constataste como tal.

Pouco depois, em 1984, publicou a 1ª edição do livro “Rosália das Visões”, que teve sua segunda edição publicada em 1988. Por ocasião dessa segunda edição, que teve um lançamento na UFPB (Universidade Federal da Paraíba), há uma resenha publicada no jornal O Norte, de 5 de abril de 1988, que contém o seguinte comentário: “A escolha do título do livro Rosália das Visões partiu de um conto encontrado no livro, que retrata a luta de uma mulher envolta em conflitos e sua luta para sair deles”. Esses conflitos, tal como os entendemos, são além de psicológicos, sociais, o que não é dito sobre Rosália nas matérias que citam a publicação. Mas “Rosália das Visões” é um marco na literatura de Ceres, a partir da recepção da crítica.

Não é a primeira vez, em seus contos, que a autora trata os conflitos que viviam as mulheres na história. As questões sobre a mulher sempre estiveram anexadas à escrita jornalística e ficcional da contista, porém, consideramos duas fases distintas. A fase da direção do Jornal e a fase que veio depois da sua entrada no mundo acadêmico, na UFAL. Embora haja matérias publicadas que possam ser entendidas com certo desconcerto em relação à militância de Ceres no coletivo feminino, é preciso interpretar esses aspectos em perspectiva histórica. Hoje, devido às questões da evolução dos movimentos sociais em relação ao tempo histórico, o fato dela ser assumidamente dona de casa e de ainda não culpar, de certa forma, os homens por diversas atitudes machistas, além de achar que a mulher tinha que deixar de incorporar o simbolismo sexual ao qual foi submetida no processo histórico, explicou que o teor dessas ideias não está diretamente ligado a uma ausência total de feminismo, pois ela já se interessava em retratar o modo de vida de algumas mulheres através de suas personagens. A questão é que ela ainda mostrava certas dificuldades sociais das mulheres, expondo esses embates não pela via do protesto, mas pelo reflexo estético do que ela via e vivia em cada situação. O pano de fundo histórico e sua formação educacional, ainda a exaltar sua condição econômica, nos traz o peso de considerar o tempo em que ela viveu dentro de suas condições materiais.

Esse é o caso da matéria do jornalista Barbosa, que se inicia com a fala “A escritora mulher, sem feminismos”, no Jornal Extra, de 8 de abril de 1984, com a crítica de que seu quinto livro enfatiza as questões da mulher de maneira imperceptível à própria observação da autora sobre o que ela mesma escreve. BARBOSA (1984) afirma: “E sem que a escritora

perceba inteiramente, a mulher toma conta de quase tudo”.

Não se trata aqui de descrever uma escritora tipicamente feminista, ou forçar a ela essa terminologia, pelo menos não até sua literatura entrar no cunho que, em análise, pode ser atribuído a um início de práxis social. De fato, acontece, mas, na verdade, ela se mostra “voltada para o ser humano como um todo” (CERES, 1984, p. 9), e Barbosa argumenta, no final da matéria, sobre a ausência de feminismo na autora, com uma frase da mesma, que diz: “Eu acredito que o homem tenha condições de se recompor” (IDEM p. 9). Entretanto, o que convence dessa matéria, na verdade, não é essa frase e nem sua “ausência de feminismo”, mas, sim, a resposta que Ceres coloca: “Ela [a mulher] ainda sofre um tipo de servidão social e psicológica da qual ela precisa sair e ter conhecimento de que é gente” A partir desses elementos concluiu-se que, em Ceres, existiu um feminismo que progrediu de acordo com o tempo e sua experiência.

Sua trajetória pública vai mostrando uma militância social, mesmo que não nos estilos franceses, em prol da mulher, ainda que não tivesse acompanhado a mentalidade feminista francesa, por exemplo, pelo objeto de que essas são questões que remetem o sujeito a um tempo histórico e uma experiência histórica particular. E Ceres, como alagoana, produzia para a evolução das mulheres em sua literatura, e uma evidência do desenvolvimento de sua percepção sobre essas questões vem da sua atuação junto à movimentação das mulheres em 1960, em específico, junto aos órgãos criados em apoio às mulheres, quando em 1984, fundou o CEDIM.

Em 1989 Lançou, em sequência, “Cabras-Macho”, “Grande crônica de Santa Cruz”, denominados novelas, e em 1990, “A procissão dos encapuzados”, e com essa completude de sua obra recebeu a crítica de Paulo da Silveira, redator da Academia Alagoana de Letras na época, que denominou sua obra “Helioniana”.

Em 1991, já com uma visão social aguçada sobre a sociedade, foi, junto com um bom número de maceioenses, às ruas, encabeçando um protesto contra a violência, pois a morte pelas mazelas sociais chegou à sua porta, levando seu filho Maurício, em um assalto na Barra de São Miguel. O protesto acabaria na Praça do Palácio do Governo de Alagoas, onde Ceres entregou um documento com uma lista de reivindicações ao então governador do período, Geraldo Bulhões. Nesse período ela já era sócia da APM (Associação Pró-mulher), que organizou o protesto. Para além da dimensão pessoal envolvida no caso, isso nos faz perceber a teoria de Gramsci dentro do lado prático do intelectualismo, em que surge uma nova categoria.

Esse não foi o único protesto que Ceres organizou. Um outro ocorreu no lançamento de “O conclave”, em 1995, sendo marcado pela atitude de tomar o lançamento do livro como um evento para chamar a atenção dos governantes para o desmantelamento das políticas de cultura no estado, o que já a coloca do lado antioligárquico, quando se começa a reivindicação de melhorias, em oposição à má conservação dos lugares de conhecimento histórico. Nesse contexto, Ceres decidiu lançar o livro no antigo e deteriorado prédio da Biblioteca Pública, com uma campanha de slogan “Nosso lugar é aqui!”, informação contida em uma matéria encontrada em seu acervo (infelizmente, sem identificação de autor e data no recorte), em que se evidencia essa denúncia e atitude. Tal posicionamento se complementa com outro referente à inclusão de seu livro “Rosália das Visões” no vestibular da UFAL, pela decisão da Fundação Carlos Chagas. Sobre isso Ceres afirma que não há espaço para esse setor no meio das comunicações do Estado, o que dificulta a evolução dos autores. “O governo não prestigia a cultura literária de forma efetiva”. E o referido livro mais uma vez enfatiza uma prática interventiva sócio intelectual da autora.

Entre outras premiações, recebeu, entre 1968 e 1997, quatro prêmios da Academia Alagoana de Letras, dentre eles o prêmio Romeu de Avelar, pelo livro “Rosália das Visões”, e o prêmio Guimarães Passos. Recebeu, ainda, do Ministère de Relations Exterieures, juntamente com a Air France e Alianças Francesas do Brasil, uma viagem a Paris pela vitória em um concurso literário; prêmio Buarque de Holanda, concedido pela prefeitura de Maceió; e, por fim, o prêmio de Mérito Cultural da União Brasileira de Escritores, por sua obra e personalidade.

Enquanto dirigiu a Gazeta feminina, sua prática como escritora e diretora ainda não era tão destacada, desde que o suplemento tinha endereço certo e lugar comum na alta sociedade letrada. Já a sua atuação nos organismos de apoio à mulher se iniciaram em 1986, na Associação Alagoana Pró-mulher, como presidente, depois como vice-presidente na Federação pelo Progresso Feminino. Ceres também foi fundadora e conselheira do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, até chegar ao cargo de conselheira da cultura e Maceió, em 1996, quando também tomou posse na Academia Alagoana de Letras. Esses passos efetivam uma ascendência que partiu da sua experiência histórica.

De 1967, quando iniciou na Literatura, até o último ano de sua vida, 1998, Heliônia Ceres foi uma intelectual produtiva na sociedade alagoana, sendo inicialmente uma mulher envolvida em uma sociedade patriarcal, e escrevendo de modo limitado sobre coisas para mulheres da época. Aos poucos, essa perspectiva feminista, atenta às questões de gênero, foi

intensificando sua produção literária, até chegar numa base de atuação social. Mais adiante, no momento da análise de uma de suas obras literárias, em que se destacam as questões que podem ser aqui atribuídas às problemáticas de gênero, esses aspectos vão ficar mais claros. Cabe, então, retomar dimensões da trajetória de nossa personagem para, em articulação com as reflexões de Gramsci, consolidar o referencial teórico que utilizamos na análise.

2.3 30 ANOS DE VIDA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DE HELIÔNIA CERES

A presente análise da trajetória de Ceres saiu de uma base de escrita refletida para a escrita voltada à crítica social, embasada nas fontes que retratam e analisam publicações de Ceres em jornais, dentro e fora do estado de Alagoas, bem como em seu acervo pessoal, destacando a movimentação cultural realizada ao longo da vida e que adquirem um caráter social e dizem respeito à sua notoriedade enquanto intelectual, jamais encaixada nas bases gramscianas sobre os intelectuais.

No desenvolvimento desse processo categórico e caracterizador de níveis de intelectualidade, sem considerar uma atuação e uma atividade fora do âmbito da formação educacional, caracterizando um intelectual não atuante, levando em conta apenas às categorias preexistentes, Heliônia Ceres seria posta como uma intelectual tradicional. Em outra fase da vida, já atuando como professora e contista, a nova caracterização se dá quando começa a usar suas publicações para intervir dentro da estrutura social, até dado momento em que se insere na categoria de intelectual orgânica, quando adentrou os campos sociais saindo de uma escrita refletida e estética, atuando no coletivo das causas femininas de sua época.

Sua experiência histórica como intelectual socialmente atuante se faz em fundar e presidir entidades de apoio às mulheres, no Estado, junto a outras mulheres, como Anilda Leão⁸, com quem criou o CEDIM⁹, atuando também na FAPPF¹⁰.

⁸ Contadora e poetiza, “Sonhava em ser médica, mas seu pai não permitiu”. LEÃO, Anilda. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/anilda-leao.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

⁹ Órgão fundado por Helioônia, cuja documentação comprobatória, com data de fundação e pessoas participativas, ainda não pôde ser acessada, no momento, e cuja atual presidenta é Ana Pereira. Disponível em: <https://www.facebook.com/cedimal/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

¹⁰ FEDERAÇÃO Alagoana pelo Progresso Feminino. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/federacao-alagoana-pelo-progresso-feminino.html>. Acesso em: 28 fev. 2020.

Dentro desse nicho de relações sociais, os reflexos sociais postos em seus textos podem ser entendidos como recados à sociedade, havendo uma imbricação entre escrita e vida, pela qual ela adentra em uma convivência social militante com essas mulheres. Para amparar essa hipótese é necessária a observação de seus inúmeros cargos e sua atuação em Alagoas. Entre seus trabalhos, destaco — como já salientado acima — a sua atuação como diretora do Caderno Gazeta Feminina (1953-1955), sua articulação com a Associação Alagoana Pró-mulher, e a vice-presidência da FAPPF. Ceres também se envolveu menos, mas não em causa menor, como conselheira do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher.

Em um breve histórico dessas entidades encontramos mais algumas intelectuais do estado na Fundação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF¹¹), que foi uma organização fundada e sediada no Rio de Janeiro, em 1922, no período em que as questões da modernidade começaram a adentrar as ideias da população, e que também é cronologicamente emblemático devido à ascensão das ideias do movimento operário, que era composto, em sua maioria, por imigrantes europeus que introduziram no Brasil as ideias sobre o Anarquismo e o Socialismo. A entidade, constituída por Bertha Maria Júlia Lutz¹², que não tinha posição partidária, o que é bastante coerente aos seus objetivos temporais, desde que as mulheres não tinham direitos sociais, como a autonomia política do sufrágio, por exemplo.

A FBPF recebeu notoriedade por que sua finalidade substancial era a de estimular a progressão social das mulheres dentro da sociedade brasileira. Ativa até 1986, se disseminou por todo o país e possui uma vasta documentação, que hoje está no Arquivo Nacional, identificando-a como a pioneira na luta feminina do país.

Em Alagoas, a entidade (FAPPF) foi instituída em 1932, ano em que foi assegurado

¹¹ FEDERAÇÃO Brasileira pelo Progresso Feminino. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FEDERA%C3%87%C3%83O%20BRASILEIRA%20PELO%20PROGRESSO%20FEMININO.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

¹² Cf. SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. In: **Cadernos Pagu**, nº 24, pp.315-325, janeiro-junho de 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a16.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2020.

constitucionalmente o voto feminino no Brasil, e teve como primeira presidenta Lili Lages¹³ e primeira secretária Linda Mascarenhas¹⁴. Em todas as FPPF's do Brasil atuaram mulheres intelectuais e sócias ativas, e além do intuito inicial de luta pela emancipação feminina, com prestação de assistência social e preocupação com a elevação dos níveis intelectuais das mulheres, estimulando os estudos e a convivência com a arte e com a literatura, apesar das evidências do aspecto conservador e doméstico das mulheres atuantes nessa frente.

Heliônia Ceres voltou de Recife para Maceió Professora de Letras e Literatura, e iniciou, logo em seguida, sua carreira jornalística no jornal Gazeta de Alagoas, como diretora da página Gazeta Feminina, pioneira na participação das mulheres na atuação intelectual sócio interventiva, tendo como primeira colaboradora Arlene Miranda¹⁵. O mais antigo jornal impresso em circulação de Alagoas na atualidade, fundado em 1934, pertencendo à família Collor de Mello desde 1952, inovou com o caderno feminino.

Os cargos sociais de maior relevância para a sociedade feminina alagoana, ocupados por Ceres, não advêm das suas publicações e editoria no jornal, mas de suas atividades nos organismos CEDIM e FAPPF, como vice-presidenta. Foi, ainda, conselheira da cultura, em 1996, quando também tomou posse na Academia Alagoana de Letras.

Esses cargos e funções, dentro de exame teórico, ganham uma particularidade na narrativa, pois fomentam a teoria gramsciana das relações sociais extra trabalho técnico e intelectual. O talento de escrever de Ceres é posto em cheque aos olhos dos que pensam apenas em julgá-la mediante seu posicionamento político e suas relações dentro da alta sociedade alagoana. Além disso, desvia a atenção de sua produção, até mesmo pela sua atuação jornalística, pois, diante da análise da documentação apresentada, nada tem a “acrescentar”, num sentido estrito, a um progresso da condição da mulher na sociedade, tendo em vista que poucas vezes a coluna trata de questões sociais de trabalho e autonomia

¹³ Médica, “Lily Lages (1907-2003) escreveu seu nome na história das lutas das mulheres no Brasil”. Cf. SÉRIE: mulheres e o arquivo – Lily Lares. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1593-serie-mulheres-e-o-arquivo-lily-lages.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

¹⁴ “Quando jovem, era católica praticante, mas ia a ‘missa dominical como quem vai a mais uma reunião social’ por Enaura Quixabeira”. Católica, primeira dama do teatro alagoano. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/linda-mascarenhas-a-eterna-primeira-dama-do-teatro-alagoano.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

¹⁵ FARIAS, Felipe. Arlene Miranda, a primeira mulher a exercer o ofício como jornalista profissional em Alagoas. in: Gazeta de Alagoas. [online] Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=236404>. Acesso em: 24 fev. 2020.

feminina. Porém, nessas páginas, mesmo que sejam analisadas com intenção crítica muito tênue, excluindo-se o fato de ser dirigida e editada por uma mulher e ser de um jornal de grande circulação, pioneiro no estado, não deixa de ser um avanço para a época, levando-se em conta os limites da situação provinciana. Situação esta que a própria Ceres chegou a criticar em uma de suas crônicas na coluna “Retrato”, afirmando que, apesar do atraso em que vivia a sociedade alagoana, em meados do século XX ela conseguiu adicionar um conteúdo progressista, mesmo em pequenas oportunidades, já que, na página, também publicavam homens, e ainda assim, mesmo sendo uma página para as mulheres, seria apenas para as letradas, da média e da alta sociedade. Afinal, esse material, em suas edições, trazia títulos como: “Para as mulheres”, “Especial para as mulheres”, o que demonstra, dentro dos coletivos de estudos feministas atuais e até da própria época, uma contradição da página e da sua direção em relação a uma atividade feminina, mesmo que moderada.

O reflexo estético produzido pela autora contribui para entendermos a historicidade das mulheres na sociedade, através das suas personagens femininas, que estão em quase todos os seus contos. Mesmo que haja uma espécie de tentativa de neutralidade social em sua escrita, aparecem também personagens gays, travestis e transsexuais, formando narrativas e personagens que foram atuantes na estética de seus contos. E mesmo sem que ela tome um posicionamento de defesa destas personagens, houve, já em suas primeiras publicações, uma quebra do silêncio ideológico conservador e machista, fazendo com elas fossem visibilizadas no mundo real. Isso ainda que se apresentem dentro de uma ficção considerada descomprometida, até certa etapa de sua trajetória, que culmina com o conto “Rosália da Visões”. Esse tipo de produto cultural promove uma imersão política e engajada que só se deu em uma progressão das suas relações sociais e que pode ser hoje observada dentro da trajetória intelectual da autora.

A relação da escrita com a vida de Heliônia Ceres é visivelmente posta na leitura de alguns de seus contos, alguns que não possuem a dimensão do fantástico, como já foi salientado por outras análises. Essa relação indicada aqui pode ser observada através da pesquisa que foi feita em seu arquivo pessoal, levantando aspectos da sua vida social, visão política, posição social, e também da releitura de seus livros de contos, romances e peças teatrais, além dos textos escritos na sua breve carreira jornalística, já citada. Esse conjunto pode ser visto, agora, com um olhar crítico e historiográfico, que constrói e narra uma história intelectual que se abarca em uma teoria, o feminismo, advinda do centro explorador mundial, ou seja, de uma região mais desenvolvida. Assim, é importante enfatizar que em sua trajetória

pelas letras, na literatura, Ceres foi muito premiada devido à escrita e o domínio da técnica, mas que é preciso estabelecer critérios mais eficazes do que apenas sua carreira de escritora de contos, e que ela fez parte de um projeto de disseminação de ideias, mesmo que de maneira pouco comprometida.

Olhando retrospectivamente, hoje esta perspectiva pode ser vinculada à luta pela aceitação e pelo respeito à diversidade sexual do gênero na sociedade brasileira e alagoana, hipótese posta neste trabalho, ainda que Ceres tenha mudado sua postura em relação à escrita sobre suas personagens mulheres, que sempre foram colocadas dentro do comportamento social machista e patriarcal de Alagoas, que é ainda hoje, em pleno século XXI, sexualmente normativa.

Esta perspectiva aparece tanto na Gazeta Feminina como nos contos, com um reflexo estético, até chegar em “Rosália das Visões”, que espelha o resultado de suas relações sociais mais maturadas com pessoas como Linda Mascarenhas¹⁶, por exemplo, que lhe permitiu uma tomada de consciência estética sobre como a literatura poderia ser um veículo não só de produção de arte e entretenimento, mas da própria história.

No desdobrar da conscientização sobre a formação dos intelectuais em Gramsci, como foi visto, o erro está em associar as atividades intelectuais apenas à formação especializada, deixando de analisar outras atividades excepcionais da vida social de um intelectual. Sendo assim, Heliônia teve uma formação educacional para intelectuais, que fortalecia a manutenção do campo tradicional, mas que no caso de Ceres, fez nascer uma espécie de contradição sociológica, na perspectiva de distinção entre as categorias, e assim a autora não estaria embutida em nenhuma das categorias preexistentes¹⁷. Partindo da análise do erro metodológico de Gramsci:

Quais são os limites “máximos” da aceção de “intelectual”? É possível encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e variadas atividades intelectuais e para distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, das atividades dos outros agrupamentos sociais? O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, é ter buscado este critério

¹⁶ “Quando jovem, era católica praticante, mas ia a ‘missa dominical como quem vai a mais uma **reunião social**’ por Enaura Quixabeira”.cf. CATÓLICA, primeira dama do teatro alagoano. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/linda-mascarenhas-a-eterna-primeira-dama-do-teatro-alagoano.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

¹⁷Mas essa é uma intuição que precisa ser amadurecida com mais leituras e tempo propenso a realizar uma efetividade dessa nova categoria, ou não.

de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais (GRAMSCI, 2001, p. 18).

Na perspectiva por apreender melhor as relações sociais que um intelectual estabelece, ele próprio é tido como alguém que utiliza suas faculdades mentais para realizar atividades não só industriais, acadêmicas, mas quaisquer atividades em que haja necessidade de produção de certo conhecimento, como reuniões de instituições, partidatismo político, e também atividades culturais abstratas e objetivas, entre outras. “Assim, retorna-se à participação realmente ativa do aluno na escola, que só pode existir se a escola for ligada à vida” (IBIDEM). A ênfase dessas relações sociais em Gramsci está ligada a toda formação intelectual, não só a acadêmica, mas também de vivência histórica. Partindo da ideia de que nenhum meio é totalmente homogêneo, e que em todos os lugares existem todos os tipos de indivíduos, as relações são contraditórias, instáveis, e a busca por essas relações torna-se um objeto especial de exame para entender que a formação das categorias dos intelectuais precisa ser revista.

Atendendo essas considerações percebemos que Ceres tem uma função intelectual na superestrutura, porém ela tende a ser produtora. Além do conhecimento técnico específico de um produto cultural, proveniente de sua formação tradicional acadêmica, ela propende a ser uma intelectual orgânica dentro, também, da sociedade literata, que é seu grupo social pelo tradicionalismo, além de possuir sua experiência histórica no grupo não dominante e de voz minoritária na sociedade, que é o grupo feminino.

O que ocorre com a trajetória da intelectual da contista é que sua intelectualidade ultrapassa a sua formação escolar e acadêmica. E entende-se essa informação quando Ceres, que é uma intelectual da educação e da literatura, se associa, não dentro da sua literatura ainda, mas dentro do campo social, em um órgão que está ligado ao pequeno grupo feminino alagoano, engajado com a luta pela emancipação dos direitos da mulher. Então, tanto pelas relações sociais — que estão a vista nas estantes de suas bibliotecas, que estão associadas às leituras de “mulheres celebres”, não só na literatura —, quanto pela atuação nas entidades de defesa — de constituição pública e de grande visibilidade — das questões femininas, além do modo como sua ficção passou a apresentar elementos que se inserem no debate relacionado ao gênero feminino, é que chegamos ao resultado de nossa análise. Para tanto, foi preciso considerar mais de perto a questão do feminismo para Heliônia Ceres, pois a categoria virou

tendência e está retratada em sua documentação, tanto nas questões iniciais, que motivam as ideias sobre os direitos de emancipação das mulheres, como quanto ao sufrágio feminino e nas práticas das entidades em que ela atuou, havendo o fator da humanidade. Tal como a sororidade¹⁸, conceito que esbanja destaque atualmente, por exemplo, assim é em relação à formação unitária, que é onde essas observações feitas se encaixam. Percebe-se que:

Num novo contexto de relações entre vida e cultura, entre trabalho intelectual trabalho industrial, as academias deveriam se tornar a organização cultural (de sistematização, expansão e criação intelectual) daqueles elementos que, após a escola unitária, passarão para o trabalho profissional, bem como um terreno de encontro entre estes e os universitários. Os elementos sociais empregados no trabalho profissional não devem cair na passividade intelectual, mas devem ter à sua disposição (por iniciativa coletiva e não de indivíduos, como função social orgânica reconhecida como de utilidade e necessidade públicas) institutos especializados em todos os ramos de pesquisa e de trabalho científico, para os quais poderão colaborar e nos quais encontrarão todos os subsídios necessários para qualquer forma de atividade cultural que pretendam empreender (GRAMSCI, 2001, p. 40-41).

Assim, a maioria dos intelectuais tem suas formações separadas e não unitárias, e para que isso fosse melhor posto na sociedade, não só as escolas, mas também as universidades deveriam tomar posse da produção do conhecimento mediado pelas relações sociais, como demonstram as publicações de Ceres e a teoria do erro de análise, em que os alunos, formados intelectuais, seriam capazes de ter essa formação de maneira unificada e seriam capazes de fazer intervenções sociais conscientes em prol do desenvolvimento não só industrial e profissional, ou produtivo, dentro do sistema de relações capitais, mas também do desenvolvimento e manutenção da humanidade.

As publicações da Gazeta Feminina, embora em análise, estavam longe de colocar a mulher num patamar social mais elevado., Traziam, em suas colunas, nomes femininos que estavam socialmente alocados em lugares de fala de algumas profissões, porém, as leitoras recebiam apenas informações que diziam respeito a serem donas de casa, esposas, mães, este último sempre em primeiro lugar. Essa é, sem dúvida, uma questão que busca ampliar o debate sobre o gênero feminino em Alagoas, através dos contos e publicações de Ceres na Gazeta feminina. Pode-se dizer que existia uma preocupação com o bem estar da mulher

¹⁸ Conceito atual usado no movimento feminista, mas que sem anacronismo, faz parte de uma das estratégias das instituições de apoio às mulheres que a A. atuou.

alagoana, mas que não exercia uma função efetiva de emancipação, e sim de cuidado. Isso ocorreu durante quase todo o exame das edições a que tivemos acesso.

No primeiro ano aparece, com destaque, a mulher do lar, não só nas colunas, como também nas propagandas feitas na página. A preocupação com a vida doméstica é muito perceptível, mas a vida social das mulheres começa a ser enfatizada com a contribuição de algumas colunistas mais avançadas em suas ideologias.

Conclui-se, então, que o trabalho executado por Heliônia Ceres em sua renomada carreira como contista foi devido à sua formação tradicional educacional e da sua posição social, que colocou-a em um patamar de visibilidade no cenário da cultura em Alagoas e também deu-lhe reconhecimento fora dele. Esse, porém, não pode ser o único requisito para qualificá-la enquanto uma intelectual, já que sua função intelectual se altera depois que ela entra em contato com um determinado modo de produção cultural, tornando-se uma condição, juntamente com suas motivações políticas, que não eram em totalidade libertárias, ao menos não pela análise documental das edições disponíveis da Gazeta de Alagoas. E o exame da categoria intelectual feito aqui e aplicado à vida de Ceres não expõe apenas a função intelectual tradicional intrínseca à sua formação técnica, mas se imbrica com o ponto da sua atuação nos coletivos de apoio às mulheres de sua época, que resultam numa costura do passado das mulheres, em especial as intelectuais.

A presença da questão de gênero, como observamos neste trabalho, em sua obra, com base teórica em sua formação, que também deve conter aspectos de sua vida e atuação pública, onde nasce a intelectual tradicional-orgânica, ou outra terminologia que possa vir a suprir com êxito o que significou todo seu trabalho em vida. Assim, é preciso considerar que entre a sua intelectualidade técnica e sua vida existe a vivência histórica, a experiência social, que lhe fez querer auxiliar mulheres que não tiveram a possibilidade social equivalente à sua, enquanto intelectual tradicional. Em relação aos seus textos, possuem personagens diversificados e importantes historicamente, não só dentro da estética, mas que entram na realidade objetiva através da crítica literária marxista e têm o objetivo de levar aos leitores conhecimento de mundo que possam elevá-los enquanto seres humanos.

No caso de Ceres, o processo histórico ao qual foi submetida pela sua formação intelectual, como professora de línguas estrangeiras, a caracteriza como advinda da classe aristocrática enquanto intelectuais preexistentes. Partindo da sua filiação, Ceres teria suas bases intelectuais institucionalizadas pelas ideologias dominantes, articuladas com as aparelhagens religiosas e de poder econômico. Seguindo Gramsci, “Por isso, seria possível

dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates)” (GRAMSCI, 2001, p. 18).

Anexada a essa colocação tem-se a oportunidade de mostrar outra forma de olhar a sua obra, antevendo seus precedentes, mesmo que superficiais, nas causas femininas, depois de uma maturação dentro da sociedade e de contatos e práticas sociais que a constituem enquanto intelectual, retratando, na autora, uma atuação política para dar recados sociais sobre as mulheres. Isso já no final de sua vida, quando publicou pela 2ª vez o conto “Rosália das Visões”, fruto dessa trajetória, e que confirma a teoria da escola unitária e fomenta o exame feito por Antônio Gramsci das categorias dos intelectuais.

Essencialmente, a análise trata dessas questões que mostram como a História adentra todas as dimensões da sociedade. O distanciamento da estética é a uma tomada de consciência necessária, deixando evidente que o sistema burguês se infiltra nas mais adversas situações, aprofundando o Capitalismo e toda a degeneração causada pela sua implantação, sólida, mas não indestrutível.

Tomamos esta posição como ponto de partida para compreender que na arte e na literatura também ocorre uma teorização aplicável, algo sobre “especialidade”, que as colocam em função das ideologias para serem usadas de acordo com as necessidades políticas ou sociais de determinado sistema vigente. No caso do estudo feito, as observações necessárias sobre a realidade regional das Alagoas e sobre as questões de gênero entram no processo de análise.

Estreando na Literatura em 1967, Heliônia Ceres de Melo e Motta é muito bem recebida pela crítica literária. Ao menos pelo que se demonstra a partir de seu acervo pessoal — não encontramos nenhum tipo de crítica negativa às suas obras ou à sua atuação social, o que não significa a não existência delas. As ideias da autora sobre a sociedade alagoana de sua época estão, de fato, explícitas em sua obra, e as publicações acima datadas nos indicam um recorte temporal de 1968, um ano após sua estreia literária, a 1997, dois anos antes de sua morte. Esse material nos dá aparato documental inicial para analisar um recorte de quase 30 anos, que pode ser utilizado para uma contribuição dos estudos sobre a História Intelectual de Heliônia Ceres, e, por tabela, de um determinado grupo social no Estado de Alagoas.

Em suma, os artigos e resenhas encontrados neste acervo são, em sua maioria, de jornais locais, porém alguns foram escritos e publicados em outros estados. Em seus títulos

vê-se que a maioria fala sobre as publicações de seus livros, e endossam que a arte literária é a essência primária que leva ao reconhecimento de Ceres como intelectual alagoana, ao menos nas mídias locais do período. Porém, ao ler as matérias, nos deparamos com seu nome associado a outros eventos e outro tipo de atuação que estão, de certa maneira, entrelaçados a essa trajetória artística. MAS não cabe aqui uma biografia ou hagiografia, já que a nossa contribuição é, em teoria, para a construção de uma História Intelectual em Alagoas. Isso demanda examinar, ainda, muitas fontes que possam trazer outros personagens dentro da construção histórica social de Alagoas a ser examinados, e que não precisem ser, em específico, intelectuais conhecidos ou renomados, mas que tenham, de certa forma, levado sua trajetória em conexão com a luta pela melhora de sua sociedade.

Este capítulo tratou de uma descrição que pode servir de base para a análise crítica e dialética das fontes do século XX, que propõem uma reflexão que auxilia no momento atual das discussões de gênero do século XXI. O momento das publicações pode ser inserido para entender os debates que estão em constante revisão sobre uma historiografia das mulheres.

A intenção foi demonstrar a forma refletida da mulher da década de 50, feita pela jovem intelectual Heliônia Ceres, em suas condições materiais, ainda em um estágio imaturo do que seria uma concepção intelectual dentro do campo da história intelectual. E em relação à sua vivência de mundo, no início de suas relações sociais, em Alagoas, lhe foi proporcionado vínculos empregatícios, como o de Editora no caderno Gazeta Feminina, na Gazeta de Alagoas, órgão de hegemonia que contribuiu para fomentar um patriarcado na sociedade no qual ela era inserida.

A discussão desse capítulo elucida que tentar provocar uma crítica a respeito da condição da mulher na década de 50 poderia se dar de diversas maneiras. Mas não é descabido inserir essa experiência no movimento de dar visibilidade para a importância e as pautas das mulheres na sociedade, dar destaque a uma mulher de perfil social de classe média alta em suas publicações, para mulheres de sua mesma classe social, com gostos iguais e posicionamento social inerte à movimentação feminista em outras esferas, que já sabemos que existia no país. As contradições de um caderno feminino numa imprensa oligárquica e patriarcal são patentes, entretanto, também sabemos que não foi fácil para as mulheres conquistar espaço e entrar em meios sociais que tinham uma maioria masculina, e esta informação adentra o campo de análise.

A oportunidade vivenciada por Heliônia Ceres foi única, embora possa não ter sido utilizada da melhor maneira. Entretanto, o que tentamos extrair do material analisado neste

capítulo foi a experiência histórica da intelectual, quando exerceu sua primeira atividade dentro do campo jornalístico, que lhe foi contributiva em relação a um crescimento intelectual, que será detalhado a seguir, na construção do segundo capítulo.

3 CAPÍTULO 2: A GAZETA FEMININA, OS REFLEXOS DA MULHER DAS CLASSES MÉDIA E ALTA EM ALAGOAS

Este capítulo pretende descrever os cadernos da Gazeta Feminina que são o marco inicial da pesquisa e interferem diretamente em sua conclusão. A descrição das colunas e dos conteúdos não pretende ser totalmente crítica, mas também investigativa, ao passo que há uma constância de questões históricas acerca do modo como Ceres tentava trilhar um caminho com passos que pisavam entre um feminismo e um conservadorismo. Neste capítulo procuramos observar conteúdos e também o teor das informações que ajudam a desvelar a situação da hipótese de que as questões feministas mais relevantes ainda não teriam sido tratadas por Heliônia Ceres, mas não a ponto de ela deixar de tocar em elementos que seriam aprofundados adiante. Essa situação se dava pela falta de relações sociais que possibilitassem esse avanço. O que não a define como neutra nem como feminista, mas como uma jovem mulher em início de carreira numa sociedade patriarcal e aristocrata. Mesmo limitada essa ingerência, em se tratando do estado de Alagoas, podemos afirmar que também houveram conquistas do espaço feminino nesse período.

3.1 OS CADERNOS DA GAZETA FEMININA (1953 A 1955): UMA LEITURA CRÍTICA

Foram dois anos do caderno Gazeta Feminina sob a direção de Heliônia Ceres: segundo as datas avulsas, que aparecem nos 17 exemplares pesquisados, a intelectual dirigiu a publicação pelo período que durou de 1953 a 1955, e na consulta feita ao calendário desses anos as datas das publicações propõem que a publicação era semanal, e saía aos domingos. O Exame inicial foi feito em sete cadernos do ano de 53, mas as primeiras publicações a serem consultadas foram as do ano de 54-55. O conjunto documental encontra-se em seu arquivo pessoal, no bairro do Farol, onde era sua morada, ao qual tivemos acesso parcial. Complementarmente, acessamos parte da coleção que está no acervo do APA. Por motivos técnicos, tivemos a infelicidade de não conseguir o acesso à coleção completa dos cadernos.

A última publicação, por suposição cronológica, dataria do dia 25 de dezembro de 1955, porém, a última edição a que tive acesso foi a de quatro de setembro do mesmo ano. Ao todo, estimamos que a coleção completa possua 156 cadernos/sessões, dos quais foram analisados apenas 17. Apesar da quantidade reduzida de cadernos em relação ao total da

coleção, o acesso que tivemos ao fundo pessoal ajudou a complementar a pesquisa, concluir elementos das inanições e escrever sobre o pensamento inicial, apto por tais leituras. As sessões consultadas permitem uma análise sucinta do que era escrito e direcionado por Ceres, que aprovaria todas as colunas que completavam a sessão e que possuíam diversas assinaturas. Por exemplo, mesmo sendo um caderno de assuntos femininos, embora restritos, as colunas que aparecem exibem também assinaturas de homens. Acreditamos que possa ter sido por isso também que encontramos dificuldades em ver a sessão como um caderno emancipativo e feminino, em sua totalidade.

As colunas das sessões sempre trouxeram um teor informativo, apesar de as notícias quase sempre serem relativas a outros países, juntamente com curiosidades, anedotas, grandes faces da história da humanidade. O aspecto romântico, muito usado para encantar as mulheres, era presente nos cadernos através de poesias e poemas, em sua maioria assinados por nomes masculinos, e a sessão também trouxe muita informação de teor doméstico e matrimonial.

Não se nega o tradicionalismo: todas as colunas das fontes analisadas definem que a sessão era um jornal feito para mulheres da elite de Alagoas. O conservadorismo e a falta de uma colocação crítica feminina em integralidade são características dos cadernos que foram analisados na pesquisa, afinal, o jornal Gazeta de Alagoas sempre foi, e ainda é, de uma família tradicional da elite alagoana, representando os interesses fundamentais do setor canavieiro. Então, levemos em consideração a experiência histórica de Heliônia Ceres no meio midiático e verificar seus avanços em tentar finalmente colocar o caderno como sendo uma zona de compartilhamento de coisas voltadas para os interesses das mulheres, tentando fazer com que seja um caderno realmente feminino, em substancialidade.

3.2 MAIO DE 1953: A MULHER EM OUTROS ÂMBITOS SOCIAIS

As fontes da sessão Gazeta Feminina que se referem ao ano de 1953 não podem, de fato, ser analisadas pela historiografia representativa feminista como a exposição de um feminismo, cujas ideias, que já estavam se espalhando no período em outros lugares do mundo, pareciam não tocar as páginas do caderno.

O caderno possuía a coluna “Grandes Vultos da Humanidade”, que trazia personagens da história, em sua maioria masculinos e sem nenhum destaque aparente para as eventuais causas femininas que eles tenham defendido. Eram nomes como Albert Einstein, Amadeus

Mozart e até mesmo Nietzsche. De todo modo, mulheres ocupavam espaços de redação, como a correspondente internacional Graciela Elizalde, do Globo Press, e Clécia Lopes de Mendonça, assinando a parte romântica da sessão, além de várias outras mulheres assinando suas colunas nas edições do jornal. Contudo, apesar desses avanços parciais, a comprovação até aqui é que apenas algumas mulheres, as das classes mais altas e letradas, poderiam ocupar um lugar de respaldo no caderno, denotando como atitude feminina aquela definida nos estratos mais altos da sociedade.

As notícias de fora do país vão aparecer nas próximas colunas: os “Pensamentos” e as curiosidades na coluna “Daqui e dali”, mesmo quando trouxeram informação, não era, de fato, algo que auxiliasse diretamente na emancipação feminina, pois os escritos versavam, por exemplo, sobre o que havia ocorrido com os trabalhadores de Paris. Nada de revolucionário para uma dona de casa alagoana da década de 50, de um bairro periférico da cidade de Maceió, por exemplo. Nem mesmo em 20 de dezembro de 1953, com a criação da coluna “Você tem sex-appeal” o caderno quis dizer algo de inovador para a onda do momento¹⁹, já que ainda existiam as colunas de “Boas maneiras”, “Conselhos domésticos”, “Conselhos para o lar” e “A mulher no lar”, que são a mostra de que a sessão não ganha uma modificação maior em relação aos novos assuntos das mulheres. Até mesmo os patrocinadores, com propagandas de biscoitos e coisas para o lar, ajudam a dar o tom do caderno. Helen Rose aparece na coluna de moda que, junto com as outras, vão mudando de nome, porém, as abordagens de conteúdos são as mesmas, nesse caso, invariavelmente beleza e vestuário.

A coluna da diretora, nada mais que um “Retrato” de algum aspecto da sociedade brasileira, sempre era muito romanceada e filosófica, mas nada crítica. Sobre os filhos, as colunas são imperativas: “Eduque seu filho”; para o relacionamento, “Surpreender agradavelmente seu marido”. A aparição da coluna “Mulheres Célebres” no lugar da “Retrato”, em 10 de maio de 1953²⁰, traz uma faísca de esperança de evolução, para tratar de assuntos que tragam algum ativismo feminino a ser percebido pelas leitoras. Uma nota de interação com as senhoras e senhoritas pede que mandem fotos de festas e também crônicas, pedindo para que as leitoras tornem a página exclusivamente feminina e alagoana, desde que

¹⁹ VOCÊ tem Sex-appeal. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

²⁰ CERES, Heliônia. Mulheres célebres. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

a colunista Clécia é de João Pessoa e Graciela, também colunista, parece morar fora do país pelo que se pode constatar das colunas vindas de fora., Então não havia mulheres o suficiente para assinar as colunas no estado ou então havia uma seleção de colaboradoras muito restrita, supomos, cujos motivos precisariam ser melhor investigados.

E as colunas sobre casa mudam ou ganham reforço ao longo do período. Aparentemente, além da falta de mulheres, parece haver também uma falta de fôlego para colocar a coluna para frente, junto à história. De uma edição para a outra há uma tendência e uma tentativa de inserir mais mulheres na coluna. A “Graça e personalidade” trouxe Margaret Silver, e é enorme. “Ria um pouco”, trazendo graça e entretenimento para a vida de suas leitoras: será? Colunas como “A esposa no lar”, e “A favorita de Salomão” parecem retrocessos casuais, mas não são exceções. Neste período, o caderno ainda parecia ter o objetivo de manter as mulheres em seus lugares de esposas, mães e donas de casa.

As propagandas tinham seu lugar: bebidas, como conhaque, médicos ginecologistas, tônicos de beleza. Dicas, dicas de tudo: saúde, beleza, alimentação saudável e receitas culinárias. As dicas para a manutenção da casa, cama, mesa banho, notícias sobre moda e elegância, além de boas maneiras.

Duas sessões de 24 maio de 1953 trazem surpresas. A matéria “A mulher e o automóvel” tratou a forma como uma mulher escolheria um carro, sendo inovadora — mas nem tanto —, devido as mulheres da elite terem mesmo a condição de comprar um automóvel²¹. E a outra que brilhou foi “A atuação da mulher na política”²². Entre as colunas sobre como lidar com as visitas, esta matéria chamou a atenção como sendo uma das progressões na sessão, já que nessa edição Heliônia Ceres teve o interesse de publicar algo social sobre as mulheres, acompanhando os fatos que estavam ocorrendo com elas no mundo. Interesse relevante, mesmo com as colunas ainda fazendo as mulheres pensarem apenas dentro do universo doméstico, e que na sessão ainda existisse o aspecto que condiciona a mulher a esse universo, apenas., A matéria, que foi transcrita do “diário de notícias” do Rio de Janeiro, trouxe um questionamento referente aos problemas da mulher na sociedade. A matéria partiu de uma enquete que problematizava a atuação da mulher na política, porém, as respostas dadas por homens e mulheres foram as mais variadas, como “a política para a mulher nasce na relação nora e sogra”, e também “mulher não tem vocação para a política”,

²¹ A MULHER e o automóvel. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 24 de maio de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina

²² A ATUAÇÃO da mulher na política. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 31 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

respostas de donas de casa. Mas também houveram respostas de feministas e funcionárias públicas, e até mesmo um cineasta, que deram respostas “a favor”.

Embora sendo uma enquete, a matéria pode ter servido para chacoalhar o pensamento das leitoras, que por sua vez não tinham consciência do que significa pertencer a uma classe de padrão social elevado, e que, por isso, estavam acostumadas a lidar com as publicações sobre cama, mesa e banho

Além dessa matéria, outro ponto tocante é a ausência da coluna “Retrato”, que já nos fez pensar no nível das relações sociais que Ceres estava alcançando para dar um novo código à sessão, já que a coluna “Mulheres Célebres” trouxe Maria Antonieta, a última rainha da França, que perdeu a cabeça após ser acusada de mandar os famintos comerem brioche, uma figura controversa e polêmica.

As sessões continuaram com os mesmos assuntos e matérias, e a coluna “Retrato” retorna. Ao longo do ano de 1953, foi preciso identificar, na Gazeta Feminina, que apenas duas edições tocavam, de modo mais direto, em questões mais atinentes ao debate do feminismo. Clécia Lopes mantém a sessão ao longo desse último ano, e uma mulher começa a assinar a “Pensamentos”, que nas edições anteriores eram, em maioria, de assinaturas masculinas.

3.3 1954: AS MULHERES DO POSTO DE GASOLINA

A sessão dia 11 de julho de 1954 traz os letrados: “Senhoritas/ Senhoras/ Leitura de interesse para a mulher, deste dia, é composta pela coluna RETRATO, escrita pela diretora da seção Heliônia Ceres, que trouxe ao leitor, uma pauta das ‘bombas de hidrogênio’”²³. Acreditamos que a citação foi feita em referência à Castle Bravo, a maior bomba termonuclear já detonada pelos Estados Unidos, em 1 de março de 1954 em forma de retrato, o que denota em palavras poéticas e, ao mesmo tempo, irônicas, sobre a invenção de uma das bombas mais potentes da história. A seção “Retrato” daquele domingo de julho descreveu os efeitos dessa bomba, em uma espécie de crônica sobre a Operação Castelo, forma como foi chamada a série de testes, realizada no Pacífico sul, e que atingiu militares e pescadores.

A novidade é as autoras aparecem com outros artigos, de outras mulheres, que trazem uma temática mais feminina, a temática da época, no que se referia a assuntos de mulheres, não unicamente, mas acompanhando o ciclo e o contexto histórico das Alagoas de 1950. Ao

²³ CERES, Heliônia. Retrato. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

menos as mulheres começaram a, cada vez mais, aparecer e assinar matérias.

As leituras trazem o que chamaríamos de superficialidades femininas, hoje em dia, visto que as funções femininas na sociedade vêm se alterando, paulatinamente, desde a época. São artigos sobre: “Cardápio/menu de festas infantis” — uma notícia da Globo Press, de Nova York, sobre menu de festas infantis e uma receita de bolinho branco —; “Jogos de passatempo (Serão vocês belas dentro de 25 anos?)”²⁴, com 20 perguntas de respostas subjetivas e que, de acordo com a numeração prevista, diria se a leitora seria ou não bela; “Conselhos úteis de como tirar manchas de roupas”; “Curiosidades”; “Anedotas Históricas”; “Pensamentos” (assinada por homens/filósofos); “Cuide da Sua Beleza”: “Como cuidar dos braços e mãos”; “Nosso silêncio”, um poema cuja publicação original ocorreu em Junho de 1954 em João Pessoa²⁵. Além disso, uma enorme propaganda de fogão da marca Philips e distribuidora J. Siqueira; uma coluna sobre a cor da moda, o Azul e uma notícia sobre a construção de igrejas Católicas nos EUA.

Em suma ainda é um caderno tímido em relação ao feminismo efetivo, que já havia eclodido no mundo, mesmo para a época e pelo contexto econômico de Heliônia Ceres. De todo modo, é preciso considerar a importância da coluna “Retrato”, por ela demonstrar que existia uma preocupação em noticiar um grande fato histórico, mesmo que de maneira poética e não sendo um jornal que atingia grande a parte da população feminina, muito menos mulheres das classes mais baixas, mas sim a parte mais elitizada e letrada. Também é preciso considerar as crônicas das autoras femininas por significarem o fato histórico do início da ocupação das mulheres nos ambientes de maioria masculina, como desde o início do século XX, mesmo na imprensa, que era o comum da época, em se tratando do estado provinciano de Alagoas.

A cada periódico, a coluna “Retrato” trazia uma nova problemática. Em 1 de agosto, a coluna colocou uma crítica aos costureiros e à moda parisiense da época²⁶. Heliônia deixa clara a tragédia da moda quando ela não serve para um determinado corpo. Ainda não existia a liberdade feminina para se usar o que quisesse nesse retrato, porém existe a crítica à imposição da moda: “ora, mas não é possível que eu me sujeite a sair ridícula na rua para estar em dia com aqueles senhores!” (CERES, 1954).

²⁴ WILLIAMS, Monique. Serão vocês belas dentro de 25 anos?. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção.

²⁵ LOPES DE MENDONÇA, Clécia. Nosso Silêncio. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

²⁶ CERES, Heliônia. Retrato. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A coluna “Daqui e Dali” traz as notícias das novidades na Inglaterra e Estados Unidos; poucas mudanças e retomadas de pensamentos assinados por homens, e notas de como servir mesas; maneira como lavar uma renda; receitas; “Como cuidar do bebê”, onde a criança é chamada de “herdeiro” e “príncipezinho”, o patriarcado dando as caras nuas em pleno século XX, e na maior mídia em circulação impressa do estado²⁷.

Partindo dessa observação, sobre ser uma rainha do lar, no caderno do 11 de julho de 1954 saiu também uma matéria sobre duas funcionárias de um posto de combustível, onde ambas faziam todo o serviço, inclusive o masculino, fato ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. Esta matéria é um pequeno progresso no caderno, porém o torna controverso. Com esse tópico embasamos a hipótese de que a edição vem evoluindo em relação ao papel da mulher na sociedade e sua presença já assídua em vários setores do mercado de trabalho, fora do ambiente doméstico. Porém, o enfoque não é tão alusivo quanto deveria ser, já que não há uma desconstrução da mulher patriarcal. Então as duas matérias poderiam, em um sentido crítico e informativo, ter sido fundidas para falar do papel da mulher da época e de seus novos posicionamentos sociais. Ceres, talvez, desfilasse em uma moralidade na qual a mulher poderia optar. As matérias são contrastantes e inúteis, tanto para a mulher mãe quanto para a mulher frentista, pois elas não expõem de maneira alguma as situações sociais concretas de nenhuma das duas mulheres.

As propagandas de onde comprar álcool com água em Maceió, e das tintas Ypiranga nos distribuidores Brêda e Irmão, Porcelana inglesa e tcheca — que demonstram a presença de uma elite, na vanguarda da coisa —; avisos sobre o Dr. Clemente Magalhães, recém-chegado de uma especialização em ginecologia; uma crônica sobre a invenção do espelho; e poemas.

A edição parece manter o ideal intacto, porém a notícia sobre o posto de gasolina e o retrato da moda podem ser consideradas avanços na coluna, em relação a anos anteriores, na medida em que tocam, de forma crítica e inovadora, em tendências importantes do debate feminista sobre os novos lugares da mulher na sociedade, que ocorria mundialmente. No caso, a colocação da mulher no mercado de trabalho e o questionamento do padrão da alta costura. Uma observação que trazemos é que sobra espaço na folha, nada está estreito e apertado, e então surge Sinhá Carneiro.

3.4 1955: A DUQUESA DE CALÇAS E A APARIÇÃO DE LINDA MASCARENHAS

²⁷ DAQUI e dali. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

Houve, de agosto de 54 para fevereiro de 55, o reaparecimento da Coluna: “Grandes Vultos da Humanidade”, trazendo a “face” de Nietzsche. Coluna informativa, que mantém os resumos das vidas de personalidades intelectuais do mundo. Mas a coluna “Retrato” traz o caso do assassinato de Arsenio Lemos, que teria sido assassinado por Bandeira, e Heliônia faz uma analogia desse caso com o caso “Dreyfus”, pois o coloca como um caso enigmático. Além de tudo expõe um crime político, o que é relevante.

As colunas sobre moda são duas, enormes. Colunas sobre como limpar utensílios e curiosidades históricas aparecem bem pequeninas, o que não deixa de ser mais uma controvérsia, pois parece que o caminhar da coluna é confuso quanto ao direcionamento que deveria tomar. “Como cuidar de seu bebê”, continuando na segunda sessão (em um espaço menor), e depois as receitas, passatempos e pensamentos, os poemas de assinatura masculina, dessa vez com um novo autor, uma coluna de assinaturas mistas, ainda.

Uma crônica e um artigo assinados por homens! O que chama atenção no dia 14 de fevereiro é um artigo sobre uma duquesa espanhola que usava calças e se impôs a um sacerdote quando questionada. Incita, de certa maneira, a mulher a questionar quando lhe for imposto algo, mas as alfinetadas de Heliônia ainda são sutis. Ainda não há, para ela, uma segurança em iniciar um feminismo efetivo na coluna, mas já se inicia, de fato, um progresso²⁸.

As observações desse ano são artigos sem autoria que me parecem ser artigos da própria diretora. Pela análise que realizamos, eles artigos diferem dos demais em seu teor crítico em relação aos assuntos tratados. Talvez o anonimato seja uma estratégia. E para fevereiro temos, na coluna “Retrato”, o carnaval, retratando a forma como se “pulava” na época, com as marchinhas que contagiam.

Como panorama, esta seção traz a questão acerca de como estão situando-se as mulheres no mercado de trabalho. É algo relevante, como posto no caderno anterior, sobre as frentistas do Rio, mas ainda se coloca como prioridade a mulher em situação de matrimônio e a beleza. Ou seja, é algo em que a edição não se aprofunda. Fora as crônicas sobre o casal que partilharam os bichos de estimação e sobre como já foi feita a publicidade, em outra época, são atrativas ao humor. Cantigas sobre o esquecer, fazem refletir. As coisas relacionadas à moda e ao lar ainda são as maiores colunas.

²⁸ UMA ESPANHOLADA da duquesa. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A crítica desse caderno se correlaciona com o caderno anterior. Uma notícia sobre as mulheres enfermeiras que não conseguem se casar na Alemanha não pode ter sido vista com bons olhos pelas senhoras matriarcas alagoanas, porém, é algo que precisa ser examinado diante da conjectura, desde que o caderno continue sendo um caderno feminino, e não feminista. Até aqui algumas matérias são, de fato, ambíguas na caracterização, se quisermos fomentar uma compreensão sobre evolução no caderno em relação a sua perspectiva feminista. O artigo “Porque não fazemos também?” é uma tentativa de repercutir sobre uma alusão à educação política, mas de maneira crítica não nos revela nada de muito progressista quando se trata de manter a poesia sobre o amor romântico, que ainda marca, de maneira muito abrupta, um romantismo feminino, que impede muitas progressões sociais para as mulheres.

A sessão “Retrato”, neste caderno, traz Tiradentes como um Herói do Brasil, e é um artigo crítico, não que de outras vezes ele não o tenha sido, em relação a um período ou fato histórico, mas supomos aqui que dessa vez ela foi incisiva numa historiografia concisa sobre a real história de Tiradentes, na luta pelo progresso do Brasil.

O caderno continua numa progressão positiva em mostrar algo relevante sobre as mulheres e a ascensão social das mesmas. Em abril ele trata sobre a campeã inglesa de Gude, esporte aparentemente masculino, mas cujo *team*²⁹ era formado de moças que trabalhavam numa fábrica. Essa notícia, mostrou novos locais sociais da mulher para as leitoras, mas não alude de forma incisiva a essa alternativa, e nem intervém.

A coluna sobre como cuidar do bebê, no mesmo caderno, que traz a notícia da Lady do Gude, revela os limites de inserção de matérias que apontem novidades. Do mesmo modo, ainda assim, as coisas sobre o lar ganham maior relevância, agora com a coluna “Enciclopédia do lar”, com uma grande coluna. A observação permite ver no lugar de algumas propagandas, lembretes sobre a sonegação de impostos. Georges Sand, a Baronesa Amandine, é trazida na coluna pelo olhar de um homem³⁰.

A Matéria “Cuidado com você mesma” traz a questão dos cuidados da mulher e parece ser algo diferente das colunas que trazem moda e beleza padronizada., A completude a esse sutil aprofundamento do tema na sessão, o artigo que traz os malefícios dos excessos de qualidades domésticas à saúde da mulher é finalmente uma modernização nos escritos ditos

²⁹ Termo em inglês usado no referido texto do caderno da Gazeta Feminina.

³⁰ GEORGE Sands vista por André Maurois. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

femininos. A história da rainha da Áustria também inspira uma reflexão sobre a mulher, em tempos de reinados. Já a sessão “Vultos” traz Benjamim Franklin.

Em maio daquele mesmo ano, “Retrato” veio com uma homenagem às mães. A coluna “Seu filho”, trouxe uma evolução nos cuidados maternos, sobre iniciar a independência do filho, a criança canhota, entre outras. Fernão Cortez e seus amores distraem as leitoras³¹. “Vultos” vem com o perfil de Thomas Edison.

Em resumo repetitivo, ainda existe a importância da mulher como mãe, e a coluna traz um peso de que a mulher “tem que saber como agir” quando o filho adoece. As dicas sobre a mulher do lar continuam, mas a sessão mudou, evoluiu ou se modernizou em pouco tempo, trazendo questões mais relevantes sobre a mulher. E essa sessão trouxe a coluna “Sociedade”, sugerindo que os leitores mandassem histórias para que fossem publicadas em forma de crônicas. Ali existia uma interação da coluna com seu público, o que parece ser um projeto de uma espécie de coluna social, como já conhecemos.

Uma matéria que nos parece ter sido publicada por conta dos novos relacionamentos de Ceres com as pessoas da cultura indica uma tendência de que ela construísse novas relações. Inclusive, em sua biblioteca há uma enorme quantidade de livros assinados e dedicados por variados nomes da cultura local à nossa personagem. A questão cultural foi posta na matéria com uma crítica à falta de apoio do Estado à cultura, e quem a assina é Irene. Infelizmente, só por esse nome, não conseguimos maiores informações a respeito da verdadeira autora.

Em junho, “Retrato” critica a nova forma de selecionar alunos na Faculdade de Engenharia, debatendo uma formação profissional importante e de proeminência em Alagoas.

O caderno não toma, de maneira alguma, uma postura crítica ou libertária até aqui. Em algumas colunas, critica certos aspectos do cenário alagoano, e mostra algo sobre as conquistas femininas. Ainda assim, não mostra de periódico para periódico, muito menos concretiza o caderno feminino em sua literalidade — ou ao menos não no que diz respeito ao que cabe nas pautas feministas da época.

Trazia sempre coisas como estudos de como a caligrafia pode mostrar um pouco da personalidade de alguém, levando em consideração, aqui, o conhecimento que é passado, de novos estudos sobre os aspectos psicológicos. “Lembrete” trazia dicas de boas maneiras e depois a coluna “Casa”, lida com decoração para banheiros, sempre retrógrada, nos principais

³¹ SEU FILHO. O senso de independência pode começar até pelo vestir-se. **Gazeta de Alagoas, Maceió**, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

pontos.

Vamos considerar algumas coisas que podem indicar que Ceres teria, sim, uma postura intelectual/moral, porém, por ser culta, detinha, em seu comportamento, uma substancial qualidade de enxergar a diversidade social existente. Em uma pequena crônica, neste caderno descrito acima, escreveu sobre um padre e um ateu, mostrando um pouco da sua percepção intelectual em relação à religião.

Alguns comentaristas identificam-na como católica, mas sua biblioteca mostra uma variedade de escritos de natureza religiosa, entre eles, espíritas. Uma outra crônica que escreveu é uma crítica ao tratado de Tordesilhas, sobre a nova divisão das terras recém “descobertas”, satirizando Adão. Observamos, nessa sessão, pequenas colunas com informativos que são passados de forma literária, que se apresentam como uma das poucas críticas que aparecem em suas edições.

“No paraíso da cozinheira” é o retrato fiel da falta de condicionamento crítico que a coluna poderia ter. O título, por si, já é sugestivo a quem gosta de cozinhar, e muda a caricatura de que toda mulher é obrigada a achar a cozinha um paraíso. Aqui a leitora já pode ter ou não a opção de ler, não que não tivesse antes, mas, pelo menos, perdeu a impressão deque a “Enciclopédia do lar” entonava uma certa obrigação ao saber fazer doméstico. No final da coluna, assinada por Lourdes³², há a propaganda de seu educandário.

A “Decoração francesa para o banheiro” ainda denota a elite a ser atingida pelo jornal. Saíram os “Pensamentos”, assinados por homens, e entrou o poema de Cecília Meireles. A amada de Beethoven é o foco da história sobre “Amores de gente famosa”, onde antes, por algumas vezes os nomes masculinos vieram na frente dos nomes femininos. “Vultos” trouxe Berlioz Hector, compositor francês que contribuiu para o desenvolvimento do Romantismo, mostrando, de algum modo, como Ceres sabia muito sobre a França, algo característicos dos intelectuais tradicionais do Brasil, observado na história.

Na edição de julho a primeira observação é que algumas colunas não finalizam nessa sessão. A coluna “Lendas brasileiras” mostra, pela primeira vez, um pouco da cultura em quase dois anos de jornal, assim como as notícias, que foram diminuindo gradativamente, e as colunas de curiosidades, que passam a perder espaço para algo novo, como, por exemplo, a

³² ENCICLOPÉDIA do lar. Flores de Lã/Os sapatos de seu filho/Cuidados com você mesma/Pudins. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

coluna de lendas. De todo modo, não dá para saber quanto tempo a coluna ficou em voga³³.

Para a “Casa” temos arranjos, continuando a tradição. A parte relevante tem sido a questão da arte, que vem sendo posta em pauta, e tinha sido iniciada com a crítica de Irene. A coluna “Educar” também prevalece. O que, finalmente, parece um toque de feminismo moderno à época é a crônica sobre amores findados, uma leitura de interesse, que inspira mulheres a terminarem romances ruins e incita completude em várias dimensões, como denúncias a violência contra a mulher. Este foi o ápice das questões feministas em quase dois anos de coluna. Aqui percebemos as evidências da hipótese que estamos levantando: as novas relações sociais de Ceres estão, de certa maneira, positivamente influenciando em seu modo de pensar sobre as questões femininas, e o reflexo disso é o surgimento de novas matérias e colunas no caderno, bem como de novas abordagens. As novas relações sociais de Heliônia Ceres estão influenciando sua produção intelectual.

Dentre os avisos sobre um médico ginecologista e a propaganda do Elixir 914 e de uma empresa de transportes aéreos, ao que parece, a coluna veio realmente evoluindo em relação às problemáticas das mulheres, e tocando as questões que realmente estavam importando em relação ao sexo feminino, conjuntamente ao movimento cultural no estado.

A partir de agosto de 1955, Linda Mascarenhas passa a colaborar no suplemento com regularidade, o que avaliamos como uma tendência de mudança do caderno³⁴. Na “Retrato” de agosto Ceres diz que não quis fazer um retrato. Aqui entendemos que o seu ser social começa a entender-se fora do tradicionalismo que lhe era imposto e absorvido, quando cita uma greve de estudantes, qualificando-os como “eloquentes”. Apesar de alguns erros de português no discurso, o texto dá uma visibilidade maior ao trazer um pensamento fora de seu lugar para as leitoras.

Ao falar da morte de Carmen Miranda, Ceres afirma não se agradar muito da artista, mas sentir a perda pelo Brasil. O caderno parece ter, agora, um teor mais voltado a uma discussão política, quando cita os candidatos a presidente do país do período, e a autora exprime sua vontade de que eles viessem a Maceió “mostrar suas carrancas”. Assim começa a aparecer uma editora descontente e revoltada com as condições de seu país, saindo um pouco da cozinha e do quarto dos filhos e indo atrás de uma interação com outras mulheres, com outros assuntos. De modo inesperado sai uma notícia sobre a maconha, abordando que a

³³ VALENTE, Valentino. Série de lendas Brasileiras. Índio voador. **Gazeta de Alagoas**, Maceió. (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

³⁴ MASCARENHAS, Linda. No domínio da arte. **Gazeta de Alagoas**, Maceió. 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

droga não seria apenas entorpecente, com autores que a própria Ceres lê que usam: um avanço de peso na coluna. Sabemos que o uso da erva, em determinadas condições, como mostram estudos sobre suas substâncias, são, hoje considerados pela ciência como uma revolução em tratamentos de doenças, mas não cabe aqui abordar esse assunto.

Analisando os primórdios do caderno nos decepcionamos com o que, inicialmente, imaginamos que fosse a coluna feminina de Helônia Ceres. As leituras deixaram a questão: quando será que ela traria, em algum dos periódico, alguma contribuição no nível social, polêmica e altamente discutível às suas leitoras.

As novas colunas em que Ceres mostra uma nova percepção para as leitoras são a coluna “No domínio da arte”, que trouxe Bibi Ferreira e seu show na peça “Divórcio”, escrito por Linda Mascarenhas, reforçando o que já afirmamos de uma mudança significativa na pauta do caderno em cerca de poucos meses; e a coluna “Personalidades da semana”, que para termos uma ideia da mudança, trouxe Lourdinha Vieira.

As colunas sobre educar e cozinhar continuam, mas sem mudanças, pois na maneira como evoluíram parecia dizer que a sessão não poderia também mudar muito bruscamente a sua objeção inicial.

Em 4 de setembro de 1955 a mulher ganhava novas funções sociais no caderno. A coluna de uma atriz chega na edição, e Iracema Alencar vem retratada na coluna de Linda Mascarenhas. Agora existe uma mostra sobre literatura, que trouxe Oscar Wilde. A coluna “Educar” virou “Educar tarefa difícil”, tirando o peso das mães de ter que educar perfeitamente, desmitificando as funções românticas da mulher do lar. Uma matéria intitulada “As nossas incoerências” mostra um marido impositor e o jogo de um relacionamento hipócrita, que evidencia a evolução da sessão no que se refere à abordagem do tema, que se iniciou com o da mulher do lar, apenas boa esposa, obediente ao patriarcado aristocrático. O “Poema” foi de Clécia Silveira. “Você sabia” tomou o lugar das curiosidades e informações legais, chegando agora com uma postura mais histórica, menos maquiada. Sem dúvidas, em comparação às outras, essa edição de setembro de 1955 revela um avanço limitado, mas muito claro, das tendências que o caderno apontava. De algum modo, isso reflete o processo de amadurecimento de Ceres enquanto editora da publicação.

4 CAPÍTULO 3: GÊNERO E A NEUTRALIDADE HISTÓRICA NA OBRA LITERÁRIA DE HELIÔNIA CERES

Este capítulo vem mostrar o aprofundamento e a evolução do pensamento social de Heliônia Ceres através da análise de alguns dos seus contos, escolhidos, que mostram as personagens em sua sociedade e a forma como a autora trata e se posiciona, normalmente nos finais das tramas, com reviravoltas inesperadas. Estas reviravoltas servem, aqui, para que enxerguemos o trajeto das relações sociais que a escritora teve em sua vida e passou a incorporar em suas perspectivas de visão de mundo, rompendo com a esfera social elitista em que foi criada. De algum modo, novas experiências — que eram a base das publicações da autora nos cadernos da Gazeta Feminina — também aparecem nos seus livros, refletindo aspectos da realidade social das mulheres.

4.1 O ESBOÇO AUTORAL DE HELIÔNIA CERES DE 1967 A 1998 — A MULHER EM FOCO

Na ficção de Ceres, em sua realidade fantástica, dentre as personagens e seus cenários, encontra-se a temática do gênero. Iniciaremos a análise do projeto autoral com o livro “Contos N°1”, publicado em 1967. Ele traz personagens comuns e enredos de lugares cotidianos da realidade social Alagoana, do período da publicação. As narrativas permeiam a sociedade e parecem tratar os fatos exatamente como eram tratados na época. É perceptível, através das palavras de tonalidade agressiva e preconceituosa, às vezes duras para uma exposição, mas que são externalidades que denotam a realidade no imaginário social sobre as pessoas, expondo uma visão do debate de gênero submetido à heteronormatividade pelas formas de reprodução das sociedades capitalistas. Nessa escrita, aparentemente sem avidez artística, deixa-se ao leitor uma oportunidade de tirar suas próprias conclusões em cima de um texto escrito dentro de um enquadramento literário imposto pelo cenário masculino, patriarcal.

Os contos deste livro vão além de uma exposição das características psicológicas das personagens. A autora invoca, através da narração, uma observação do contexto social das mesmas, sendo mulheres em primazia. Essa é uma das características fortes do livro, pois, dos 11 contos, 7 trazem mulheres como protagonistas.

Vemos o livro iniciado com o conto “Fanny modas”, que já traz a mulher, sem

marido, tomando uma postura histórica de ocupar um lugar dentro da sociedade, arriscando-se em profissões sem destaque ou estabilidade. Outra narrativa do livro adentra no âmbito da corrupção política, que atingiu, em sua maior amplitude, ao sexo masculino. Por meio de um bom posicionamento financeiro, como é observado no conto “O juiz”, conta a história de um mau caráter que se aproveitava de seu cargo público para seduzir e extorquir mulheres. Essas tramas deixam explícito que os personagens deste livro emergem de uma realidade cotidiana existente em Alagoas, e nos trazem a visão análoga que as tornam comuns às pessoas e casos que temos hoje em dia. Essa leitura marca um reflexo da sociedade da década de 1960, na qual ainda não há, na autoria, uma localização mapeada de determinada sociedade.

Em se tratando das conjecturas sociais de uma época em que a mulher tinha a “obrigação” de ser apenas mulher, bela e referencial de feminilidade doméstica, Heliônia Ceres traz neste livro o que consideramos ainda um reflexo da situação da mulher aos olhos da própria escritora, que ainda estava começando a escrever para a sociedade. Sua visão social sobre os riscos da mulher solteira na sociedade ainda era passiva às críticas, mas, ao mesmo tempo, trazia, em sua realidade figurada, a mulher tomando novos caminhos na sociedade. No já citado conto intitulado “Fanny modas”, por exemplo, a mulher vem sendo mostrada em uma variação dessa posição social, na qual a personagem, sem nome, é uma enfermeira, solteira, bonita e bem sucedida, que é indicada para o posto de manequim de uma loja. Ela arrisca sua posição profissional, até então estável, e vai seguir nova carreira, totalmente desconsiderada. Apesar desta estabilidade, fica uma pergunta no ar: o que tinha a personagem a perder? Uma possível resposta aparece em outro conto, em que mulheres devidamente casadas, tal como a personagem Gertrudes, já teriam um “matrimônio” a perder, e mesmo assim traiu seu marido, motivada pela solidão que era obrigada a viver. Aqui a autora mostra que mesmo dentro da escrita tradicional, as mulheres tinham relacionamentos extraconjugais a serem expostos. Já a personagem Cosete, mulher da jogatina, arruinou seu casamento com o vício e foi parar dentro da igreja, passando a se dedicar aos pobres, arrependida por não valorizar o antigo matrimônio. Neste conto, Ceres coloca a mulher no papel do homem, no qual é perceptível que a autora entende que a humanidade destrutiva está em todos os gêneros, e que existe uma igualdade de desejos, paradoxais, em se tratando do ser humano. E assim ela vai nos mostrando em seu projeto que mesmo numa sociedade machista existiam as contradições sociais que advém das contradições da própria condição de humanidade.

Entre as personagens de características realistas dos contos, o conteúdo do fantástico

emerge em contos narrados em um teor subjetivo, como nos exemplos de “Evocando” e “Os labirintos da alma”, que são narrativas que trazem mulheres presas dentro de seus próprios distúrbios mentais ou, até mesmo, presas em algum lugar concreto, mas totalmente lúcidas em relação à vida e à liberdade. Utilizando-se da técnica de criação fantástica, Ceres traz essas mulheres que foram feridas e impostas às ordens da sociedade sistemática da desumanidade.

Heliônia Ceres vai desenhando um cotidiano da sociedade alagoana dentro de um processo histórico, explicativo, com o uso do linguajar popular e pejorativo, que é o retrato do processo defasado da educação tradicional. Por tanto, temáticas como as relativas à demonização das religiões afro e à criminalização do uso da maconha, no conto “O Engenho de São Pedro” vão aparecendo. Neles, mostra-se que mesmo sem um engajamento com a prática social, há a intenção em visibilizar ao leitor uma criticidade, possibilitando à sociedade alagoana — ou, melhor, ao leitor alagoano da obra de Ceres —, enxergar, dentro da sua ficção, a arbitrariedade dos modos de vida de uma sociedade real, que sempre existiu fora dos contos e do mundo ficcional.

Com sua segunda publicação, ocorrida quase uma década depois de Contos Nº 1, o livro “Contos Nº 2”, publicado em 1975, já apresenta além de lugares mais bem detalhados e um aprofundamento do senso de regionalização particularmente alagoana, uma explosão de novas temáticas em suas histórias. O primeiro conto traz as personagens mulheres, característica primordial da proeminência do feminino que se mantêm nesse livro, dentro de seus respectivos cenários sociais, como já foi mostrado em sua obra anterior. Porém, com uma ênfase nos aspectos sociais, e agora mostrada de uma maneira mais rude, aos olhos de uma sociedade patriarcal, mulheres velhas, chatas e solteiras, e uma mãe solteira, “Maria Homem”, que produzia e vendia beiju³⁵.

O livro mostra uma espécie de mapeamento geográfico de municípios de Alagoas que são afetados pelas doenças cujos nomes são citados em “A moça do lenço”. Surgem também aspectos regionais de cultura e natureza. A autora mostra as carpideiras, profissão de muitas mulheres do Nordeste, e como é brava a flor de mandacaru, respectivamente nos contos “As carpideiras” e “A flor”.

A questão religiosa desta vez tocou o espiritismo, como vemos em “O bruxo”, conto

³⁵ Comida típica, feita da mistura da farinha de mandioca, chamada por nós de goma, com coco. Assado uma chapa de ferro aquecida por fogo à lenha, que muito homem não aguenta chegar perto.

que expõe uma sessão espírita de cura, em que o curador é denominado, pejorativamente, de bruxo³⁶. O livro também propõe a subjetividade do leitor mais atento a uma crítica social no que toca a necessidade de ser feita uma reflexão sobre como o capitalismo degenera e condiciona o ser humano, evidente no conto “Marcos”, que deixa explícita a situação de crianças expostas à miséria das sociedades capitalistas.

O fantástico entra em cena com a fantasmagoria que predomina, porém não literalmente, em “O castelo”, conto ambientado num lugar assombrado pela alma do Sr. Falcão. A continuidade dessa temática se dá em “As velas”, em que quem assombra e mata é a personagem Dona Conceição. “As cobras que ninguém mais via” são o tormento da mãe do problemático garoto em “Os meninos e as cobras”, que terminam por matá-lo. E o mistério se encerra com o conto “A encomenda”, que revelam os restos mortais de um importante Juiz.

A traição vem em tom de mistério em “Morte na rua”, conto no qual uma mulher se deixa desvirginar, e quando seu pai descobre o ocorrido morre de infarto. Neste conto, aliás, ficam claras as imposições heteronormativas da sociedade Alagoana, pois revela-se que nas famílias com tradicionalismo cristão — até mesmo pela questão do dote de casamento —, o choque social que o sexo antes do casamento provocava é muito forte. Este conto vem antecedendo a história de bigamia, contada por Maria do Céu, em “História de vida e paixão de Maria do Céu”, encerrando a movimentação de personagens ainda “comuns”. Chegamos, por fim, na personagem principal do nosso debate, que é Julio Santino, o “Santinho”. Em termos de cronologia, é nosso primeiro dos quatro “encontados”³⁷. Nele expõe-se uma questão de prática social no combate às opressões e em favor da liberdade de expressão da condição sexual das pessoas.

A narrativa conta a trajetória de Santinho, personagem cuja orientação sexual não é evidenciada no conto, mas que era alvo da “malícia humana”. A descrição de suas características o expõe como um ser de caráter estranho, pelo fato da “mania”, de sua parte, de gostar de fazer os cuidados do pós-morte de homens. Dentro do que se entende por normalidade, seria uma mania ou um gosto peculiar, que não afetaria a sociedade. Essa prática não atingiria nem mesmo aos defuntos, pois a narrativa não expõe nem sugere

³⁶ Termo utilizado no século XIX e XX para menosprezar as religiões pagãs pré-cristãs da Europa moderna, que nada tem a ver com o espiritismo.

³⁷ Termo linguístico criado por nós, através da junção das palavras *conto* com *encantado*, maneira que achamos para chamar os personagens criados pelo reflexo estético de Ceres, cujo teor das narrativas é de mistério e fantasia em cima de uma clara demonstração da autora da diferente orientação sexual dos personagens.

nenhuma constatação de que o que Santinho faria com os corpos fosse algo promíscuo, imoral ou fora da lei.

Esta exposição da personagem pela narradora transmite, efetivamente, a real apreensão de um pensamento de pessoas com a mente impostada pela ordem social capital heteronormativa, e do que significava, para elas, uma pessoa de orientação sexual diferente. Através do vocabulário e das formas linguísticas de expressão, detalham, em literalidade, esse pensamento social sobre o gênero e suas diferenciações da conjectura de um pequeno município de Alagoas no século XX, já que o cenário brasileiro, em pleno século XXI, ainda é retrogrado em relação aos avanços que nos proporcionou a “globalização”.

Ainda é grotesca a representação imaginária das pessoas sobre os não heterossexuais, e também seus discursos atrasados e discriminatórios, não só em Alagoas, mas no mundo. O ser humano tem se resumido, mesmo no mais avançado estágio econômico já alcançado pela humanidade, a um nada, se colocado dentro da padronização social do estado das relações capitais.

A questão a ser tratada aqui sobre Santinho diz respeito a sua orientação sexual, e é contundente dizer que esta também se apresenta adjunta às questões econômicas, de classe e raça, em que os fundamentos sexistas das sociedades patriarcais ainda ecoam. E hoje de maneira veloz e rude, principalmente através dos meios de comunicação, pelos quais as pessoas, atrás de seus aparelhos eletrônicos, proferem palavras de ódio e ignorância com muito mais facilidade que nos tempos longínquos, uma facilidade que não desfunciona que anteriormente ao uso da internet, quando os discursos de intolerância de gênero não existiam.

A homofobia, na história dos homens, se iniciou com a maturação das ideologias que fomentam o capitalismo e é representada pela maneira brusca do discurso enraizado de que os gays eram mais “comportados”. Explicitamos esse ponto sem fomentar esse discurso, que talvez fosse, sim, uma forma de se comportar, mas, calando, se escondendo, e não só as próprias pessoas afetadas se calaram, mas a sociedade em geral. Não mexer nessa problemática social faz com que as pessoas não devidamente respeitem os LGBTQI+s na história, com que haja uma neutralização ocasionada pela parte opressora das sociedades.

Os contos e personagens escolhidos para serem analisados trazem o imaginário refletido na arte literária dessas pessoas e do estado ao qual foram condenadas a viver na história. O tema que vem sendo trabalhado aqui, dentro da cultura, na literatura de Heliônia Ceres, mostra, em uma realidade representada literariamente, as personagens sendo vistas, aquelas que quase nunca são ouvidas nem ativas, mas são mostradas e apontadas e não se

descrevem. Esse parece ser um escopo do que foi posto pelas regras da heteronormatividade, que calou as pessoas não hétero. Esses contos, mesmo na escrita sem uma inclinação às questões sociais mais claras por parte da autora, mesmo que sem ênfase decisiva na narração, defendem a humanidade desses personagens. Eles nos deram arcabouço para mostrar a forma marginalizada, excludente e opressora com foram inseridos, não só na cultura, mas também na sociedade.

A autora, quando nos mostra um personagem que hoje seria identificado com uma subjetividade LGBTQI+, em um conto em que a questão identitária de gênero não é central, parece nos alertar para uma análise que se fundamente na questão humanitária. A escolha dos contos para o trabalho de pesquisa partiu da necessidade de discutir as questões sociais que estão emergindo hoje em dia com muita força, devido aos lugares de fala recuperados, e também em função da pouca mostra, na mídia, dos ataques que sofrem as pessoas LGBTQI+ na sociedade brasileira. Os contos trazem personagens que ajudam a expor dimensões importantes da realidade em narrativas fictícias, e a partir de agora o objetivo é tentar discutir essas personagens em seus determinados contextos, os lugares que ocupam em cada conto, dentre outros elementos. Cremos que esse olhar e as questões levantadas através dele irão contribuir para o debate atual sobre gênero, mesmo que para isso não seja necessário falar de todos os gêneros. É preciso, também, usar cada conto escolhido dentro das possibilidades e da percepção que a autora trabalhou com eles e suas fragilidades, diante das questões de convivência social e de humanidade. Assim, em perspectiva linear, todos os contos com personagens não heteronormativos podem assentar certa historicidade a ser analisada, diante da questão central do gênero que engloba, dentro dos estudos marxistas, as questões sociais, econômicas, raciais, e religiosas.

O que será exposto a seguir, em análise, é um diálogo entre os contos, reforçando os que trazem um contexto social do século XX em suas linhas dramáticas e personagens, que são dignamente representadas apenas pela imaginação social a seu respeito. Partimos da análise empírica da obra autora que culmina na sua escrita, e esta se ressalta, pois não existe uma verdade sobre os personagens nestas narrativas, visto que nem a própria narradora coloca verdades sobre eles, e nenhuns dos elementos do texto alcançam uma verossimilhança sobre a vida e real existência dessas pessoas. Inclusive, pelo fato de que estas narrativas são um reflexo social da imaginação de quem escreve, e que escreve a partir da imaginação do que e/ou quem viu, ou ouviu. O real nesses textos é apenas a remissão direta aos problemas e contradições que remetem à existência de pessoas reais dentro da sociedade. A arte é o modo

como tais dimensões são representadas, como são vistas.

4.2 LUKÁCS E EAGLETON ESCLARECENDO SOBRE A FORMA E A TOTALIDADE NA LITERATURA

A crítica marxista se ocupa de perceber, além da forma literária, os detalhes, e tentar estabelecer conexões necessárias em detrimento de seu principal objetivo, que é explicar uma determinada obra e o que a compõe além do imaginativo.

Trata-se de um estudo inicial, dentro da historiografia do século XX, sobre o trânsito entre a literatura e seus conceitos formais, realidade objetiva, história e sociedade, em que a ênfase está no caminho a ser traçado para dar uma nova leitura aos textos literários, usufruindo do método de Marx e refletindo sobre diálogo e investigação de elementos extras formais. Assim se pode encontrar, em textos literários, realidades escondidas e contextos de relações sociais imbricados, que podem influenciar direta ou indiretamente na criação de textos literários denominados contos, novelas, romances e pelo formalismo.

É um tanto hesitante pensar em como seria a escrita de um texto em cunho disforme, onde a escrita não seguiria nenhuma técnica ou estrutura padrão que o torne passível a um entendimento prévio de seu conteúdo, sem uma forma.

Quando se escreve um conto, pensa-se em como ele deve ser iniciado, desenvolvido e finalizado. Relaciona-se, a priori, todos os elementos que vão ser utilizados, o que ajuda a dar sentido à escrita, a levá-la adiante. Não é comum, também, que façamos uma leitura que não tenha uma organização prévia das palavras, então pensar a literatura sem uma teoria, é tarefa quase impossível, por mais que algumas correntes de outros pensamentos teóricos definam o que é literatura, e outras, como o marxismo, que visa a condição de que definir a literatura é um trabalho complexo, desafiante, porém necessário.

Pensar num texto literário de forma crítica não elimina a ideia de pensá-lo como se tivesse uma estrutura pré-determinada, um modo, uma técnica e que ao definir seus elementos pré-textuais e tudo o que ele irá possuir para ganhar um sentido literário. De acordo com a crítica marxista, existe uma relação tênue entre escrever e colocar sua escrita numa forma. A forma é necessária para que a escrita se torne legível e entendível, isto está intrínseco à função estética da literatura.

Assim como na vida cotidiana, em que tantas vezes estamos preocupados com a estética — do corpo, da casa —, na arte também acontece. Deixar o trabalho estético, assim

como faz o pintor, que emoldura sua pintura depois de seca, é um trabalho formalista. Dialeticamente falando, a forma e o escrito estão em dicotomia, relacionados ao fim e à relação forma e conteúdo, vendo o conteúdo dentro da teoria formal como sendo as palavras, enredo, cenário, a narrativa, enfim, os elementos que compõe o conto e sua forma como sendo o lugar pré-determinado onde se deve colocar o conteúdo. Aproveitamos o ensejo e abarcamos aqui as determinações e conexões já citadas, de que não se pode escrever nem ler um texto literário sem pensar que não há uma necessidade mútua dos dois objetos.

A partir disso analisemos o que Eagleton³⁸ pensou quando disse que “ao selecionar a forma, portanto, o escritor descobre que sua escolha está limitada ideologicamente.” (2011, p. 54). Percebe-se, com essa indução, que não se pode negligenciar a forma, ao contrário, é aqui que nos permitimos a tentativa de explicar o porquê de não ser possível se conhecer um texto literário a partir de uma interpretação, ou da imposição do seu aspecto formal, ou até mesmo pela ação de recortar suposto elemento formal do texto e produzir sobre ele uma explicação rasa, a partir da linguística ou da terminologia.

A produção de análises desse tipo, formais, delimitam o texto, e para não perder os conteúdos que surgem através da inquirição do conteúdo ou até mesmo da observação das relações sociais dele com o meio no qual está inserido e de como seu autor trata seus enredos e cenários, temos que utilizar métodos que expliquem questionamentos que possam surgir através de sua leitura, seja ela descomprometida ou não. Por isso propomos, dentro da prática de leitura, a relevância do processo abstrativo, pois o tipo de análise formal, mais utilizado, mesmo que abuse do pressuposto crítico, irá postar ao texto a camuflagem de informações significativas, para a sociedade como um todo.

Para fomentar essa afirmação, é preciso se apropriar da condição de digressão do texto literário, das principais funções da literatura, inclusive da sua função estética, diante da questão de um texto possuir uma forma, que é extremamente importante para a análise crítica que este trabalho se propõe a fazer.

O viés a ser seguido, inicialmente, é o de não limitar a obra literária da autora às suas questões formais que representam, para a crítica literária, interpretações vagas do que lhe consubstancia e uma incompletude perante a existência social dessa obra. Exemplificando:

³⁸ Crítico literário marxista inglês, que escreveu sobre o que é a literatura para o marxismo em “Marxismo e crítica literária”, entre outras obras, como “A ideia de cultura”, que faz uma abordagem do que é a cultura e quais suas modificações teóricas ocorridas de acordo com as mudanças cíclicas da história. A leitura dele nos foi de extrema importância e a clarificação sobre as questões de forma e suas relações com base e superestrutura, particularmente no capítulo “Forma e conteúdo”, sobre o qual estamos a discorrer no trecho aqui referenciado.

certo personagem tem tais características psicológicas em função da forma escolhida para o objeto literário, mas até que ponto elas não nos interessam além de apenas caracterizar sua personalidade?

A crítica marxista, dentro dos limites metodológicos, tentará expor mais que uma ideologia, mas a decodificação das ideias dentro de uma forma literária, além de escutar a fala de um personagem, tirá-la do papel e trazê-lo para a realidade, buscar sua “aflição” e sua “angústia”, internalizar, subjetivar e depois externalizar o que foi refletido a seu respeito, sobre o que ele fala, sobre o cenário. É essa a atitude que traz o conteúdo com uma amplitude de informações apropriadas à descoberta de algo que não está propriamente dito nas linhas do texto, com palavras.

No caso da realidade fantástica dos contos a serem analisados, o desfecho que é pensado, fantasioso, sinaliza a falta de respostas para certas aflições que vivemos hoje e que, ao longo de muitos anos, trazem um peso na história como, por exemplo, a opressão de gênero, que é o que essencialmente será explicitada através da junção de informações que trazem a obra jornalística e a obra literária de Heliônia Ceres, ao longo de sua trajetória pública. Trataremos disso no Capítulo da análise dos contos, com o aparato que conjuga forma e conteúdo, após fazer uma breve definição do que é o universo literário, em uma mirada sobre a estética como tomada de consciência necessária ao entendimento de que o sistema burguês se infiltra nas mais diversas situações, e adentra também a arte.

Tomando esta posição como ponto de partida para compreender que na arte e na literatura também ocorre uma teorização aplicável, que as colocam em função das ideologias para serem usadas de acordo com as necessidades políticas ou sociais de determinado sistema vigente. No caso do estudo ser feito através de publicações decorrentes do contexto do século XX em Alagoas, farei as observações necessárias sobre a realidade regional e sobre as questões de gênero expostas nos jornais e na literatura.

O que representa a análise a ser feita é mais ou menos isso. Dialogar com o conteúdo dos contos para entender o imaginário sobre gênero e dialogar com as publicações da Gazeta Feminina, com o contexto social em que Heliônia Ceres estava inserida quando escreveu a “Rosália das visões” e encontrar nele reflexos estéticos das relações sociais.

Voltando à teoria aplicável atrelada aos interesses de dominação, não poderia ser, na arte ou na literatura, de maneira contrária a tudo o que o capitalismo se apropria, tentando impossibilitar ou ocultar um reconhecimento satisfatório das várias camadas de realidades existentes em uma obra de arte. Assim fizemos a compreensão desses contos, como um

complexo de informações também históricas, de teor social para a crítica marxista. É notório que a forma literária é uma imposição política que suprime, muitas vezes literalmente, as conexões diretas de fato estabelecidas entre a obra e tudo que lhe adorna. É o estético a ser obedecido, no que há a apropriação das técnicas de escrita, juntamente com as influências, fazendo com que o conteúdo, a narrativa, seja ou não admirável. As grandes escolas, e também Marx, partem de que as melhores literaturas já feitas foram as realistas. O Realismo realmente produziu, em alto nível, inclusive no Brasil, obras magníficas. e então, não negligenciando a forma, mas aplicando-a aqui apenas como a opção pioneira do autor e do leitor para escrever e ler o texto, e só depois dessa escolha, mergulhar no texto e usar sua subjetividade a respeito de seu conteúdo realista fantástico.

Ainda a respeito da forma determinada, da questão ideológica em que cabem desde os elementos formais à abstração, que devem ser conciliadas para que haja completude no entendimento social do texto, a teoria de Lukács³⁹, vem elucidar que o que se pretende é uma análise crítica, não formal, mas que não negligencie a forma, devido à questão da essencialidade que esta possui. A análise busca criar um novo olhar para a leitura do conto, no qual o autor é a peça chave sistematizada por uma ideologia. No caso de Heliônia Ceres, em seu nível literário, sobre o que é de fato importante em sua perspectiva de mundo, e mandou, no fim de uma trajetória intelectual, seu recado através de uma forma. Então, tanto para Eagleton como para Lukács existe a possibilidade de que, através da crítica marxista em análise, se concretize o reconhecimento de que em toda obra de arte, inclusive na literária, existem expressões da realidade, refletidas através da estética.

O conteúdo de um texto literário se molda de acordo com o que se coloca dentro de determinada forma, mas a forma não irá, mesmo com toda sua bagagem ideológica, determinar literalmente o que há nele, ou seja, o que se pode ou não dizer ali. Assim, entra agora em evidência o talento do autor. Esse talento para escrever parte da técnica, mas também pode independer dela, a partir da questão da experiência histórica do autor que dá peso ao conteúdo do texto, complementado pelas atividades extras do autor em sua sociedade, que são conexões extras, do que um crítico deve ter o dever de desvendar em através de sua leitura.

Entendamos que assim como podemos recorrer ao diálogo metodológico da obra,

³⁹ Filósofo Marxista Húngaro, que se debruçou não só sobre a crítica, mas também se dedicou à superação de “vacilações e idealismo político”, e concluiu suas obras, acima de tudo, com a preocupação em torno da teoria do materialismo. Na literatura, dedicou-se à estética e “aos princípios humanizadores da atividade artística e literária constituíram o ponto alto de sua produção.”. Fonte: <http://www.institutolukacs.com.br/quem>.

elementos internos com os externos — como o que se pensa a respeito da mesma, o que se relata de sua existência dentro da totalidade, as ligações com a superestrutura —, também ocorre a metodologia de camuflagem no corpo textual, que seriam os fatores que impedem a obra de ser vista como um complexo de informações, o que seria ordinário. A forma já sabemos, e sabemos também por que ela deve estar lá. Contudo, resta saber o mais importante, o além do trabalho imaginativo, intelectual, e vamos pensar em Lukács, que em seus ensaios sobre literatura nos coloca que:

Em oposição aos preceitos burgueses (que se apoiam na concepção tosca e antidualética própria do marxismo vulgar), é preciso frisar bem que esta concepção penetra nas raízes mais profundas entranhadas no terreno, mas nem por isso nega a beleza das flores (LUKÁCS, 1997, p.41).

Essa afirmação diz muito a respeito da investigação e do método de Marx apropriado pelo filósofo húngaro. É preciso ir à essência dos objetos para chegar a uma explicação concreta sobre ele, que o dignifique e legitime a subjetividade do crítico.

Numa análise crítica realizada através da crítica marxista não existe menosprezar, muito menos relevar a forma literária, e é aqui que Eagleton e Lukács se encontram. Ambos não negligenciaram a forma literária, seus moldes e seus elementos, ao contrário, os embutiram em toda a estrutura da obra, e ainda a conecta com seu exterior. Isso significa apenas enxergar além, e construir, em cima da literatura, um pensamento social sobre ela.

Interpretações e análises formais de qualquer texto literário têm seu valor, porém, a conectividade, com a totalidade que a envolve, dará sua explicação⁴⁰. E essa explicação é a síntese da abstração, não é a questão de fazer um recorte de determinado elemento e analisá-lo, mas, sim, usá-lo como ponto de partida para chegar às mais diversas determinações que essa abstração contém. A limitação ideológica que a forma literária impõe não é, para a crítica marxista, uma dificuldade, e sim uma determinação a mais dentro desse complexo.

Mesmo destacando a ausência de uma obra completa sobre teoria literária, o método deixado por Marx é louvável e eficaz também para estes estudos literários. Essa citação, fundamentada da teoria materialista, da parte de Lukács, acentua a importância enquanto uma unidade da história como ciência:

⁴⁰ Em Eagleton, encontramos o termo *explicar*, e a partir dele construímos toda a explicação a respeito da leitura que fizemos do conto “Rosália das Visões”. Nesse sentido, não fazemos uma análise de sua forma e elementos. De modo mais direto, explicamos um aspecto específico da sua obra que nos chamou a atenção desde a primeira leitura realizada de um conto de Ceres, que pareceu esclarecer questões de gênero e contemporaneidade, em sua literatura, ao menos em alguns de seus contos.

Nem a ciência, nem os seus diversos ramos, nem a arte, possuem uma história autônoma, imanente que resulte exclusivamente da sua dialética interior. A evolução em todos esses campos é determinada pelo curso de toda a história da produção social, no seu conjunto: e só com base neste recurso é que podemos ser esclarecidos de maneira verdadeiramente científica os desenvolvimentos e as transformações que ocorrem em cada campo singularmente considerado (LUKÁCS, 1997, p.12).

A conclusão que se tira das reflexões acima, sobre o método, é de que mesmo com a escolha de uma forma literária, com o uso de técnicas e até mesmo com a presença de uma forte teoria literária muito enraizada e teorizada — sobre o que o marxismo é, ou que ele só poderia ser vinculado aos estudos sobre economia política —, essas ideias são superadas também nas análises que seguem, que saem do isolamento, de fato, da separação do que define o que é um texto literário e todas as suas funções, em termos de formas, gêneros literários, interpretações unívocas e todas essas maneiras de se olhar um corpo textual. Existe, ainda, o caminho do diálogo com ele, e suas determinações objetivas, seu encontro com a subjetividade, e sua conexão com elementos não intrínsecos a ele, que seria um trabalho investigativo, tendo a consciência que as relações sociais precisam ser estudadas em cada caso, em particular, em busca de algo que não se pode ver, mas que se descobre.

4.3 “SANTINHO”, “MEU AMOR ESTRANGEIRO” E “A TRAGÉDIA”: OS ENCONTADOS E SANTINHO

A narrativa “Santinho” foi publicada em 1975, no livro “Contos N°2”, quando Heliônia Ceres já estava exercendo sua carreira como contista e professora e já havia deixado a direção da Gazeta feminina. O próprio título do texto pode ser usado para entender a personagem principal pejorativamente. “Santinho” ou “santinha”, na linguagem popular do Nordeste, é a palavra usada para designar uma falsidade nos atos de alguém, questão que devemos ligar à maneira como o gênero é representada nos contos, que através da narração traz uma questão histórica e tradicional e a anulação da função artística individual, que eleva os detalhes que determinam essa expressão. Não se deve confundir essa expressão, que pode ser feita numa narração com vocabulário cultural, com uma realidade, mas dar a ela visibilidade e possíveis soluções a respeito, em função de sua relação com a realidade representada. Santinho é apresentado pela narrativa que se conduz de forma empática e compreensiva a seus costumes e seu jeito, mas sem deixar de mostrar, mesmo de forma

silenciosa, um preconceito acerca de como era visto pelos olhos sociais da época, na narração em 3ª pessoa:

A corruptela pegara. Santinho bem merecia o nome. Bom amigo, prestativo, não bebia, não fumava, não gostava de mulheres. Era decerto a falha que a malícia humana não lhe perdoava. Chamavam-no de “frango”. Mas ele nunca se importou com isso. Ninguém jamais o viu com liberdades fosse com homem ou com mulher. Gostava de colecionar carteiras e cuidar de defuntos (CERES, 1975, p.45).

Em seu texto, a autora nos dá a visão social imposta pelos padrões sexistas de uma época que deveria estar distante do que deveria ser visto nos dias atuais. Santinho não era visto como um cidadão da mesma forma que garante a constituição a todos, com direitos de ir e vir, mas sim era reconhecido pelas “suas manias” de cuidar de defuntos homens. Esse olhar preconceituoso não aceita a justificativa que ele dava por gostar do ofício de modo voluntário, e o questiona: “Santinho cuidava só de homens. Mesmo em casos de necessidade, não lava as mulheres. Era um escrúpulo tamanho, uma vergonha. Vergonha? Santinho passara toda a vida ao lado da mãe e das irmãs” (CERES, 1975, p. 45-46).

A narrativa não o defende nessa mostra pejorativa, ao contrário, mostra certa neutralidade quanto a isso, abordando-a de maneira simplória, como se não fosse um grande mal estar à personagem, quando questionavam sobre suas atividades: “E mais, não gostava que falassem de sua dedicação aos mortos. Dizia sempre que aquilo era mania e desconversava. Até que se sentia mal quando insistiam no assunto” (CERES, 1975, p. 45).

Era toda hora discriminado em qualquer ação que realizava. Assim como um alvo, a paz de Santinho parecia se prestar só a ele mesmo. Além de “frango”, ostentou outros julgamentos devido às suas atitudes, que até então são de um ser humano como outro qualquer, tinha seu emprego de “datilógrafo-contínuo-servente-almoxarife”, mas era sempre posto a julgamento por ter atitudes que questionavam a ordem heteronormativa.

A forma com que a personagem Júlio escolheu passar por essa vida é vista como penitência, o que remete à ideia da construção social sexual, que é feita em cima das letras bíblicas, sobre a abominação dos afeminados. A narração vai montando o olhar social imposto pela comunidade da Vila Messias⁴¹, onde morava, levando-o a ser comparado com

⁴¹ Messias — até 1943: Floriano —, antigo distrito subordinado ao município de Murici e a partir de 1960 foi elevado à categoria de município pela lei nº 2475, de 6 de setembro de 1962. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Messias_\(Alagoas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Messias_(Alagoas)). Acesso em: 01 mar. 2020.

outra personagem, Zezinho-padre, que aparenta ter problemas mentais, de acordo com a narração. Esse personagem foi assassinado e, por ter uma condição social aparentemente diferenciada em relação a Santinho, sua morte pode não ter sido julgada. E aqui está uma das raízes da violência de vulneráveis e de gênero, sua condição social nos estratos subalternos: “Diziam que aquilo cheirava a penitência. Outros diziam que o Santinho era maluco. Sua família já dera muitos, e, na Vila Messias todos lembravam o Zezinho-padre, que entrava na igreja para roubar hóstia e celebrar missa” (CERES, 1975, p. 46).

Santinho higienizava defunto, sugerindo-se que não era uma ocupação natural, mesmo expondo uma atividade que já era tradicionalmente exercida por ele, desde seu primeiro defunto “um rapazinho afogado no açude”, até o defunto Joaquim Curandeiro. “Santinho cão” vai sendo caracterizado na narrativa como uma pessoa de sexualidade ambígua, descrito para a época como alguém que dava indícios de possuir o homossexualismo, tendo em vista que se inclinava a exercer atividades tradicionalmente atribuídas ao sexo oposto, quando “arrumava também as flores nas festividades locais e nas datas verde-amarelas.” (CERES, 1975, p. 46). É perceptível a situação de vulnerabilidade e marginalidade das pessoas não heteronormativas no século XX, e mesmo que sua narração revele a humanidade de cada personagem, o que é a marca intelectual da autora, figura, também, a real crueldade da sociedade em torno de Júlio Santino, que nada tem de sujo em sua vida, é só um ser humano com suas concepções e gostos diferenciados.

A narrativa chega a uma exposição da personagem, de acordo com a visão da época, sugerindo que ele se assumisse homossexual, o que não acontece. Santinho é alvo de fofocas, de perguntas chatas, o que provavelmente o impedia de se assumir publicamente. Tal como acontece com muitos da comunidade LGBTQI+, atualmente, mesmo levando em conta o processo histórico de pautas e reivindicações específicas trabalhados, a personagem fica caracterizado na literatura como um ser misterioso.

A intenção foi desmitificar a personagem em um sentido social, emancipando-a, e a função principal é mostrar que Júlio Santino sobrevive ali, naquela sociedade preconceituosa, fazendo suas coisas de maneira leve, querendo ser visto de maneira boa, dentro dos conceitos de solidariedade, já que santinho não reivindicava pagamento para lavar os defuntos, apenas o fazia com muita boa vontade. Mesmo que só fizesse isso com cadáveres de homens, é um ato de humanidade e não de perversão, ou que simbolize um homossexual como um mal social.

Heliônia Ceres não era uma militante do feminismo que alcançou as questões de

gênero em sentido mais amplo, mas sua personagem Santinho precisa ser vista, nessa narrativa, como um antecessor dos membros da comunidade LGBTQI+, tendo em vista a existência dessas pessoas e de como viviam e vivem sob o forte olhar da divisão binária dos sexos imposta pela sociedade. Desta maneira, demonstra os antagonismos e estigmas, simbologia e imaginário. A contradição que está presente no conto, sim, por se tratar de um texto literário que está funcionalizado em entreter e inflamar a imaginação do leitor, mas que, ao mesmo tempo, traz a conjectura de que nada de ruim ou desumano se prova ao personagem principal. Apenas mostra o fato de que a negligência social, que se aprimora apenas nas condições materiais e cala outros âmbitos da vida, silencia, cala e demoniza também os LGBTQI+.

A narrativa, escrita com sutileza, não reproduz sexismos, não enfatiza misoginia, e parece ter como um elemento marcante o não posicionamento a favor da personagem, e nem contra, mas não deixa de mostrá-lo em suas diversas facetas, mesmo numa época em que as forças políticas conservadoras eram muito mais fortes. De algum modo, a forma de Ceres se posicionar sobre esse tipo de questão se dá através da literatura e do conto.

Do ponto de vista concreto, o ato de Heliônia Ceres não foi só mostrar Julio Santino enquanto um maluco, mas também adentrou as questões de classe, quando mostra que a personagem tem um emprego, ou seja, era assalariado, tinha um espaço na classe trabalhadora, que conseguiu através de um concurso, o que demanda raciocinar sobre como com todo esse olhar desumano sobre ele impactaria em sua vida, e como poderia sobreviver se não fosse esta estabilidade social que o emprego lhe proporcionava⁴². E aqui se entende um pouco de como fazem esses seres discriminados em busca de sobrevivência, adentram o mundo da pornografia e das ilicitudes. A autora traz não só os sentimentos humanos diante dessas pessoas, como também deixa a reflexão sobre a angústia de ser LGBTQI+ nas sociedades que ainda têm um contexto tradicional e refletivo, e sua escrita nos mostra, literalmente, que devemos avançar em relação ao desenvolvimento do pensamento sobre a humanidade. Segundo a problematização marxista sobre as sociedades, a problemática do gênero deve surgir de acordo com o desenvolvimento do ser social, e não dentro de uma estrutura limitada dividida e até dita “civilizada”, ou seja, fundamentada dentro de uma ontologia do ser social, e não do homem ou da mulher social, que se deu pela divisão social

⁴² Aqui a questão é pensar na luta de um LGBTQI+ pela sua sobrevivência, dentro das questões materiais, a luta por um emprego quando você não se enquadra nos padrões de normatividade social, que é árdua.

do trabalho e adentrou as questões da divisão social, fomentando a perspectiva sexista que deteriora todas as outras perspectivas e ainda hoje é abusiva e precisa ser combatida.

A questão é partir desse entendimento de divisão, que viabilizou o padrão da dominação heterossexual e que produziu e padronizou a família como uma observação relevante para pensar o lugar da comunidade LGBTQI+. Que estavam, nessa sedimentação sexual, englobados numa divisão de características físicas binominal, que não lhes permitiu ter espaços que lhes são de direito ontológico e material, que foram podados. Essa supremacia heterossexual moldada nas demandas das heranças e da propriedade privada, atribuídas do pai ao filho, enraizando, assim, um conceito social de sexualidade em relação à cultura, estabilizando as relações humanas em relações ligadas à célula da família de reprodução biológica, em que o protagonismo dos LGBTQI+ foi levado ao silenciado social.

Se analisarmos Julio Santino, vulgo Santinho, dentro dos elementos do texto, vemos que até a própria narração neutraliza muito a orientação sexual da personagem. E se o olharmos em conexão social, Santinho é marginalizado e demonizado até mesmo pela própria narração, que não se apieda em humanidade e mantém a neutralidade: “Agora compadre Joaquim morrera de repente... Santinho chegou cedo para arrumá-lo... o povo todo chorando... querendo entrar... olhando pelas frestas... E começaram a sussurrar segredos do Santinho. Santinho não-execrado. Santinho-cão” (CERES, 1975, p. 46.).

4.4 A REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO DOS LGBTQI EM “MEU AMOR ESTRANGEIRO”

“Não quero que toques nas coisas desses quatro, são pessoais...”
(CERES) 1998, p. 56)

O conto traz a história de uma mulher que casa com um estrangeiro e segue com ele para morar fora do país, não deixando claro se ela é uma brasileira. A personagem em análise, Jacques, é descrita por outra personagem-narradora como um homem “culto, polivalente, e tão amigo da própria mãe que jamais conheci.” (CERES, 1998, p. 56). A orientação sexual de Jacques é o que dá o aspecto fantasioso do conto, pois se trata de uma caracterização ambígua, silenciosa. Em uma observação psicológica das palavras da personagem-narradora, Jacques não tem defeitos, “não havia ninguém igual a Jacques” (CERES, 1998, p. 57), ele só tinha segredos igual a todos nós, e seus motivos para guardá-los. A narração, dessa vez, coloca no leitor uma sensação de dúvida, afinal, se Jacques tinha

segredos que poderiam comprometê-lo, então por que “a chave dependurada na porta(...)” (CERES, 1998)? E a narração, que diz não haver suspeitas em nada dele, ao afirmar peremptoriamente: “nada a esconder, vai lá!” (CERES, 1998, p. 59)?

Essa parte do conto realmente é atrativa a uma observação subjetiva. Se em uma sociedade em que há um preconceito enraizado e mais julgamentos do que condenações, de fato, com certeza Jacques não tinha mesmo o que esconder sobre a sua real conduta atrás da porta. O mistério é a chave da coisa nesse conto. Nele não há uma condenação por parte da narrativa e muito menos uma neutralidade mediante os fatos descritos, “Jaques tinha seu mundo, seus amigos, suas reuniões” (CERES, 1998, p. 59), um homem com atribuições sociais normais, e que não apresentava à sociedade nenhum perigo aparente. Até que o conto cai em controvérsia, quando a mulher “desobedece” a ordem e abre o quarto, descrevendo o que encontra lá: “deparei-me com reportagens sobre transformistas, homens e homossexuais, a foto de Jacques em foco, fantasiado de bailarina, seminu, dançando entre muitos num palco.” (CERES, 1998, p. 59). Aqui a narrativa dá ao leitor o ensejo de vacilar entre a conduta de Jaques pelo simples fato dele possuir um modo alternativo de vida.

Neste ponto são postas questões sobre a própria descrição feita sobre Jacques, pois o amigo de sua mãe era um homem transformista, sim, homem! Há muito se sabe que existe essa arte na sociedade, não é de hoje. O julgamento do leitor sobre Jacques muda com essa informação, exatamente devido à falta de informação que existia anteriormente e que tendia a levar o leitor para uma determinada interpretação. Ao que a autora acrescenta, nessa descoberta, algo com conotação criminosa: “dizimados pela polícia, muitos dos seus componentes presos, outros traficantes de drogas, que viviam pela cidade.” (CERES, 1998, p. 60). Aos poucos, a narrativa se encaminha para marginalizar a arte dos transformistas. É o tipo de realidade imposta a essas pessoas, quando não são invisibilizadas por não provocarem um mal social, são visibilizadas como marginais⁴³, mesmo sem nada descrito na reportagem que o conto traz que o colocasse como traficante. Aliás, os traficantes viviam pela cidade, é bom enfatizar. Não se fala mais na questão sexual, mas a vacilação impingida à caracterização da realidade condena Jacques e nada do que apareça depois vai fazer o leitor pensar sobre um final feliz para a vida desse personagem, Nada no texto, a não ser uma análise que evoque uma invasão da privacidade de Jacques, um desrespeito a seu pedido. A leitura da manchete de jornal, como destacado pela narradora, enfatiza Jacques culpado por

⁴³ Em seu sentido cultural de maus fatores sociais.

algo, e preenche: “no tiroteio outros feridos e afinal, ele preso como suspeito da morte da mulher, noutra pequena noticia, Jacques afinal liberado por falta de provas” (CERES, 1998, p.60).

A narração se põe, agora, “sem palavras”, desde que Jacques já não era mais visto como um homem perfeito, que tinha sua preferência artística, pai de família que perde sua esposa. Repentinamente Jacques se torna um travesti e possível assassino.

No final de tudo, o conto evidencia que travesti sim, mas assassino não. Jacques foi liberado por falta de provas da suspeita do crime, mas da condição de travesti, não. A história traz um evento comum, que poderia ocorrer com qualquer pessoa, mas dessa vez, a narração não se põe neutra. Na cabeça da esposa, ela havia casado com um monstro, mas só depois de invadir o quarto é que ela se vê em risco. Jacques vai sendo caracterizado como fingido, mas na narrativa não fica evidente os motivos para esse fingimento. O exagero da escrita quando a personagem se sente em risco demonstra o típico modo cultural e heteronormativo, binário, de pensar sobre pessoas que possuem sua sexualidade diferente da considerada como padrão: “Tão forte quanto minha luta pela sobrevivência, essa última noite eu dormi com Jacques” (CERES, 1998, p. 58). Ao escutar uma conversa de Jacques com Joseph, outro personagem que parece ter sido criado para tornar a trama muito mais verídica, a narradora coloca: “Joseph o chamava com insistência a algum lugar, para juntos decidirem o que fazer da estrangeira” (CERES, 1998, p. 61).

Esse personagem poderia ser um amigo, um amante, o diálogo mostrado no conto não exprime um perigo de morte à companheira, e agora o leitor se pergunta se Jaques tinha realmente uma mãe ou falava ao telefone com bandidos. Aos poucos, Jacques vai sendo desfigurado, vai sendo descaracterizado, e transita do bom ao mal a cada segundo do conto. Apesar de tudo, sua fala e nada mais pesa sobre a constatação dessa marginalidade, maldade: “Vamos dormi querida, já é muito tarde, amanhã falamos de tua partida, mamãe telefonou agora” (CERES, 1998, p.61). O leitor é induzido a tirar suas conclusões sobre a farsa que Jacques realizava, mas nada ao final se comprova.

A leitura lúdica do conto traz à tona uma marginalidade sobre os transformistas e os colocam em uma realidade imaginativa sobre suas ações e caráter. Eles são julgados e marginalizados constantemente pelas sociedades que desconhecem como é esse modo de vida e assim são subjugados a não ter mais vez de fala, pois tudo agora é emitido por alguém que não é o mesmo. A construção social na cabeça do indivíduo brasileiro é consequência de um imaginário ocasionado pelas imposições que vieram das divisões dos sexos em âmbitos

estritamente biológicos. O capitalismo tardio trouxe o machismo e os preconceitos causados por essa imposição cultural.

A narrativa, portanto, coloca Jacques inicialmente como um príncipe, e depois o posiciona como vilão por uma vacilação supostamente causada pela subjetividade da personagem, por que, na verdade, a narrativa não apresenta nada que evidencie que Jacques seja um marginal, criminoso. Esta situação espelha a realidade que sofriam à época e que sofrem nos dias atuais os LGBTQI, afinal eles são postos sob os olhos imaginários, quando a maioria os julgamentos são feitos com bases em dizeres bíblicos e vistos como escolha, o que na realidade é uma imposição social de exclusão a essas pessoas ao meio social.

O desfecho do conto é a prova da falta de comprovação da má impressão que paira sobre Jacques. Afinal, já não se podia provar nada contra ele, a não ser a sua omissão em relação a seu passado e às opções de vida alternativas ao cotidiano comum. Diante desta situação sua nova companheira foge sem dar explicações, foge com seu medo e suas certezas, certezas injustificadas, que só ela teve. E dessa vez a narradora não foi neutra nem imparcial, deixou, em toda a trama, aspectos criminalizantes na postura da personagem Jaques.

4.5 O MÉTODO DE MARX: UMA REFLEXÃO SOBRE O QUE NÃO SE VÊ EM “ROSÁLIA DAS VISÕES”

As reflexões a seguir servem como ponto de partida de debate para pensarmos a junção das leituras dos jornais publicados sobre a direção de Heliônia Ceres e sua articulação com a obra ficcional da autora. São reflexões completadas pelas concepções gramscianas, já estudadas no primeiro capítulo, que ajudam a entender a relação indireta sobreposta pela trajetória intelectual da autora e sua experiência histórica e social na criação de contos como “Rosália das Visões”, que analisaremos em seguida.

A análise crítica que foi realizada sobre as fontes de jornal foi pensada a partir da existência objetiva da obra, do fato de estar exteriorizada, impressa, o que implica sua existência dentro da totalidade material com o intuito de encontrar um novo caminho para seu entendimento, uma nova articulação de leitura, especificamente, buscar uma explicação crítica, não apenas para o conto “Rosália das visões”, mas também outras obras⁴⁴ de Ceres e de outros autores e autoras, como literatura significativa e portadora de historicidade.

⁴⁴ Em uma futura pesquisa, com a extensão temporal e nova orientação no campo da literatura.

Além de sua importância literária, acreditamos que toda obra de arte foge um pouco à sua condição de arte e porta, em si mesma, o que, dentro de uma forma ideológica, sua própria história, não só em sua imanência, mas em sua realidade objetiva, perpassa do sentido literário e chega como um “recado” aos seus leitores. O entendimento dessa totalidade está diretamente associado ao isolamento de fatos sociais que são ditos intrínsecos à obra, que podem vir a prejudicar não só as interpretações (a hermenêutica) da mesma, como também ocultar uma possível explicação, que ocorre quando estes fatos “escondidos” entram em conexão com o meio social, provocando novas considerações sobre o papel da obra em um contexto de relações sociais, assim como sobre sua intervenção, gerando debates de contribuições ao determinismo social.

As palavras saem do papel e se misturam a um ambiente real, o ambiente não só do próprio autor, mas também do leitor, e também do que está entre eles, um narrador, por exemplo. Para o entendimento com essa forma de análise, atribuída a julgar e analisar apenas os elementos explícitos que possui o conto — cenário, personagens, etc. —, atenhamo-nos, até aqui, ao pressuposto de que toda ciência, mesmo a ciência da História, está aquém da realidade objetiva, tal como afirma Marx em um dos seus pressupostos metodológicos (NETTO, 2011).

Apesar de seus escritos não terem tido como objeto assuntos literários, ou obras completas a esse respeito, seu método é de validade não só para a crítica da economia política, mas também para a crítica literária, e quase tudo que disser respeito a uma investigação social. Para dar ênfase a essa ressalva, nesse pensamento introdutório do que foi construído, que releva que não importa o quanto as palavras destes contos se entrelacem necessariamente com uma realidade vivida ou presenciada pelos escritores, e sim que essa mesma realidade precisa ser apreendida. Utilizamos de José Paulo Netto em seus escritos sobre o método dialético, que nos disse:

Como um bom materialista, Marx distingue claramente o que é da ordem da realidade, dos objetos, do que é da ordem do pensamento (o conhecimento operado pelo sujeito): começa-se “pelo real e pelo concreto”, que aparecem como dados; pela análise, um e outro elemento são abstraídos e progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações as mais simples. Este foi o caminho ou, se se quiser o método (NETTO, 2011, p. 42).

Nesse caso, o objeto real e concreto é o conto⁴⁵ em si, no qual houve o processo de escrita, e existem os elementos postos à parte, imanentes, como já citei, advindos de um conjunto de regras pré-estabelecidas em uma determinada época, denominado de forma, prontos para serem investigados, a exemplo do que fez Maria de Lourdes do Nascimento, explicando dentro de suas concepções literárias, e seus conhecimentos formais, em uma análise morfológica e simbólica do nome, “E quem seria Rosália”, dizendo:

Rosália: Rosa e lia. Uma só mulher? Duas mulheres? A autora e a narradora? A narradora e a outra? A resposta pode ser a continuação do título — das Visões —, um adjunto adnominal que especifica o substantivo Rosália, indicando finalidade. Assim, das Visões é um adjunto adnominal que, quanto ao valor, constitui-se em caracterizador e qualificador de Rosália, significando viagens e revelações. Na análise do conto deve ser observada a simbologia dos nomes Rosa e Lia. O primeiro nome é o nome de uma flor e de uma cor; o segundo, de origem hebraica, significa cansada, exausta e de olhos tristes e cansados; Rosália é a junção de Rosa e Lia, é um substantivo composto, de origem latina, cujo significado é “festa dos romanos na qual adornavam os túmulos com muitas rosas” (NASCIMENTO, 2011, p. 63).

Acima temos um exemplo claro da produção de uma análise formal, feita a partir deste ato de pôr à parte outros muitos elementos constitutivos dos contos, ou de outra obra de arte que seja. Esse tipo de perspectiva tem sua importância na construção de qualquer outra análise, porém, a análise a qual nos propusemos a fazer aqui, não pôde ser realizada apenas com o conto, sem as necessárias amarrações com a totalidade e a realidade vigentes e do atual sistema ao qual está submetida a sociedade.

A teoria do método, por Marx, é, na abstração, alcançada pela observância feita em minúcias que pudemos encontrar em algumas determinações históricas. O exame dessas determinações precisará de cautela, pois elas podem ter sido usadas no processo de escrita, tais como questões políticas e sociais da época, e o que de cada uma delas Ceres leva para a mistura de realidade e palavras de seus contos.

No caso deste conto, a contribuição é tentar mostrar um pouco sobre a concepção de gênero feminino que Ceres desenhou com muita astúcia, usando assim a História como aparato, como uma base do entendimento cíclico e evolutivo que só essa disciplina possui, para o estudo das sociedades, política, culturas, mentalidades e suas contribuições para as

⁴⁵ Conto, como forma literária escolhida por Ceres, que é uma questão que pretendo discutir um pouco mais a frente com as questões sobre forma literária.

renovações sobre diversas concepções, principalmente para o século XX, quando suas publicações tiveram maior repercussão.

Voltando a entender a questão metodológica, intentamos focar na abstração para que assim possamos trabalhar com o conceito de totalidade. Para poderemos usar uma definição mais precisa, cito Netto, em um trecho no qual expressa a abstração à qual pretendo me ater neste trabalho:

A abstração é a capacidade intelectual que permite extrair de sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento e isolá-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inevitável – aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador. A abstração possibilitando a análise retira do elemento abstraído as suas determinações mais concretas, até atingir “determinações mais simples”. Neste nível, o elemento abstraído torna-se “abstrato” – precisamente o que não é na totalidade o que foi extraído: nela, ele se concretiza porquanto está saturado de “muitas determinações”. A realidade é concreta exatamente por isso, por ser “a síntese de muitas determinações”, a “unidade do diverso” que é própria totalidade (NETTO, 2011, p. 44).

Assim, entendemos o conceito de totalidade, referido anteriormente, e pode-se concluir que ela é uma realidade composta por determinações, e somente através das abstrações poderemos chegar a um raciocínio plausível sobre algo que esteja dentro do objeto escolhido, em subjetividade ou não. Embora, não sendo o meio mais correto, muito menos um meio que pode ser utilizado de forma solitária, é um método intermediário e não pode ser descartado. É através dessa intenção incorpórea do objeto que temos a nossa visão de como vamos trabalhá-lo. Não se trata de uma abstração para a hermenêutica, mas sim para uma percepção mais aguçada do que esse conto nos traz, em sentido histórico. Não é a intenção fazer uma reflexão aprofundada sobre o que é a subjetividade e sua funcionalidade, mas, sim, tentar dar um esclarecimento sobre. Em seu ensaio “O pensamento de Marx sobre a subjetividade”⁴⁶, Eduardo F. Chagas nos esclarece:

Marx não compreende a subjetividade como um simples reflexo das determinações da base econômica, como um mero produto do econômico, e sim como um componente inseparável dos processos de formação da vida humana. O seu pensamento não pode ser reduzido a um objetivismo, a um mero determinismo econômico, unilateral, visto que a objetividade é

⁴⁶ Entender a importância da subjetividade para Marx conferir: CHAGAS, Eduardo F. O pensamento de Marx: sobre a subjetividade. in: **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, Maio/Ago., 2013.

impensável sem uma íntima correspondência com a subjetividade. Não há, para ele, objeto sem sujeito, como não há sujeito sem objeto. Nenhum dos polos dessa relação, sujeito e objeto, é posto como um dado a priori; eles se constituem na relação (CHAGAS, 2013, p. 65).

Desta maneira se deu a nossa intenção em estudar o conto de Ceres. O que descobrimos ao longo dos estudos é que a análise de uma obra através da corrente de pensamento marxista diverge e é combativa às análises que nos chegam comumente, sobre como se aplicam os conteúdos às formas literárias — contos, poesias, prosas... —, formas que especificam os elementos que, de certa posição, possuem inerência à obra, como vimos a amostra da análise de Nascimento, do nome da personagem Rosália.

Nesse tipo de inspeção, feita por ela, encontramos os elementos: texto, personagens, cenários, foco narrativo, se fantástico, se estranho, e até mesmo as técnicas de escrita usadas por determinados autores. Cada um desses elementos, e mais alguns, está dentro dessa metodologia analítica que se atém a uma espécie de formalismo literário, em que cada parte desse todo tem sua função de aclaração dentro do texto. Essas análises que apartam esses termos e os explicam, ou interpretam, bem como na linguagem, estão ligadas à facilidade que adorna o mundo burguês⁴⁷. Além da alienação, que é comum, também há a facilidade de um recorte exaurir todo um contexto no qual a obra se encontre, interpretando-a apenas a partir de uma interação interna destes componentes, que forma um corpo textual, para ser lido inconscientemente, deixando evidente, por exemplo, apenas a função lúdica, ou o prazer da leitura, que como todas as outras funções não deixam de possuir eficácia, mas que no momento teremos que julgar como sendo funções parciais e formativas, sem contexto sócio-histórico.

De fato, não cabe aqui citar erros de interpretação e análise, mas, sim, chegar a um meio de encontrar, num diálogo entre a obra — nesse caso, literária — e seus componentes, muito mais que o conteúdo e palavras enquadradas na formalidade que a burguesia criou. O desejo é encontrar no texto, com todos os seus componentes, pontos de realidade, através da

⁴⁷ Expressão à qual me refiro ao atual sistema econômico. O mundo da alienação, da “felicidade” e da “facilidade”. Para Marx, o capitalismo é o mais alto nível de desenvolvimento econômico a que chegou a humanidade, e junto com todo esse glamour vem a falsa sensação de facilidade, que permeia também a arte, permitindo seu uso para as mais diversas relações. Relacionado à arte, as concepções criadas por este mundo ocultam as diversas conexões existentes num texto literário, por exemplo, diminuindo seus componentes um a um e relacionando seu conteúdo a meras relações de uma causa que surte efeito. Esse foi o mundo burguês que conhecemos fazendo as leituras na área da crítica literária marxista, o mundo da brevidade, onde tudo é resumível e simplificável.

abstração, existentes nesse texto, e contextualizar fatos de cunho importante para a História. No caso, uma contribuição para a história do feminismo na literatura de Ceres, ao menos no nível literário que ela se propôs escrever, para quem ela quis escrever.

Esses pontos de realidade que perpassam os momentos ditos fantásticos que cortam a objetividade, disfarçando uma possível historicidade, é, sem dúvidas, existente, visto que a arte literária lança perspectivas importantes e históricas. Esse diálogo entre as perspectivas contidas no conto “Rosália das Visões”, tanto explícitas como implícitas, imanentes e não imanentes, será abordado através do método que julgamos ser o mais viável para o reconhecimento de que toda obra literária possui, além de sua história objetiva, uma historicidade subjetiva, que é determinada por conexões do mundo exterior com o mundo do conto, os quais me refiro como dois mundos que existem, nesse texto, em uma dialética, como no método de Marx.

Esse método nos possibilitou chegar às conclusões subjetivas que já possuíamos, de acordo com a leitura inicial dos contos, sobre a nossa visão de sua historicidade e importância. Esse reconhecimento histórico foi realizado através de uma análise crítica e dialética, em que distinguimos as duas principais situações impostas em sua leitura. Não só interpretando, nem só analisando seus componentes, mas sim entendendo o seu contexto, procurando nele relações com a sociedade Alagoana. Entendendo, também, o quanto da percepção social da autora está presente nele, não só aspectos psicológicos, mas históricos, como já foi bastante enfatizado. Neste corte da objetividade, perpassamos o que há de fantástico⁴⁸ para chegar à sua historicidade.

4.5.1 Rosália das Visões: a mulher do patriarcado

A digressão das principais funções da literatura, inclusive a sua função estética diante da questão de um texto possuir uma forma⁴⁹, é extremamente importante para a observação a

⁴⁸ Há referências sobre alguns contos de Ceres serem denominados como fantásticos, dentro de outras correntes de pensamento que definem os tipos e formas de contos, sem que tenha havido um estudo alargado sobre as ideologias e tudo que influencia a escrita de um texto literário. Vislumbrando apenas as conexões internas, é possível chegar à conclusão que fazem dele um conto e fantástico. Mas isso é, em nosso entendimento, uma avaliação parcial.

⁴⁹ Para Terry Eagleton, crítico literário marxista inglês, que escreveu sobre o que é a literatura para o marxismo em “Marxismo e crítica literária”, entre outras obras, como “A ideia de cultura”, que faz uma abordagem do que é a cultura e quais suas modificações teóricas ocorridas de acordo com as mudanças cíclicas da história. A

ser realizada, na qual o viés a ser seguido é o de não limitar a obra às suas questões formais que representam interpretações e incompletude literária diante da vastidão que pode possuir um texto literário. Por exemplo, certo personagem tem tais características psicológicas em função da forma escolhida para o objeto literário, mas até que ponto elas nos interessam, além de interpretar sua personalidade?

Tentar expor mais que uma ideologia, decodificar as ideias dentro dessa forma, escutar a fala de um personagem, tirá-la do papel, trazer para a realidade sua “aflição” e “angústia”, internalizar e depois externalizar, refletir sobre ele e sua posição social em seu cenário, é uma atitude que traz informações apropriadas à descoberta de algo que não está propriamente dito. E, neste caso, o desfecho de um conto, um romance, enfim, que é pensado como fantasioso, aciona respostas para certos debates históricos que eram esquecidos ou não eram valorizados, e que vivemos atualmente ou ao longo de muitos anos de opressão, como as de gênero.

Essencialmente, a análise do conto trata dessas questões, que veem com o olhar histórico ao adentrar a sociedade, e o distanciamento da estética se torna uma tomada de consciência necessária para avaliar o sistema burguês, que se infiltra nas mais adversas situações, nas quais o capitalismo e toda a degeneração causada pela sua implantação são sólidos, mas não indestrutíveis.

Propor essa posição como ponto de partida é compreender que na arte e na literatura também ocorre uma teorização aplicável, algo sobre “especialidade”, que as colocam em função das ideologias para serem usadas de acordo com as necessidades políticas ou sociais de determinismo sistemático.

Neste trecho do trabalho, as observações são sobre a realidade regional das Alagoas, sobre o imaginário social a respeito do gênero. O diálogo de “Rosália das visões” com a história revela, no texto, mensagens sociais que concernem à questão do gênero feminino na literatura.

A imposição teórica aplicável, atrelada aos interesses de dominação, não poderia ser dada na arte ou na literatura de maneira contrária. Tudo o que o capitalismo se apropria, impossibilita e oculta um reconhecimento satisfatório das várias camadas de realidades existentes. Avaliamos que, para um melhor entendimento desse conto, precisamos levar em

leitura dele nos foi de extrema importância e clarificação sobre as questões de forma, suas relações com base e superestrutura, particularmente em seu capítulo “forma e conteúdo”, sobre o qual discorreremos agora.

conta que a personagem principal, Rosália⁵⁰ trouxe um complexo de informações históricas e de teor social para a trama ficcional.

Para a crítica marxista, é notório que a forma literária é uma imposição política que suprime, muitas vezes literalmente, as conexões diretas de fato estabelecidas entre a obra e tudo que lhe adorna. É o estético a ser obedecido, em que há a apropriação das técnicas de escrita, juntamente com as influências, fazendo com que o conteúdo, a narrativa, seja ou não admirável:

Os outros rezavam indefinidamente. Eram sombras que se moviam sem direção. De certo, como e, não tiveram aventuras e agora não poderiam voltar atrás. Seriam velhos? Ou estariam simplesmente à espera da ideia que os libertasse? Sim, minha ideia começara quando adotei na rua cães feridos e gatos sem lar. Logo logo passei a ser suficiente, por que era responsável por eles. São como tochas dentro da minha casa e através deles posso ver que escapei dos ruídos. Sim, isso é o que deverei dizer-lhe também, que a solidão nos aproxima da morte e, se ela existe, não são necessárias tais expectativas (CERES, 1994, p. 16).

Até aqui está claro que, através da crítica marxista, se concretiza o reconhecimento de que em toda obra de arte, inclusive na literária, existem expressões da realidade.

4.5.2 Quem é Rosália?

No cenário de uma igreja estava a personagem Rosália, a qual “Já não se avistava mais os cabelos ralos, presos no topo da cabeça. Rosália estava morta, vivera sempre tão sozinha e ali permanecia...” (CERES, 1984, p. 13.). Sua reconstrução, a partir de uma perspectiva histórica, é observada aqui através da visão de um Brasil oitocentista, que se reitera ao longo do século XX, onde os mortos eram vestidos com roupas parecidas às de seus santos devotos e ficavam expostos nas igrejas.

No conto “Rosália das Visões” (1984), sua narrativa pode não possuir uma ligação psicológica direta da obra com a realidade, já que não se trata dela ter tido a influência de sua própria vida na escrita, ou de alguém a quem tivesse proximidade, mas sim, da possibilidade de haver uma relação entre a obra e as realidades das mulheres no século XX, a serem retratadas no ambiente do mundo fantástico da literatura.

Os contatos sociais da autora e sua atuação política, nos vários setores em que esteve

⁵⁰ Rosa e lia, segundo a crítica formal de Maria de Lourdes do Nascimento.

à frente, estão todos ligados à defesa da mulher, e ainda que a crítica marxista negue as relações diretas e mecânicas, é pertinente observar que há uma influência dessas bases ideológicas na narrativa. A leitura analítica do dito conto encontra-se além do que é intrínseco à obra e a forma literária que nos fazem chegar a respostas para algumas indagações sociais sobre a personagem Rosália. A narrativa, em terceira pessoa, de uma lembrança remete a um contexto histórico brasileiro não muito distante: “Novamente a Lembrança de Rosália na igreja, o caixão branco vestida de santa.” (CERES, 1984, p. 14). Vê-se também, nesse trecho, outro ponto importante: “Sinto que por tudo isso Irineu me ponha no asilo. Ele já me pôs uma vez para ficar com minhas terras, que horror!” (CERES, 1984, p. 14). O contexto e o cenário aqui expõem a condição da mulher fragilizada em uma relação de interdição por motivos psicológicos, sofrendo o terror manicomial de uma época, que demonstra que com a morte de seu marido, dentro do patriarcado heterossexista ela perdera seus direitos. Os pontos reais do conto são a variação de posição dos bancos da igreja e o corpo de Rosália em estado de decomposição. Esses elementos são fundamentais para a evasão da realidade e uma determinação do passar do tempo na narrativa.

O cerne da nossa leitura sobre “Rosália das Visões” é desmitificar a personagem através da narração e encontrá-la através da abstração na história. A abstração vai existir pelo fato de haver um vácuo ideológico que leva a personagem a ser um mistério: “Na grande nave vazia aproximasse uma sombra. Parece de pedra. Mas eu posso escutar o que ela diz. Ela é tão viva quanto eu, de carne e osso...” (CERES, 1984, p. 14). Aqui, na concretude da decomposição do corpo, uma personagem fantasmagórica, até então.

A relevância histórica do conto, no campo da história social, se apresenta, entre outros aspectos, pelo fato de termos um caixão no meio de igreja sendo velado por tantas outras almas sem face — pessoas que recorriam à religião como forma de consolo. A narrativa mostra sinais da vida privada das mulheres, que só tinham liberdade de ir sós às igrejas, ainda assim não era uma liberdade efetiva. Mas era na igreja que as mulheres se refugiavam de suas duras realidades de casadas, viúvas e até mesmo sem filhos, impostas à vida limitada. Ou eram beatas, e todas se identificam com “Rosália que estava morta, vivera sempre tão sozinha ali permanecia no átrio da igreja parodiando sua vida” (CERES, 1984, p. 14). O resumo da vida da personagem é sua morte, assim como no conto, ela viveu e morreu, passou pela vida sem que pudesse ser percebida, e este é o retrato não tão antigo de uma mulher na sociedade em Alagoas.

4.5.3 Rosália e sua existência através do conto

A ideia de Sartre⁵¹ no conto não é tão só atribuída à atmosfera desse gênero literário. A ideia de existência e suas peculiaridades trazem à intelectualidade tradicional da autora e dentro do conto a frase: “A existência não é qualquer coisa que se deixe conceber de longe: é preciso que seu sentido nos penetre, se detenha em cima de nós, ponha-nos um peso intenso no coração, como um grande animal imóvel, porque a não ser assim nunca se saberá o que ela é...” (CERES, 1984, p. 17). Esse trecho desmitifica a ideia de que a mulher, como ser social e ativo na história, não existe para viver como viveu Rosália. A existência histórica da mulher se torna, aqui, base para o entendimento não só da análise formal no texto, mas também nos dá uma brecha para a história aparecer. No cenário do conto houve uma modificação nos bancos da igreja, houve um passar de tempo e o tempo é cíclico. Rosália estava morta, mas a mulher torturada por Irineu, secretário de seu marido falecido — a outra personagem representa as vítimas do machismo patriarcal alagoano — está viva na igreja, observando Rosália. Uma mulher que fala de existência e lê Sartre não nasceu para passar pela vida sem deixar sua marca. Uma mulher como tantas outras, que estava a ver Rosália num caixão, e que aprendera com ela o que eram os ruídos da solidão... Rosália, que talvez tenha sido uma santa, um exemplo de pureza a ser seguido, cuja exposição na igreja seria o preço a pagar pelo que foi em vida. Este elemento trouxe uma verossimilhança de vida para outras mulheres que viveram em épocas difíceis, com a determinação social das relações econômicas num estado que ainda hoje é provinciano em relação ao desenvolvimento humano, em geral. Essa tomada de posição é crucial para que se desfeche o conto também de uma maneira não só finalista, histórica, em que realidades do conto fantástico, dos bancos que mudam de posição na igreja, do corpo sem carne de Rosália, saem da atmosfera fantástica e trazem à tona uma contribuição para a história das mulheres, as quais Heliônia Ceres pode ter tido ávido contato em sua experiência histórica.

Rosália era Rosália das Visões, a morta d’escarnificada, da criação fantasiosa de Heliônia Ceres, que causou visões de liberdade às mulheres caricaturadas do patriarcado sedimentado pela divisão sexual do trabalho, essencialmente fomentada por entendimentos científicos, no que diz respeito aos aspectos biológicos. A ex-patroa de Irineu, personagem

⁵¹ Filósofo Francês representante do Existencialismo. A questão intelectual para Sartre era vista como representação e assiduidade ativista dentro da sociedade. Vide, *O Existencialismo*, sua obra de 1946 publicada na França.

opressor dos relacionamentos determinados pelas condições capitalistas e de construção e reprodução de recursos para a opressão das mulheres e das minorias, continuativas no século XX. Irineu que tomou o dote e a vida da viúva de seu ex-patrão, com arcabouços jurídicos e medicinais, pondo-a numa situação de vulnerabilidade mental tamanha que ela já não encontrava forças para viver, “Caminhava para a loucura. Treze pílulas, sim. Eram treze pílulas que ele a fazia tomar durante cada dia...” (CERES, 1984, p. 14). A mulher com posses, mas sem voz, sem nome, adoecida pela repressão capitalista, proibida de seus próprios desejos, uma das tantas mulheres que passaram pela vida sem ter “a quem dizer alô” porque a sororidade não era conceito social, mas que encontrou, em sua consciência, sua própria voz, refletida em Rosália: “Entretanto, agora prometera ajudar a amiga e, de verdade, se interessava por ela. Fora assim que Rosália lhe dissera para fazer e salvar-se de si mesma ‘Procura criaturas que anoitecem e amanhecem ser ter a quem dizer alô!’ (CERES, 1984, p. 15).

Considera-se, então, que essa mulher, que não era Heliônia Ceres nem era um reflexo direto de alguma mulher que ela conhecesse, mas a narradora da tristeza de mulheres das quais conheceu a realidade, em literalidade, e que — em sua condição feminina — também dentro das questões ideológicas religiosas, foi posta como santa. Essa mulher, em um desfecho, foi uma mulher que tirou o peso da vida da personagem sem nome e calada pela sociedade após a morte de seu marido. Rosália era a consciência de uma mulher que sabia que deveria agir e resolver sua vida: “Vamos resolver o caso de suas terras, não temas nada.” (REFERÊNCIA). Era preciso transformar essa ação em um “ato de revolta” (CERES, p. 17). Rosália, então, viu: “Os olhos tornaram-se mais claros, os ouvidos mais nítidos e de sua mente escapavam, uma por uma, todas as sombras da igreja...” (CERES, 1984, p. 18). Um desfecho que revela a tomada de consciência e que sugere ação em um momento posterior.

Observa-se que se em todos os contos de Ceres analisados aqui há um desfecho técnico e neutro, em “Rosália das Visões” há um desfecho com posicionamento do gênero em resposta às opressões que lhes eram impostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender uma mudança de pensamento social da autora Heliônia Ceres em relação ao seu modo de entender e encarar o debate de gênero e a respeito do tratamento das questões relacionadas aos outros gêneros dentro de sua obra jornalística e literária.

As primeiras observações são advindas de suas publicações na Gazeta de Alagoas, editando a Gazeta Feminina, no início de sua carreira como intelectual no estado. Em relação à literatura, houve uma seleção dos contos que apresentavam aspectos dessa mesma mudança de pensamento, que deixa de ser reflexiva para se tornar mais interventiva, uma espécie de recado social à sociedade alagoana do século XX.

O processo de mudança desse pensamento se torna histórico a partir do momento em que ela entende que as relações sociais são, de certa forma, confluídas com a postura que um intelectual precisa assumir na sociedade. Essa mudança foi observada na renovação de conteúdo das colunas, quando nomes como Linda Mascarenhas e Lourdes Vieira começam a assiná-las nos cadernos da Gazeta Feminina, trazendo conteúdos mais progressistas sobre as mulheres, que de todo modo convivem e dialogam com as colunas sobre moda, receitas, “para o lar”, parte da contradição presente nesse processo.

Dentro desse processo, muito da escrita de Heliônia Ceres possuía um caráter reflexivo, no âmbito de refletir as questões sociais das mulheres de seu tempo em sua volta.

Sua escrita, que poderia ser interventiva desde o início de sua carreira na Gazeta, no qual a Gazeta Feminina poderia ter tomado um espaço que, de forma contraditória, expunha elementos da condição feminista — e, portanto, de gênero — da época, demorou para iniciar a tendência, em um processo que não tomou essa forma, inicialmente. Isso devido à falta de abertura do leque intelectual e de convívio de Ceres, que era, de fato, restrito, devido à sua própria condição material e modo de vida, como uma intelectual tradicional, e casada com um sobrenome forte em questões econômicas e patriarcais.

O caderno ia e vinha em publicações que pareciam tomar forma em uma coluna que desse às mulheres o recado social necessário para sua crescente autonomia. Apesar dos limites, suas colunas mostravam as mudanças na vida social da mulher, indo além de apresentar o que era ser uma dona de casa impecável, além de mãe e esposa. O caderno trouxe informações, diversão e cultura, porém não alcançou um feminismo social adequado e confluyente com as lutas pela emancipação da mulher, inclusive buscada já por mulheres da

sociedade alagoana, e que já ocorriam no Brasil e no mundo.

Porém, nem tudo é perdido, pois mesmo carregando contradições, o caderno não deixou de avançar em certos pontos durante dois anos, e quando nos anos finais parece ter perdido o fôlego para garantir sua continuidade. Colocamos esta hipótese, mas ao mesmo tempo indicamos que faltam informações documentais suficientes sobre como se deu o fim do caderno, muito menos se houveram motivos explícitos relativos ao tratamento da temática feminina que culminasse nesse fim, ou até mesmo se a autora se deu conta que ali não era um lugar para dar continuidade à sua obra. Não há conclusões definitivas. De todo modo, depois desse trabalho jornalístico, Ceres se dedica com mais afinco à sua obra ficcional, seus contos, que dão aparato para fomentar a hipótese aqui levantada, de que seu pensamento evoluiu e ficou além da brecha social do caderno feminino de perfil aristocrata.

Não é o ponto crucial desse trabalho afirmar que ela teria que ter aderido a um feminismo, ou ter sido uma representante forte dele — apesar de que já existia em suas etapas iniciais, pelo fato de possuir um diploma em língua estrangeira e ter tido o talento de escrever, juntamente à sorte de possuir relações que podem ter lhe servido de base para que pudesse ser conhecida mundialmente através de sua literatura —, mas sim enfatizar que mesmo de maneira a assumir uma brecha social e ter sua intelectualidade tradicional, o fez em processo histórico. E fomentamos, com a teoria gramsciana sobre os intelectuais, que as relações sociais também fazem o ser alcançar uma maturidade intelectual quando envolvido em determinado meio que o influencia neste sentido.

A pesquisa deu enfoque à caracterização da autora junto à teoria sobre os intelectuais, que para Gramsci, a sua definição ontológica é dada à ênfase em termos sociais, em detrimento de uma definição axiológica de que o intelectual assim o é por natureza, convertendo-o a muito mais do que apenas estudar uma técnica e adquirir, através dela, um diploma ou ter habilidades especiais em suas faculdades mentais. Todo ser humano é um intelectual. Mas é preciso usar sua intelectualidade de forma a interferir socialmente e revolucionar o modo de vida ou de perspectiva de vida, como foi observado em sua caracterização.

Passando para a intelectualidade técnica, o trabalho trouxe aparato para a contribuição marxista na história através da análise dos contos pelas teorias literárias de Luckács e Eagleton, pelas quais adentramos o campo da História Social, através da teoria literária. Neste processo, Ceres deu indícios de que sua intelectualidade estava tomando uma forma sociocrítica, quando descreve os personagens de gênero alternativo em sua literatura. A

observação é a de que antes existiam muitas personagens mulheres, e também personagens místicos, e a partir da análise dos tipos que a autora criou em suas publicações, envolvendo figuras como Santinho ou Jacques, e chegando em Rosália — um homossexual, um travesti e uma mulher sem perspectiva, viúva de um casamento que colocou em xeque sua sanidade mental —, respectivamente. Todas as personagens dão sinais de que suas vidas não tinham sido fáceis, vivendo em sociedades de enredo heteronormativo, sociedades em contextos e conjunturas distintas, mas que mesmo sendo diferentes, tinham as mesmas características atuais: patriarcais, preconceituosas, nas quais as relações dependiam única e exclusivamente de uma manutenção do estado de desenvolvimento capitalista. Sociedades que desumanizam o ser humano, tornando-o cada vez menos através de uma sectarização que fere não só as condicionantes humanas em suas esferas sociais, mas também psicológicas, de raça e de gênero.

Dentre as publicações analisadas, o conto “Rosália das Visões” é o que mais reflete, em sentido amplo, o início dessa mudança de pensamento da autora, em que a finalização do conto traz uma preocupação maior com a vida e estabilidade das mulheres por parte dela. Afinal, em certa medida, em seus contos anteriores as mulheres eram personagens condicionadas ao misticismo e condenadas aos finais ditos fantásticos.

A análise permite constatar que até chegar no conto que fomenta a hipótese aqui defendida, a passagem pelas personagens Santinho — que era exposto e difamado pela sua sociedade por não gostar de mulheres — e Jacques — que era um homem culto, estrangeiro e com dinheiro, porém travesti —, percebemos que ainda não havia na autora uma decisão de iniciar uma literatura crítica em relação à condição daqueles que hoje denominamos LGBTQI+. Uma literatura na qual ela pudesse tornar a finalização destas personagens semelhantes à de Rosália, que é uma narrativa e personagem nitidamente amadurecidas do ponto de vista estético, tal como argumentamos. Isto, ao que parece, deve-se ainda à experiência histórica vivida pela autora, por não ter conseguido chegar em relações que lhes dessem um aparato para tomar um posicionamento social de defesa em relação às outras esferas que o feminismo e as lutas das minorias que ele abrange já poderiam permitir. Então ela escolhe uma abordagem parcial e limitada, que ao meu ver, não é de todo negativa, já que ainda estamos tratando de uma intelectual tradicional em um processo de amadurecimento da experiência social e histórica, que toma a aparição de personagens de diferentes gêneros com novas temáticas literárias e enredos não fantasiosos, abrindo uma ótima brecha para que o debate de gênero comece a surgir na história e na literatura local de Alagoas.

Terminamos, deixando como perspectiva, que enquanto não houver ruptura, tomemos percepção e conta das brechas, como fez, de maneira inconsciente ou consciente, Heliônia Ceres, e como tentamos demonstrar neste trabalho.

REFERÊNCIAS

Coleção Gazeta Feminina (1953-1955). in: Fundo pessoal de Heliônia Ceres:

A HERANÇA de Adão. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A LOURA e o cavalo. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A AMADA de Beethoven. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A ATUAÇÃO da mulher na política. Gazeta de Alagoas, Maceió, 31 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

A MULHER na indústria eletrotécnica. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 2ª/3ª Seção, Gazeta Feminina.

A MULHER e o automóvel. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

A MULHER e o lar. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A MULHER e o lar. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A MULSER (Sic) no noticiário do mundo. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A PERSONALIDADE da semana: Lourdinha Vieira. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

A ORIGEM dos meses. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

AS NOSSAS incoerências. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina, 4ª página.

ALGUNS conselhos para seu jardim e seu lar. Gazeta de Alagoas, Maceió, 04 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ALVES, Joaquim. Heliônia Ceres: Uma artista em estado de Graça com sua arte. Gazeta de Alagoas, Maceió/Rio de Janeiro, 1985.

AMOR terminado. Velha história. Gazeta de Alagoas, Maceió, (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

AMORES de gente famosa. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ANTÔNIO, Marco. O Conclave marca início do resgate da Biblioteca Pública. Para Helionia Ceres, que lança livro amanhã, a reconquista de espaços culturais de Maceió deve ser uma bandeira de luta de todos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de out. de 1995.

ANEDOTAS históricas. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ANEDOTAS históricas. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

APRENDA mamãe. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ARRANJOS ATUAIS. O arranjo da sala de estar. Gazeta de Alagoas, Maceió. (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ASTRU, Lucien. O bom tom. De “A” a “Z” para moças. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina, 4ª página.

BABOSA, Jorge. Heliônia Ceres. Escritora, Mulher, sem feminismos. Gazeta de Alagoas, Maceió 02 de jul. de 1984.

BARON, Simone. As cores em moda. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

BOAS maneiras. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

BOAS maneiras. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

BOAS maneiras. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

BOAS maneiras. Gazeta de Alagoas, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

BOAS MANEIRAS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

BOM tom. Gazeta de Alagoas, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

C. PEREIRA DO CARMO, Rosinha. Livros diferentes. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CANTIGAS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CARNEIRO, Sinhá. Como cuidar do seu bebê. O segundo mês. Gazeta de Alagoas, Maceió,

01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CARNEIRO, Sinhá. Como cuidar do bebê. “Cuidado com a pele do bebê”. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CASA-SE menos na capital da República. Gazeta de Alagoas, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina

CERES, Heliônia. Mulheres célebres. Gazeta de Alagoas, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Mulheres célebres. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Mulheres célebres. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Mulheres célebres. Gazeta de Alagoas, Maceió, 31 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 18 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 15 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 13 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió. (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió. 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CERES, Heliônia. Retrato. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

COISAS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 13 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

COISAS da literatura. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

COISAS da vida: um inspetor impopular. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

COMO manter o marido em casa. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONSELHOS domésticos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONSELHO de “amigo da onça”. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONSELHOS úteis. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta

Feminina.

CONSELHOS úteis. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

CONSELHOS úteis. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONSELHOS úteis. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONSELHOS úteis. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

CONSELHOS úteis. Gazeta de Alagoas, Maceió, 15 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

CONSERVE sua beleza. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONTOS nº2 faz sucesso. Gazeta de Alagoas, Maceió, 07 de fev. de 1954, 3ª seção, Gazeta Feminina.

CONVÉM saber. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

CONVÉM saber. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CONVÉM saber. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina, p. 4.

CRISTIANO, Doris. Sociedade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CUIDE de sua beleza: eis uma das dificuldades para as senhoras. Gazeta de Alagoas, Maceió, 13 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CURIOSIDADES. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CURIOSIDADES. Gazeta de Alagoas, Maceió, 18 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

CUIDE de sua beleza. para conservar bonitos braços. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DAQUI dali. Gazeta de Alagoas, Maceió, 18 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DAQUI dali. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DAQUI dali. Gazeta de Alagoas, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DAQUI e dali. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DARIEL, J.L. O excesso de qualidades domésticas nem sempre é proveitoso. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DELLA, M. C. O paraíso da cozinheira. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DELLA, M. C. O paraíso da cozinheira. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DE TUDO um pouco. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DE TUDO um pouco. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DE TUDO um pouco. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DE TUDO um pouco. Gazeta de Alagoas, Maceió, 13 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DEMENEZES. Eliézer. A Amada Presente. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DERZEN, Margol. Certas profissões são favorecidas para o casamento. Na Alemanha, as enfermeiras obtêm grande êxito matrimonial. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 2ª/3ª Seção, Gazeta Feminina.

DIFÍCIL partilha. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

DUAS ADVERTÊNCIAS dois conselhos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

É LOUCURA, mas é verdade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

EDUCAR... tarefa difícil: A importância da atitude dos adultos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ELEGÂNCIA. Gazeta de Alagoas, Maceió, 13 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ELIZALDE, Graciela. No Mundo da Moda. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955.

3ª Seção, Gazeta Feminina.

EM TEMPO. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ENCICLOPÉDIA de lar. Flores de Lã/ Os sapatos de seu filho/ Cuidados com você mesma/Pudins. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina

ENXOVAL do bebe. Gazeta de Alagoas, Maceió, 04 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ESTE mundo louco. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

FALTAM mulheres? Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

FANTASMAS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GRANDES vultos da humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GRANDES Vultos da Humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

GRANDES Vultos da Humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

GRANDES vultos da humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GRANDES Vultos da Humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 04 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GEORGE Sands vista por André Maurois. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GRANDES vultos da humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GRANDES vultos da humanidade. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GODIN, Huguette.O azul marinho e sua permanente juventude. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

GOTTER, Leon. Um Rei Solteiro em Apuros. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 2ª/3ª Seção, Gazeta Feminina.

IGREJA para os Estados Unidos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção,

Gazeta Feminina.

IRENE. Sociedade de cultura artística. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

JIMM, H. Os momentos inesquecíveis da vida: Responde Lucienne Boyer; Auxílio-Involuntariamente e sob ameaça de Dois Revólveres e de Uma Bomba- A fulga de um revolucionário Uruguio. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

LAGES, Solange. Reflexões de Helionia Ceres. Jornal da Cultura, 2 de abr. de 1978.

LEMBRETES. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

LISBOA DE MOURA, Renira. Pigmalião. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

LIVRO Rosália das Visões é lançado na Universidade. O Norte, João Pessoa, 5 de abr. 1998.

LOPES DE MENDONÇA, Clécia. Segundo Noturno. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

LOPES E MENDONÇA, Clélia. Gazeta de Alagoas, Maceió, 18 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

LOPES DE MENDONÇA, Clécia. Nosso Silêncio. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

LOPES DE MENDONÇA, Clécia. Tarie Inesquecível. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção.

MACEIOENSES protestam contra a violência. Conduzindo faixas manifestantes protestam no centro contra a violência. Gazeta de Alagoas, Maceió, 18 de abr. de 1991.

MAIA, Tereza. Escritora alagoana lança O Conlave. Das Alagoas Heliônia veio ao Recife para lançar seu mais recente livro, um romance cheio de suspense. Diário de Pernambuco, Recife, 27 de ago. 1994.

MAIS um livro: Heliônia Ceres lançara amanhã Contos nº1 na Faculdade de Filosofia. Gazeta de Alagoas, Maceió, 3 de mar. 1968.

MALDONADO. G, Miguel. O primeiro ônibus. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MAQUIAGEM para o verão. Gazeta de Alagoas, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MARA. Em torno de “Reflexões”. Folha de Alagoas, Maceió, 9 de mai. 1978.

MARAVILHOSO tônico de beleza. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MARIANGELA. O eterno problema. Gazeta de Alagoas, Maceió, 04 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MASCARENHAS, Linda. No domínio da arte. Gazeta de Alagoas, Maceió. 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MASCARENHAS, Linda. No domínio da arte. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MEIRELES, Cecília. Poema. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MENDONZA SIERRA, Josefina. No Mundo da Moda. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MEXERICOS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 15 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

MULHERES no posto de gasolina. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção.

NÃO levaram a sério. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

NÃO se esqueça. Gazeta de Alagoas, Maceió, 15 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O BRASIL corre. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O CORVO de Creuse. Gazeta de Alagoas, Maceió, 18 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O DUQUE de Buckingham e a rainha Ana da Áustria: amores de gente famosa. Gazeta de Alagoas, Maceió, 24 de abr. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina, p. 4.

O MANUAL da madame. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O MUNDO em revista. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O ORÁCULO de siwa. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O RÁDIO na extinção do mosquito. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

O TELESCÓPIO mais aperfeiçoado do mundo. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

OS CAMINHOS da beleza. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

OS GORILAS poderão falar. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

OS PÉS atributos de beleza. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

OS SETE pontos capitais da moda masculina. Gazeta de Alagoas, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

OS TERRAÇOS no verão. Gazeta de Alagoas, Maceió, 15 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

ÓCULOS baratos e a preciosidade de nossos olhos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

PARA embelezar os banheiros: sugestão de uma decoradora francesa. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PENSAMENTOS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PENSAMENTOS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PENSAMENTOS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, p. 4.

PENSAMENTOS. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

POLIGLOTA, Ingrid. 3 artistas. Gazeta de Alagoas, Maceió, (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PORQUE não o fazemos também?. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PROVA provada. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PSICOTESTE: Você tem qualidades de percepção?. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

PUBLICIDADE. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

QUAL a quantidade de leite que você bebe?. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

QUANDO uma criança adoece a mãe deve saber como agir. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

RECEITAS para você: Gelatina de frutas. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

RECEITAS para você. Gazeta de Alagoas, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

RECEITAS para você. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

REVISIONISMO. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

SABER retira-se. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

SEJA dona da sua casa. Gazeta de Alagoas, Maceió, 17 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

SENHORAS e senhoritas. Gazeta de Alagoas, Maceió, 10 de maio. de 1953. 4ª Seção, Gazeta Feminina.

SEU FILHO. o senso de independência pode começar até pelo vestir-se. Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de mai. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

SEUS RABISCOS refletem seu caráter. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

SINAL dos tempos. Gazeta de Alagoas, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

SILVEIRA, Clelia. A taça desperzada. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

SILVEIRA, Paulo de Castro. A obra da escritora Heliônia Ceres. Gazeta de Alagoas, 5 de ago. 1984.

SCHNEIDER. Otto. Motores a turbina nos automóveis do futuro. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de fev. de 1955. 2ª/3ª Seção, Gazeta Feminina.

TACO a taco. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

TALENTO para contas histórias.” O Jornal Especial, Maceió, 1 de mai. de 1997.

TENÓRIO, Graça. “Heliônia, uma paixão pelas letras. Helionia Ceres conversa com Graça Tenório.” *Gazeta de Alagoas*, Maceió 04 de fev. de 1995.

TIERNEY, Gene. O segredo do encanto e da personalidade. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

TOME nota. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 13 de dez. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

TOME nota. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

UM ESPELHO que reflete exatamente como somos. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 01 de ago. de 1954. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

UMA ESPANHOLADA da duquesa. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 14 de fev. de 1955. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

UM PRATO pra você- bolo de banana. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 18 de out. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*

UM PRATO para você- suflê. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*

UM PRATO para você: bife a estanhola / gelatina de leite coco. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 01 de nov. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

UM PRATO para você: peru assado. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

UM TESTE para moças: você leitora sabe conservar a amizade das mulheres?. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 27 de dez. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

VALENTE, Valentino. Série de lendas Brasileiras. Índio voador. *Gazeta de Alagoas*, Maceió. (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

VASCONCELOS, Fátima. Heliônia Ceres no mundo das letras. Alagoana lança seu 19º livro, *O conclave*; e protesta contra a má conservação dos prédios públicos em Alagoas. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 21 de out. 1995. Caderno B.

VÁRIAS. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

VAMOS falar de mulheres. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 15 de nov. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

VESTIDA de espuma. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 22 de nov. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*

VENCIDA a “Doença do bronze”. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 11 de out. de 1953. 3ª Seção, *Gazeta Feminina*.

VIEIRA, Lourdes. Educar... Tarefa difícil: A significação da atividade criadora. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

VIEIRA, Lourdes. Educar... Tarefa difícil. As atividades que surgem para beneficiar a criança. Gazeta de Alagoas, Maceió, (?) de jul. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

VIEIRA, Lourdes. Educar... Tarefa difícil: O desenvolvimento social no ambiente escolar. Gazeta de Alagoas, Maceió, 14 de ago. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

VIEIRA, Lourdes. Educar... Tarefa difícil: Encarar os problemas honestamente. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

VOCÊ é afetada? Gazeta de Alagoas, Maceió, 08 de nov. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

VOCÊ, o ovo e o seu filhinho. Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 de out. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina

VOCÊ SABIA?. Gazeta de Alagoas, Maceió. 04 de set. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

VOCÊ tem Sex-appeal. Gazeta de Alagoas, Maceió, 20 de dez. de 1953. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

WHETHER FOI. Gazeta de Alagoas, Maceió, 19 de jun. de 1955. 3ª Seção, Gazeta Feminina.

WILLIAMS, Monique. Serão vocês belas dentro de 25 anos?. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 de jul. de 1954. 3ª Seção.

Bibliografia:

ANDRADE, Ana Célia Navarro de. Arquivos, entre tradição e modernidade: vol. 2 - trabalhos apresentados nas sessões de comunicações livres e os eventos paralelos do **IX Congresso de Arquivologia do Mercosul**. [recurso eletrônico]. 2ª ed. - São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2017.

BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana de F. B. **Teoria e Prática da Crítica Literária Dialética**. Brasília: EdUNB, 2011.

BRANDÃO, Izabel. **Terceira Margem**. Rio de Janeiro - Número 20: UFRJ, 2009.

CERES, Heliônia. **Rosália das visões**. Maceió: Editora Canopus, 1984.

CERES, Heliônia. **Olho de Besouro**. Maceió: Editora HD livros, 1998.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Reymond Williams**. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

CEVASCO, M. E. O diferencial da crítica materialista. In: **Ideias**, v. 4, n. 2, p. 15-30, 20 dez.

2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/download/8649378/15933>.

Acesso em: 12 jan. 2021.

COELHO, Aurelino. A dialética na oficina do Historiador: Ideias arriscadas sobre algumas de método. In: **História & Luta de Classes**, nº 9, pp. 7-16, junho de 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Luckács Proust e Kafka**: Literatura e Sociedade no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CHAVEZ, Wagner Neves Diniz. Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore: o espetáculo e a excelência. In: **Anais XIX Congresso Iberoamericano de Extension Universiaria, I Encuentro de museos universitarios de iberoamerica, II Encuentro de museos universitarios del mercosur**. Santa Fé, Argentina, 22 al 25 noviembre de 2011.

DE SOUZA, Iariana; OLIVEIRA, Joedsa Wanessa; MOTA, Klessiane; DIAS DA FONSECA, Soraya; DA SILVA, Taciana Kelly. Higienização e conservação de acervos do museu Théo Brandão. [Banner]. In: **Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia (CAIITE)**, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 18 a 23 de agosto de 2014.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Perspectivas da crítica literária hoje. In.: **SIBILA: Revista de poesia e crítica literária**, São Paulo, ano 18, 23 de mar. de 2016.

EAGLETON, Terry. **O que é cultura?** São Paulo: EdUNESP, 1943.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura uma introdução**. 6ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. São Paulo: EdUNESP, 2011.

ESTEVÃO, Adriana Gisele; DUARTE, Patrícia Cristina de Oliveira. Uma proposta de análise dialógica do conto a moça tecelã, de Marina Colasanti. In: BELLINI, Nerynei Meira Carneiro; BROCHADO, Sonia Maria Dechandt; DIAS, Luiz Antonio Xavier; PINTO, Vera Maria Ramos. (Org.). **Leitura e Ensino**: da pesquisa à sala de aula. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015, v. 1, p. 209-220.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: Quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. **Volume 2**: Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. **Volume 5**: O Risorgimento, notas sobre a História da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e Organização da Cultura**. Civilização Brasileira, 1979.

- GRAMSCI, Antônio. **Poder, Política e Partido**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos**: vol. 1. Lisboa: Seara Nova, 1976.
- LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MACIEL, Osvaldo. **O arquivo pessoal de Bráulio Cavalcante**: levantando novas questões sobre os episódios de 1912 a partir de fontes parcialmente inéditas, Maceió, 2018. [no prelo].
- MASSAUD, Moisés. **A criação literária**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- MAGALHÃES, Belmira. **Vidas secas**: os desejos de Sinhá Vitória. Curitiba: HDLIVROS, 2001.
- MAGALHÃES, Belmira. **Contradição Social e Representação do Feminino**. Maceió: EDUFAL, 2011.
- MOSCIARO, Clara. **Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, (Cadernos técnicos, 6).
- NASCIMENTO, Maria de Lourdes. **Conto**: O ponto de encontro e do espanto na narrativa fantástica de Heliônia Ceres. Maceió: EDUFAL, 2011.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx**. Editora Popular, 2011.
- RIZZI, Iuri. Da Documentação à pesquisa: ações do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. In: **Anais Semana Nacional de Museu na Unifal**. 5, 2013, Minas Gerais, p. 64-72.
- SANTOS, Cibele Araújo Camargo Marques dos; LUZ, Charley dos Santos; AGUIAR, Francisco Lopes. Introdução à organização de arquivos: conceitos arquivísticos para bibliotecários. In: **Tópicos para o ensino de biblioteconomia**: volume I [S. l: s.n.], p. 190, 2016.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. São Paulo: Editora L&PM, 2009.
- SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. In: **Cadernos Pagu**, nº 24, p.315-325, janeiro-junho de 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a16.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4ª ed.. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. Barcelona: Ediciones Península, 1988.
- WILLIAMS, Raymond. **Base e superestrutura na teoria cultural marxista**. in: Revista USP, São Paulo, n. 65, p. 210-224, março/maio 2005.
- WILLIAMS, Raymond. **Palabras-chaves**: um vocabulário da cultura e da Sociedad. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1985.

WILLIAMS, Raymond. Marxism, structuralism and literary analysis. In: **New Left Review**, Vol. 1, n. 129, p.51-66, 1981.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo, estruturalismo e análise literária. In: **PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 21.1, pp.195-216, 2014.

Sites e fontes online:

ANILDA Leão (1923 –). Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/anilda-leao-1923/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ACADEMIA Brasileira de Letras (ABL). **Américo Jacobina Lacombe**: biografia. Biografia. 2017. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/americo-jacobina-lacombe/biografia>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ARQUIVO Nacional. **Federação Brasileira pelo Progresso Feminino**. 2018. Disponível em: <http://brasilrepublicano.arquivonacional.gov.br/component/content/article/61conheça-nosso-acervo/121-federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ARQUIVO Nacional. **Série mulheres e o arquivo**: Lily Lages. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1593-serie-mulheres-e-o-arquivo-lily-lages.html>

CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DA MULHER DE ALAGOAS - CEDIM (Maceió). Organização Sem Fins Lucrativos. **Página inicial**. 2021. Facebook: @cedimal. Disponível em: <https://www.facebook.com/cedimal/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FARIAS, Felipe. MORRE A JORNALISTA ARLENE MIRANDA: luto, ela foi a primeira mulher a exercer o jornalismo em alagoas. **Gazeta de Alagoas**. Maceió, 27 dez. 2013. Cidades. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=236404>. Acesso em: 11 jan. 2021.

GOGO de Emas: A participação das Mulheres na História do Estado de Alagoas. A participação das Mulheres na História do Estado de Alagoas. 2005. Clipping. Disponível em: http://www.mulher500.org.br/wp-content/uploads/2017/07/clipping_gogo.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

HAYMAN, Luciana. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/equipe/LucianaHeymann>

INSTITUTO Lukács. **Quem é György Lukács**. Disponível em: <http://www.institutolukacs.com.br/quem>. Acesso em: 11 jan. 2021.

RICARDO Ramos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Ramos. Acesso em: 11 jan. 2021.

TICIANELI, Edberto. **Federação Alagoana pelo Progresso Feminino**. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/federacao-alagoana-pelo-progresso-feminino.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.

TICIANELI. **Linda Mascarenhas, a eterna primeira dama do teatro alagoano**. 2018. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/linda-mascarenhas-a-eterna-primeira-dama-do-teatro-alagoano.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.

VACCA, Giuseppe. **Breve cronologia de Antonio Gramsci (1891-1937): os anos de cárcere**. Roma: Contra Ponto Editora, 2012. Disponível em: <http://www.contrapontoeditora.com.br/arquivos/detalhes/Vaccaintroducao.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ANEXOS

ANEXO I - HELIÔNIA CERES E O GAZETA FEMININA: LUGAR DE PRODUÇÃO INTELLECTUAL



Imagem 1: HELIÔNIA CERES

Imagem 2: SEÇÃO RETRATO – GAZETA FEMININA



Levanta os braços para o firmamento
E conta a vida porque a vida é boa
Mesmo esmagada pelo sofrimento.

... Martinho, e se chamasse pelas suas coisas, coisas mundanas para se dedicar exclusivamente ao empreendimento de lançar um dicionário etimológico de língua francesa. Nessa obra de Herbert empreendeu-se primeiro em demonstrar que todas as palavras das línguas derivavam do grego.

... bastante adiantado, e permanentemente de volta ao mundo, com o intuito de voltar ao mundo anterior, e das provisões de luz.

Foi o tal empreendimento que se consagrou, por um mínimo fato científico, tornando-se, por esse fato, famoso. E o seu destino, a tal ponto que não podia prever, segundo a, de outros almas das criaturas gregas e

A atuação da mulher na política

Uma interessante enquete

O "Diário de Notícias" de Rio, iniciou um questionário referente aos problemas da mulher na sociedade. O primeiro tema abordado foi o de sua atuação na política. Apurou-se das respostas que se seguem, tendo sido feitas respectivamente a cinco mulheres e cinco homens.

Respondem as mulheres:
D. ESTER DE VIVEIROS — presidente da Liga Pro-Fraternidade, fundadora da União de Fraternidade da Mulher Brasileira. "Tem a mulher capacidade de exercer não só funções políticas como as demais tarefas masculinas, a não ser a de brincar pedras ou a de carregar um piano moderno de apartamento. Contrai-se a política se for para isso necessário prejudicar sua própria tarefa de mãe de família?"

LIA CAVALCANTI — cronista radiofônica, funcionária da Câmara Federal. "Pro. Não vejo por que vedar à mulher, mesmo pela opinião, qualquer atividade lícita aos homens que não dependa de força física. (O que não importa dizer que a vocação política me parece das mais comuns ou apropriadas à natureza feminina).

MARIA AUGUSTA TIBIRICA MIRANDA — médica. "Se a mulher, como o homem, recebe os efeitos de uma boa ou má política tem, como aquele, não só o direito como o dever de participar na vida pública. Atuando na política a mulher está defendendo o seu próprio lar e o destino dos filhos. Assim lutará por um mundo de justiça, liberto de fome, de miséria e de doença; por um mundo de liberdade e de paz".

EUNICE PAIVA EVANGELISTA — dona de casa. "Sou a favor. Por que negar à mulher o conhecimento e a capacidade política? Anos a primeira atuação brilhante na política não nasce do jour-à-jour de sogra e norã".

NAZARE COSTA — dona de casa. "Mulher não deve se meter em política, a menos que tenha ainda mais vocação do que os homens que fazem política e cuja vocação, tantas vezes, é outra, muito diferente".

Respondem os homens:
JOAQUIM TENREIRO — decorador. "Nunca se pode ser contra a mulher. Quem a rouba é política são os filhos".

JOSE LEWGOY — artista de cinema. "Sou sempre a favor das mulheres. É a melhor política".

C. AMARAL — estudante de direito. "Sou favorável quando as mulheres são honestas e realmente experientes, dependendo isto, todavia, de condições sociais que lhes permitam agir construtivamente".

DAREL — desenhista e gravador. "A mulher deve ser mãe, mãe e só mãe".

RAMIRO MARTINS — arquiteto e pintor. "A mulher é, em geral, mais inteligente, mais difícil de corromper e de mais bom senso, por isso sou a favor".

CURIOSIDADES

O primeiro e mais longo romance do mundo foi uma história em 34 volumes, escrita por uma mulher japonesa. A obra intitula-se "Gengi Monogatari" ou seja "Mexerico a respeito do sr. Gengi", e sua autora se chamava Murasaki (senhora Violeta).

Vaugelas, com mais polido espírito francês, viveu sem recursos, que aos credores, legou a cirurgião.

Júlio Verne escreveu o primeiro romance de em balão aos anos.

Um prato para CROQUETES BACALEIA
Ingredientes: 250g de batatas, 250g de calhaus — 250g de trigo — 2 ovos e sal a gosto. Fritar em óleo quente. Servir com molho de tomate e maionese.

Dormitório tipo nº 1020

Confecção em Imbúia maca
Acabamento esmerado

Imagem 3: A atuação da mulher na política.

Fonte: Gazeta Feminina/Arquivo Público de Alagoas.

Imagem 4: A MULHER E O LAR

os quais o menos dano são as mortezinhas à metralha. Era...

Depois ele dá uma entrevista à imprensa, mostra as suas pistolas, diz que tem o «corpo fechado»... e conquista a admiração dos brasileiros...

Aqui em Macaé, por exemplo, causou sensação a sua presença. Que homem admirável! Ele não é que ele usa mesmo na capa preta?! E que metralhadora adorável ele traz na cintura!

Contra as violências que se praticam em seu nome, contra o abuso à lei que se vem cons...

Sertão e...

(conclusão da 1a. pág.)

validade que se tornam familiares ao leitor, este se paltrona pelos problemas de cada um, habilita-se ao conteúdo daquela gente. Identifica-se com o narrador, compreende a hesitação de Benedito, aplaude o esforço do contador transformado em enjeo-da-guarda empurrando e Alice para o final fe...

Relata Graciliano Ramos, em suas «Memórias do Cárcere», que, ao encontrar, no Recife, os mocinhos que José Lins do Rego descreveu em «Moleque Ricardo», a si mesmo perguntou se o romance conhecia a vida que se vivia. E responde que não, assinalando a grande obra de imaginação, dada por aquele a quem acusavam ser apenas uma memória. Mas voltava a perguntar: «Tornaria esse amigo a impor outra história assim, igual, desleixada, mas onexistem passagens admiráveis, duas pelo menos a agir o ponto culminante da literatura brasileira?». Suponha que não. Mas há de ter algo que sim. E se tivesse agido a ler «Cangaceiros», agido a ler «Cangaceiros», conhecera as proezas de um homem que não se entregava, José Lins continua a ser, há tantos anos, depois e a mesmo da bagacela e senzala, sem se entregar, seja de «novelas convencionais para um público bêta-rico e vazio», como recém-arrumado e velho Gra...

omens e...

(conclusão da 1a. pág.)

o a singeleza e sabor de anidade que há nas páginas daquele jovem ficcionista. Adorno intitula-se «A Itha e os contos».

A R S

tinhar sem que o nome de Brasil ficasse mais seriamente paulistas!

A Mulher E O Lar

«A natureza mesma, com a filiação e com o acatamento, conferiu à mulher a mais alta missão social: a de manter unida a família.

Conquistamos o voto e a honra de poder ser juradas e diplomatas, e mesmo que as nossas reivindicações sociais levassem a sociedade ao martirizado, isto aconteceria sobretudo porque representamos o protoplasma do núcleo familiar.

Ulisses, ávido de sensações e de novas experiências, vagava pelos mares parando acidentalmente nas grutas de Calipso e no castelo encantado de Circe; mas em sua casa, Penélope o esperava, segura do seu retorno, assuta no urdido enganoso aos que, durante os vinte anos de ausência de Ulisses, pretenderam a sua mão, amorosa com o filho nascido do seu amor, sábia com os servos, elemento conservador por excelência daquele lar que ela defendia contra todos.

Doce lar para o qual correíamos a buscar abrigo, como quando éramos crianças e a inocência de temporal nos aterrorizava; colhíamos a divina fruta e nos aprazávamos na direção de nossa casa da qual víamos brilhar as primeiras luzes. Também isso acontece hoje, quando a tempestade ameaça nossas cabeças de adultos; e ela tem vários nomes: pode chamar-se guerra ou fracasso ou desilusão ou, talvez, somente necessidade de repousar a cabeça sobre o coração de nossa mãe ou, quando se trata de um homem, da mão de seus filhos.

De onde nos vem então este fascínio sútil, mas tão poderoso que nos liga à casa. Das recordações da infância? Dos afetos que o lar guarda? Das coisas que não são familiares e assinalam uma por uma as etapas da nossa vida?

Não, alguma coisa de místico está na casa, alguma coisa da indestrutível, alguma coisa que é leve e eterno como o fogo das Vestais romanas, que é sagrado. O homem do clai figurou este sentimento em um rústico fetiche, mas talvez no seu coração de primitivo havia o mesmo fervor com que a mulher moderna reza hoje, como proteção dos seus e das suas coisas, a puríssima e cristã Ave Maria.

A mulher, guarda da casa e do lar, é também a depositária da fé que ela inspira...

Conservar a casa, fazer dela o acolhedor ninho para os entes queridos, costurar para os filhos, cozinhar para o marido que volta do fatigante trabalho, para os filhos que a escola devolve esfomeados, tudo isto é prece. Ora et labora, diziam os religiosos medievais, e oravam obras-primas de arte religiosa e de misticismo.

Até o mundo antigo pagão sentiu toda a força da mulher na sua dupla missão de dirigente da casa e de conservadora da fé, e se teve sempre sujeita à vontade do marido, foi para poder melhor defendê-la em todas as circunstâncias. De fato, ela vivia respeitada e arbitria absoluta do andamento interior da casa.

Ora et labora. A criança de ontem é o adolescente de hoje, com a carga das suas curiosidades, dos seus problemas, das suas doidas morais. A mulher, a mãe, deve saber encontrar para ele palavras doces e amargas, duras e ternas para mantê-la afastado das artes do mal. Deve ensinar-lhe a docura do perdão, a justiça, a linha reta da vida, o respeito aos sentimentos alheios, o amor ao seu lar, valores inestimáveis a defender de um clima crepuscular muito denso, regado de sangue, em cujas sombras se debate perdida a geração dos jovens de hoje.

E isto é também prece!

A Favor Ou Contra As Pernas Nuas?

Personalidades e artistas entrevistados respondem à pergunta acima.

ANNE BAXTER, de volta aos Estados Unidos após uma longa estada na Europa, ao descer do avião trajando um «tauteur» de saia curta, disse: — Todas as americanas que possuem pernas bonitas adotam o «short-look».

JEAN PETERS, uma das mais elegantes vedetes de Hollywood, atualmente na Itália, afirmou: — O sr. Dior é muito cruel para com as mulheres. Se imagina que as saídas das mulheres subirão e descenderão como estores, está muito enganado.

em quando nas suas conversas termos rebarbativos, expressões técnicas ou frases estranhas?

3 — Refere-se constantemente às suas conversas e pessoas importantes?

4 — Tenta conservar alguns amigos ou parentes em segundo plano por que se sente envergonhada deles?

5 — Para impressionar os outros, você costuma referir-se a lojas, restaurantes e hotéis?

Uma contagem de 21 a 30 é extraordinariamente alta. Frase si uma pessoa que passa ser e próprias qualidades. Uma conta é um pouco insincera e gosta, menos, você pode ser um pouco pessoa simples honesta e natural.

Especial para

NOVA YORK — Tendo certeza de que todas as leitoras concordarão comigo que os preços elevados acarretam sérios problemas para uma dona de casa organizar o «menu». E' de se esperar, portanto, que acolham com prazer qualquer sugestão que vise barateá-lo.

Assim pensando, é que ofereço hoje um «menu» sugerido pelo Instituto de Economia Doméstica da General Electric e que, além de sair muito barato, tem a vantagem de poder ser preparado rapidamente.

Ela o «menu»:

- Sopa de cebolas à francesa
- Carne assada;
- Bananas assadas;
- Pimentões na manteiga;

to que farão aos espectadores a moda de seus vestidos (de comprimento muito variado quando forem levados nos cinemas, os filmes que estão sendo atualmente realizados.

PROBLEMAS PSICOLÓGICOS

PROF. PIERRE WEIL

A desarmonia entre os pais tem repercussões tremendas na alma dos filhos; devem-se evitar discussões em presença das crianças, não ao pelo mau exemplo dado como também por outros motivos.

Imagem 5: Série de Lendas Brasileiras



Fonte: Gazeta Feminina, julho de 1955. Arquivo Público de Alagoas.

Imagem 6: Personalidade feminina da semana

ANEXO II - CONTOS

SANTINHO

Nem bem Comrade Joaquim fechava os olhos, estava Santinho estirando-lhe o terno escuro, providenciando tudo para lavar-lhe o corpo.

Santinho na verdade, era Julio Santin, que os colegas batizaram de Santinho. A corruptela pegara. Santinho bem merecia bem merecia o nome, Bom amigo, prestativo, não bebiba, não fumava, não gostava de mulheres. Essa era de certo a falta que a malícia humana não lhe perdoava. Chamavam-no de “frango”. Mas ele nunca se importou com isso. Ninguém jamais o viu com liberdades, fosse com home, fosse com mulher. Gostava de colecionar carteiras e cuidar de defuntos.

Homem ou menino, ele chegava logo cedo á casa enlutada para levar o corpo do morto, numa verdadeira cerimônia, a qual ninguém tinha acesso. Fazia tudo sozinho, e não queria que, nem mesmo os familiares, viessem perturbá-lo com choros ou ladainhas.

Pedia balde água, pano com sabão e toalha. Cinquenta ou quarenta minutos depois, abria a porta e apresentava o defunto lavado e arrumado, o terço entre os dedos entre os dedos.

Por todo este trabalho, Santinho não recebia tostão. Vivia do salário da prefeitura e não admitia que lhe oferecessem recompensa pelo trabalho com os defuntos da cidade. E mais, não gostava que falassem da sua dedicação aos mortos. Dizia sempre que aquilo era mania e desconversava. Até que se sentia mal quando insistiam no assunto.

No próximo defunto lá estava Santinho invariável. Entrava no quarto, examinava o morto, pedia a roupa com o que deveria ser enterrado, estirava-a no ferro e se trancava com ele.

Santinho só cuidada de homens. Mesmo em casos de necessidade, não lavava mulheres. Era um escrúpulo tamanho, uma vergonha. Vergonha? Santinho passara toda vida ao lado da mãe e das irmãs. Anos a fio, a morte com ele. A mãe, as irmãs e a morte com ele. Depois a solidão. Na cidade pequena, ele e suas lembranças. Coleções de caixas de cigarros encontrada pelas ruas. O emprego da Prefeitura, datilografo-continuo-servente-almo-xarife. Arrumava também flores nas festividades locais, e nas datas verde-amarelas.

Depois veio a mania de arrumar defunto.

O primeiro, foi o filho do Serapião. Rapazinho taludo afogado no açude. O santinho chorou abraçado com ele. Ninguém sabia que Santinho de tal maneira estimava o garoto.

Chorava e tremia abraçado com ele. “É um histérico”, diziam. Santinho fora tomado por um histérico.

Muitas vezes, dia de chuva, atravessava o campo, batendo o queixo para atender um chamado. Se o defunto já estivesse arrumado ele voltaria. Fazia tudo sozinho, de começo.

Dizia-se que aquilo cheirava a penitencia. Outros diziam que Santinho era maluco. Sua família já dera muitos, e na Vila Messias, todos lembravam o Zezinho-Padre, que entrava na igreja para roubar hóstias e celebrar missa. Quando seu Romão da vila vizinha, entrou para a vigia das imagens, acabou com o Zezinho-Padre. Ouviu mexendo lá dentro, passou fogo. O doido manso estendeu-se no chão paramentando, cálice e hóstias nas mãos, um balaço 38 no meio do espinhaço.

Agora compadre Joaquim morrera de repente. Era o pajé da cidade. Entendia de lua e curava gente passando a mão na cabeça. Não fazia 48 horas que extraia um lundu brabo do ouvido de Dona Perolina. Ela sofria de um mal que a tornava surda e inchava o lado direito. Foi a ultima cura do cumpadre Joaquim.

Santinho chegou cedo para arrumá-lo. Pediu a roupa, estirou-a, o defunto lá no quarto ainda quente. O povo todo chorando pedindo a benção.

Na hora de vestir o santinho trancou a porta. O povo gritando do lado de for, querendo entrar, olhando pelas frestas escondido no forro do quarto, para não perder um minuto a visão do compadre que partia.

E aí começam a sussurrar segredos do Santinho. Santinho-execrando. Santinho-cão.

MEU AMOR ESTRANGEIRO

O quarto ali era o terceiro, vizinho ao banheiro, a chave dependurada na fechadura.

“Não quero que toques nas coisas deste quarto. São pessoais. Não creio que possam te interessar, estão escritas em francês e alemão. Não tolero sequer que se modifique os traços da poeira que aí estão. Tudo o mais é teu.”

Achei graça, mas afinal de contas, foi o que me disse quando me mudei para seu apartamento tão amplo quanto os antigos apartamentos no Brasil.

A chave dependurada na fechadura durante os três meses seguidos que desfrutávamos juntos uma aventura de amor alucinante, eu inteiramente apaixonada, discutindo nossas perplexidades e o mundo. Eu gostava de conversar com Jacques. Culto, polivalente e tão amigo da própria ,mãe que jamais conheci, mas cuja imagem eu também amava, tão clara e boa, um êxtase permanente entre nós, dispostos, todos os instantes a nos entregar á

inconsciências de um mundo sem limite e que não repartíamos com ninguém. Como poderia haver alguém assim? Não havia ninguém igual a Jacques.

Nós nos amávamos com intensidade crescente e falávamos da vida e sofriamos juntos até mesmo com um tombo que sofrera anos atrás nos Alpes Suíços, onde perdera dois dedos da mão esquerda e permanecera em coma durante meses a fio, a chama da vida vacilantes, querido Jacques, pequena chama a quase apagar. Depois, a liberdade de viver e caminhar, a volta para a vida. Lágrimas assomavam aos meus olhos, pois eu percebia que, mais do que sofrer, ele guardava desse fato sempre presente na sua sensibilidade um rancor ou uma inquietude que eu não alcançava.

Meus sonhos profundos ligados na beleza de sua simpatia., da cara sardenta, os cabelos ruivos, espetados para cima. Um cavalheiro de meia estatura e trinta anos que sabia demais e cantava canções de amor. Ah! “la cicca sul tavolino”, ele suíço-francês (como aprendera, nos poucos meses que estudamos juntos, em Roma, a falar tão bem a língua italiana das belas canções de amor?), e aquelas outras de Chales Aznavour, sua voz rouca como a dele, a cantar, a sussurrar *mon amour*, *u tras* palavras de que eu captava a emoção, mas, realmente, não entendia. Aliás, Jacques não se interessava que eu aprendesse seu idioma natural, o que me espantava, e eu cria que esse era o capricho de mantermos um sonho intraduzível, eu em tatear sua expressão, ele e eu nos entendemos em cima da emoção.

A chave dependurada na fechadura do quarto. Ora, não me interessa. O que ali está escrito é em francês e alemão, que não entendo. Mas por que deixar a chave na porta se não me faz entrar no quarto? Ri quando me ocorreu a história do Barba Azul, aquele das sete esposas decapitadas pela própria curiosidade de entrar no quart proibido, tão logo usavam a chave. Mas, entre nós, o amor era bastante para eu lhe abrir o coração: “Não pretendo abrir a porta do teu quarto Jacques, mas por que incitas minha curiosidade com essa chave dependurada na fechadura? Aprendeste com o Barba Azul?” Ele não respondeu.

- Estás zangado?

Tomou-me bruscamente pela mão e abriu a porta misteriosa. Lá estavam livros e revistas catálogos e agendas, centenas de jornais, o pequeno telefone onde mantinha conversas intermináveis com sua mãe, tudo tão bem ordenado que me desarmou.

Mas, havia também álbuns de fotografias que não me quis mostrar, cartões postais que sequer tocou, pequenas e grandes balanças intrigantes e a tranquilidade perdida quando perguntei o que é isso? Caixas quadradas de aço, do tamanho de uma cabeça, tão hermeticamente fechadas que pareciam que escapassem à percepção.

- Nada a esconder, *voilà!* Foi o que ele disse.

Dias após dia, a oposição continuada a que eu estudasse seu idioma. Eu ignorando seu mundo, seus amigos, suas reuniões e, por isso mesmo decidida a estudá-lo em segredo, sozinha. Não pretendia desafiá-lo frontalmente.

Comecei a sair, me exercitar em pequenas leituras que não trazia para o apartamento, a falar com pessoas na rua, a conversar nas lojas, nos supermercados. Passei a consultar até a secretária da *Bibliothèque des Arts*, que eu agora frequentava para corrigir minha pronuncia.

A primeira vez que afinal entrei no quarto e consegui ler seus jornais deparei-me com uma reportagem sobre transformistas, homens e homossexuais, a foto de Jacques em foco, fantasiado de bailarino, seminu, dançando entre muitos num galpão de nome “*Le Brebis*”, dizimado pela polícia, muitos dos componentes presos, outros traficantes de drogas, que viviam pela cidade. Ele muito jovem, muito jovem, depois mais velho nos seus álbuns com amigos e mulheres, uma mulher, um bebê nos braços, depois dois bebês, o terceiro bebê, Jacques entre várias pessoas, a mulher e ele, outras mulheres e homens em várias partes da Europa, por fim, presas num colecionador branco e preto, notícia de jornal sobre o assassinato da mãe dos bebês, degolada por um bando e Jacques detido durante uma violenta busca policial, na qual perdeu dois dedos na mão esquerda. No tiroteio, outros feridos e, afinal, ele preso como suspeito da morte da mulher. Noutra pequena notícia Jacques afinal liberado por falta de provas. A partir daí, eu sem palavras. O pensamento vazio e o medo daquele homem que não era Jacques, travesti e assassino? Pai de muitos filhos? Nós dois, nós dois?

Eu precisava de minha lucidez para sobreviver nas mãos daquele desconhecido que nem mesmo o idioma eu deveria conhecer.

Eu, diante dele, tentava dissimular o que sabia.

-Tu estás diferente, o que há?

Eu senti que ele descobrira que eu entrara no quarto proibido. Tão doce, curioso.

-Não, não amor, é que as férias cehagam ao fim, devo decidir se volto ou não para concluir o curso em Roma. Aprendera a mentir. Era inacreditável, eu sabia dissimular.

Mas, agora, eu traduzia também os telefonemas dados no quarto e tomava conhecimento de certo Joseph que o chamava com insistência a algum lugar, para juntos decidirem o que fazer da “estrangeira”. Que estrangeira?

-Vamos dormir, querida. Já é muito tarde para falarmos da tua partida. Mamãe telefonou agora. Vou a Lausane, amanhã. Quando eu voltar decidiremos tudo a respeito de tua viagem.

Eu me resumia nem sorriso. Tão forte quanto minha luta pela sobrevivência nessa última noite, eu dormi com Jacques. Eu que não era eu, confusa, perplexa, estrangeira nas suas palavras de amor, como podia ser, como podia ser? Ele ia viajar e voltaria para resolvermos a respeito de minha viagem.

Muito cedo ainda ele partiu. Levantei da cama doidamente, valises e sacolas espalhadas pelo chão, apanhei meu passaporte e fugi.

ROSÁLIA DAS VISÕES

Novamente a lembrança de Rosália na igreja, o caixão branco, vestida de santa.

Quase não havia carne em seu corpo. A expressão era a mesma de sempre: meio-riso sardônico, cortando as rugas e a agressividade do nariz adunco. Já não se avistavam mais os cabelos ralos, presos no topo da cabeça. Rosália estava morta, vivera sempre tão sozinha e ali permanecia, no átrio da igreja, parodiando sua própria vida.

Eu não podia fugir àquelas lembranças. Voltava à igreja, há quanto tempo isso? Olho ao redor. Vazio. Silêncio. No espaço enorme há bancos separados em ordem vertical. Até então estavam todos horizontais, paralelos uns aos outros, como em todas as igrejas do mundo. Por ali estão alguns homens e mulheres sem face, que rezam também, cabisbaixos.

Tento ver-lhes os olhos, sento-me e espero. Não são um ou dois que surgem ali. São tentos

outros. Na grande nave vazia aproxima-se uma sombra. Parece de pedra.

Mas eu posso escutar o que ela diz. Ela é tão viva quanto eu, de carne e osso:

-Sinto medo que por tudo isso Irineu me ponha no asilo. Ele já me pôs uma vez, para ficar com minhas terras, que horror!

- Prometo que não o deixarei fazer!

-Juras?

- Oh, juro!

Mas como eu pude prometer semelhante coisa? Pobre amiga a quem engano. Por que os sentimentos interferiam e, de repente, resolvi prometer uma ilusão? Por que deveria intrometer-me em assuntos que não entendo nem me pertencem?

Ela repetia que estava mais sozinha do que na sua casa fechada, com medo de Irineu.

Caminhava para a loucura. Treze pílulas, sim. Eram treze pílulas que ele a fazia tomar durante cada dia:

Para o metabolismo

Para o fígado

Para a cabeça

Para enxaqueca.

Caminhava decerto para a loucura. Agora mesmo ouvia na sala um ruído surdo, opaco, indefinido, contra o qual não havia pílulas. Chamou Rosário e a filha para ouvirem também, mas elas não ouviram. Chamou o pedreiro que levantava os muros lá atrás da casa, mas ele também não ouviu; explicou que era certamente a sonda de petróleo que os engenheiros puseram no mar, ali perto.

Abri-me então num sorriso e disse claro que eu já ouvira igualmente aqueles sons.

Aprendera com Rosália que eram eles os ruídos da solidão. Das palestras mortas. Dos pensamentos sem eco jamais me libertara dessas lembranças que restavam de uma vida sem passado, por isso vinha rezar. Era uma boa coisa a fazer meio à vida, sem maiores ocupações. Entretanto, agora prometera ajudar a amiga e, de verdade, se interessava por ela, Fora assim que Rosália lhe dissera para fazer e salvar-se de si mesma “procura criaturas que anoitecem e amanhecem sem ter a quem dizer alô”!

Os outros rezavam indefinidamente e emitiam uma nota surda que parecia o zumbido de mil abelhas, cortado por soluços menores que escorriam. Eles viviam num mundo só e inquieto. Era tão grande o silêncio que se ouvia correr o sangue dentro de cada um deles e o perpassar do próprio pensamento.

Naquela precisa hora, eu não poderia dizer-lhe que também viera à igreja em busca de Rosália. Nem que continuava a me perguntar por que viera, por que sofria as origens e o fim, por quê? Mergulhara na vida sem pedir, mas procurava sair desse mundo temeroso dos tais ruídos solitários, mais perigosos do que as buzinas e os motores, os ruídos da vida.

Os outros rezavam indefinidamente. Eram sombras que se moviam sem direção.

Decerto, como eu, não tive aventuras e agora não poderiam voltar atrás. Seriam velhos? Ou estariam simplesmente à espera da ideia que os libertasse? Si, minha ideia começara quando

adotei na rua cães feridos e gatos sem lar. Logo logo, passei a ser suficiente, porque era responsável por eles. São como tochas dentro de minha casa e através deles posso ver que escapei dos ruídos. Sim, isso é o que deverei dizer-lhe também, que a solidão nos aproxima da morte e, se ela existe, não são necessárias tais expectativas.

Ela continuava a falar de Irineu e eu lhe repetia, letra por letra, o que lera e havia decorado: “A existência não é qualquer coisa que se deixe conceber de longe: é preciso que seu sentido nos penetre, se detenha em cima de nós, ponha-nos um peso intenso no coração, como um grande animal imóvel, porque, a não ser assim, nunca se saberá o que ela é...”*(Palavras de Jean Paul Sartre em O Ser e o Nada)

Realmente não entendo tuas palavras, quero apenas escapar de Irineu, eu estou só.

Quero que não o deixes tomar o que é meu, prometes? Ele foi apenas o secretário de meu marido, ele não pode tomar o que é meu.

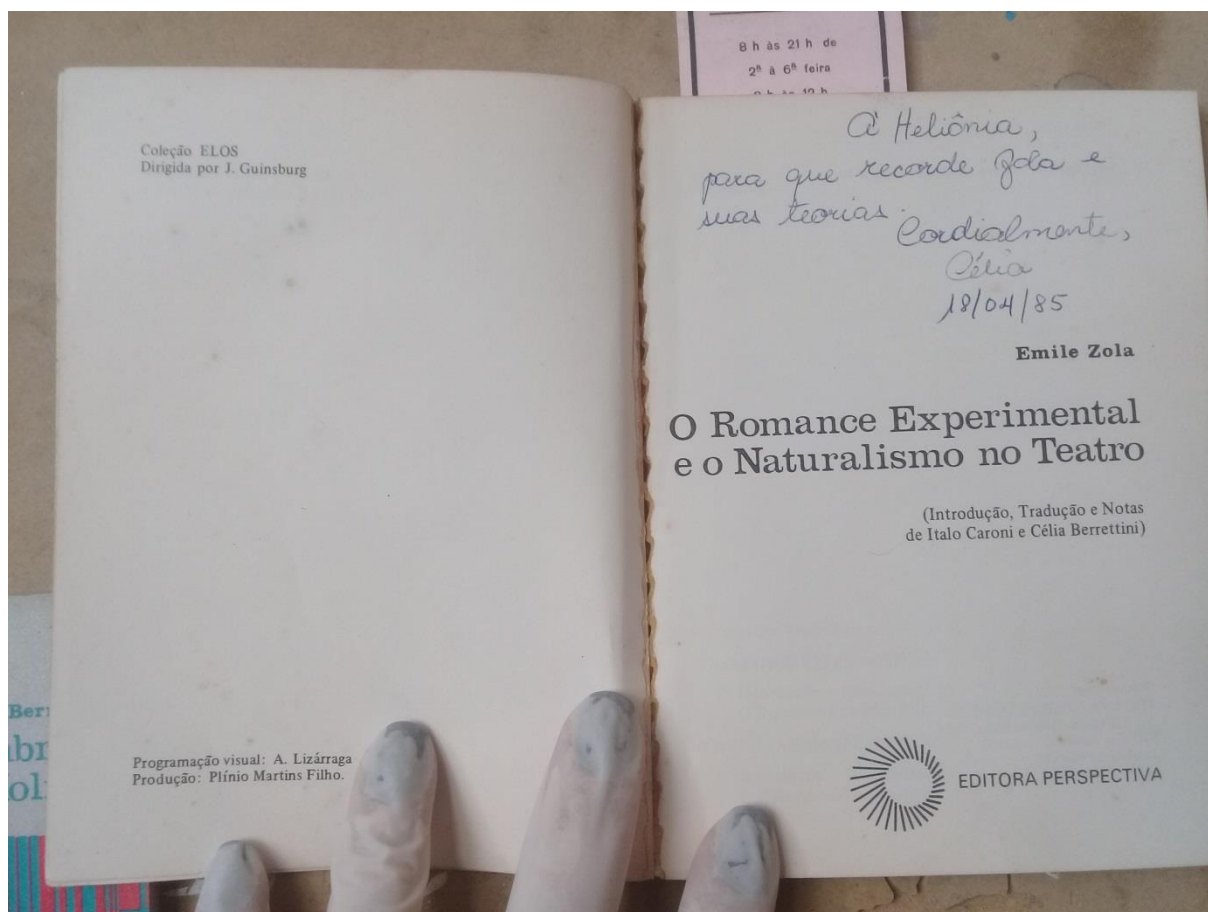
Qualquer motivo que as houvesse trazido à igreja se apagava. Levantaram-se e, dentro da vasta nave de bancos postos em ordem vertical ela tomou a outra pela mão. Parecia que se tornava enorme, cada vez maior, a ideia crescia e agora ela partia para cuidar de nova vida. Resolvera ser igual a todos os outros, pôr o “grande peso” no coração, assumir coisas imprevistas. Através desse ato de revolta, passaria finalmente a existir.

Levantou a cabeça com orgulho e segurou ainda mais forte aquela mão. Era já uma forma de poder. Embora ainda estivesse tateando, estava pronta:

-Vamos resolver o caso de tuas terras, não temas nada.

Os olhos tornaram-se mais claros, os ouvidos mais nítidos e de sua mente escapavam, uma por uma, todas as sombras da igreja, até mesmo se apagava a sombra de Rosália.

ANEXO III - FIGURAS PARA ENTENDER A CARACTERIZAÇÃO INTELECTUAL DE CERES





by
D. J. [unclear] 6/2015

A. amigo GERALDO MOTA
com a gratidão e admiração
do

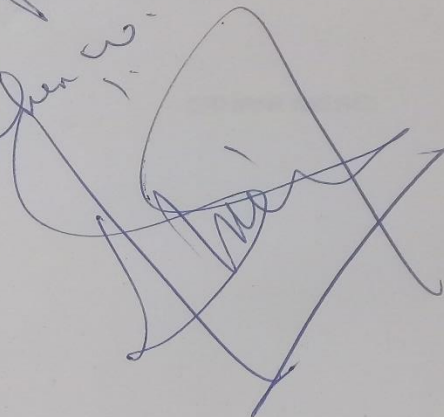
[Handwritten signature]

20/08/16

0054

arques

A
Heliovin
com
apenas
1-2



CADERNO DE MÚSICA

A TERRA DA MÃE DE DEUS

"É um trabalho muito rico e seu próprio mérito já está colocado na introdução, que aliás me agradou tanto, que foi a parte que refiz com mais prazer."

Quero dizer de que gosto na sua Tese — e onde eu gosto vou também fazer algumas propostas de diálogo — é uma outra concepção que você tem sobre a própria idéia de carisma! Não nos termos clássicos da Teoria de Weber, mas na idéia de santidade. Você tem um capítulo especialmente sobre isto, onde trata da santidade do Padre Cícero. Vejamos lá e vou dizer que essa é uma parte que também me agradou bastante.

A idéia que eu acho que tem uma continuidade com seu corte, que julgo original, de estudar uma ideologia das camadas dominadas, ou a religião delas, é a parte em que você mostra a existência de certo dualismo na sociedade que está estudando, onde o pecado aparece como idêntico à fome, à desigualdade, à violência. Você usa essas palavras para mostrar realmente o que é o pecado. Esta é uma idéia que me parece também boa.

Para ir aos caminhos mais remotos da história que você quer contar, desceu até o passado. Selecionei desse as idéias que vão servir para seu Trabalho, isto é: os primórdios, já no século XIX, das feiras, das romarias e a idéia que você já começa a colocar da dissociação entre o catolicismo burocrático e de poder e o povo. Citando um dos autores que descrevem a situação na época, Gardner, você fala que existia um estado moral dum catolicismo permissivo. Selecionando na bibliografia, idéias que você considerou interessantes, procura mostrar que começava a haver um distanciamento entre as camadas populares e a própria hierarquia Igreja. Você é contra a idéia de Ralph

a Cava de que toda a ideologia do catolicismo popular seria uma consequência da romanização da Igreja. Você afirma, ao contrário, que essa romanização investe contra

A
TERRA
DA MÃE
DE DEUS

A dona Helisônia, a mestra
que ensina História da América, lendo
até as coisas sobre os pioneiros. Guardei de
memória "Fernão Dias Paes Fere - Inimigo, Plan-
tador de Cidades. Lembra-se?

São as coisas que sedimentam o conheci-
mento transmitido, provocando um a fertiliza-
ção da vida, a produção intelectual.

Com a minha admiração, Luiz Gonzaga
Macedo, 7/8/1988